

Diego Moschkovich • Luiz Pimentel
Bela Moschkovich • Lucas Oliveira

MUNDO DE EXPLORAÇÕES ARTE

Categoria 2: Obras didáticas
por componente ou especialidade
Componente: Arte

2^o
ano

Anos Iniciais do
Ensino Fundamental

**MANUAL DO
PROFESSOR**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.
PNLD 2023 - Objeto 1
Código da coleção:
0029 P23 01 02 000 060

 MODERNA



MODERNA

Diego Moschkovich

Mestre em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bacharel em Artes Cênicas pelo Instituto Estatal Russo de Artes Performativas, São Petersburgo, Rússia (revalidado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Bacharelado em Atuação Cênica). Diretor de teatro, tradutor, pesquisador em Artes Cênicas. Professor.

Luiz Pimentel

Mestre em Educação (Área de concentração: Educação – Opção: Filosofia da Educação) pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Bacharel em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Ator, dramaturgo, pesquisador em Artes Cênicas. Professor.

Bela Moschkovich

Bacharela em Letras – Inglês pela Universidade de São Paulo. Especialista em Canção Popular pela Faculdade Santa Marcelina (SP). Cantora, compositora, tradutora e revisora. Professora de Música e canto.

Lucas Oliveira

Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Bacharel em filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bacharel e licenciado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Pesquisador e mediador cultural. Professor.

MUNDO DE **EXPLORAÇÕES** **ARTE**

2^o ano

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Categoria 2: Obras didáticas por componente ou especialidade

Componente: Arte

MANUAL DO PROFESSOR

1ª edição

São Paulo, 2021

Coordenação geral de produção: Maria do Carmo Fernandes Branco

Edição de texto: Denise Costa Felipe

Assistência editorial: Lygia Roncel

Assessoria pedagógica: Regina Averoldi

Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula

Coordenação de produção: Patrícia Costa

Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues

Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Megalo/Narjara Lara

Capa: Daniela Cunha

Ilustração: Marcos de Mello

Coordenação de arte: Aderson Assis Oliveira

Edição de arte: Felipe Borba

Editoração eletrônica: Narjara Lara

Edição de infografia: Giselle Hirata, Priscilla Boffo

Coordenação de revisão: Camila Christi Gazzani

Revisão: Ana Marson Elza Doring, Janaína Mello, Lilian Xavier, Márcio Della Rosa, Sirlene Prignolato

Coordenação de pesquisa iconográfica: Sônia Oddi

Pesquisa iconográfica: Angelita Cardoso, Vanessa Trindade

Suporte administrativo editorial: Flávia Bosqueiro

Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues

Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro, Vânia Aparecida M. de Oliveira

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Andréa Medeiros da Silva, Everton L. de Oliveira, Fabio Roldan, Marcio H. Kamoto, Ricardo Rodrigues, Vitória Sousa

Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mundo de explorações arte : manual do professor / Diego Moschkovich ... [et al.]. -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2021.

Outros autores: Luiz Pimentel, Bela Moschkovich, Lucas Oliveira

2º ano : ensino fundamental : anos iniciais
Categoria 2: Obras didáticas por componente ou especialidade

Componente: Arte
ISBN 978-65-57797-34-1

1. Arte (Ensino fundamental) I. Moschkovich, Diego. II. Pimentel, Luiz. III. Moschkovich, Bela. IV. Oliveira, Lucas.

21-66960

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Vendas e Atendimento: Tel. (0_11) 2602-5510

Fax (0_11) 2790-1501

www.moderna.com.br

2021

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Carta ao professor	MP004
SEÇÃO INTRODUTÓRIA.....	MP005
I. A ARTE NA ÁREA DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS.....	MP005
O ensino e a aprendizagem da Arte.....	MP005
O ensino de Arte na Educação Básica: um breve histórico	MP005
II. ORGANIZAÇÃO DA OBRA DIDÁTICA	MP006
Organização dos Livros do Estudante	MP007
Índice de conteúdos e sugestão de planejamento para uso do Volume 2.....	MP008
III. REFERENCIAIS NORMATIVOS	MP012
Documentos orientadores.....	MP012
Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular.....	MP013
Competências Específicas e Habilidades	
de Arte para o Ensino Fundamental.....	MP013
Aprendizagem e avaliação formativa	MP016
<i>Avaliação diagnóstica.....</i>	MP017
<i>Avaliações durante o processo.....</i>	MP017
<i>Avaliação somativa ou de resultado</i>	MP018
<i>Sugestões de instrumentos de registro das aprendizagens dos estudantes.....</i>	MP018
IV. PRÁTICAS EM ARTE	MP018
Pesquisar em diferentes fontes.....	MP019
Promover exposições	MP019
Realizar visitas culturais.....	MP019
Promover encontros com artistas	MP019
Entrevistar	MP019
Realizar rodas de conversa.....	MP020
V. ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, DO TEMPO E DOS MATERIAIS	MP020
O espaço	MP020
O tempo	MP020
Os materiais: disponibilidade e cuidados	MP020
VI. O TRABALHO COM SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS.....	MP021
VII. TECNOLOGIAS DIGITAIS, APRENDIZAGEM E ARTE	MP021
VIII. A FAMÍLIA E A APRENDIZAGEM ESCOLAR	MP021
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS	MP022
SEÇÃO DE REFERÊNCIA DO LIVRO DO ESTUDANTE	MP024

Prezada professora, prezado professor,

Esta coleção se destina ao ensino de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A Arte é componente curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias, e o foco dos estudos artísticos no Ensino Fundamental está centrado nas linguagens: Música, Teatro, Dança, e Artes Visuais. Dada a complexidade dos saberes e fazeres artísticos geralmente presentes em conexões interlinguagens, um dos objetivos do componente curricular Arte é convidar os estudantes a compreender a criação artística com base na integração entre as linguagens da arte. Assim, dado que a Arte é um conjunto de linguagens e, portanto, um sistema simbólico de representação, nossa intenção é oferecer subsídios de apoio didático que vão além do conhecimento específico, contribuindo também com as demais áreas do conhecimento para o desenvolvimento e a consolidação das competências gerais propostas na Base Nacional Comum Curricular e dos diferentes eixos do Plano Nacional de Alfabetização pelos estudantes, bem como de seu potencial criativo, empático e comunicativo.

É nosso desejo que este material, teoricamente fundamentado, corresponda às suas necessidades e práticas e atenda às demandas educacionais dos estudantes e familiares das diferentes regiões brasileiras. Por isso, a coleção dá especial atenção à diversidade de artistas, obras e proposições artísticas, buscando apresentar ao estudante modos de criar e de pensar a arte em diferentes contextos sociais e geográficos. Além disso, destaca exemplos de artistas contemporâneos brasileiros de modo a, sempre que possível, aproximar do cotidiano do estudante os temas desenvolvidos.

Elaborada por professores especialistas nas linguagens artísticas, a coleção oferece possibilidades de organização de percursos formativos que podem ser adaptados, repensados, reorganizados com base em sua experiência e realidade.

O trabalho nos anos iniciais requer um professor com competências polivalentes que abrangem desde cuidados básicos educacionais, como acolher e cuidar, a conhecimentos específicos das diferentes linguagens da Arte. A coleção pretende contribuir para o aperfeiçoamento dessas competências oferecendo propostas para o preparo das aulas, o estabelecimento de rotinas e a seleção de estratégias e atividades, considerando, sempre, sua participação em um projeto educacional em construção.

Os autores

SEÇÃO INTRODUTÓRIA

I. A ARTE NA ÁREA DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

Ao ingressar no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, os alunos vivenciam a transição de uma orientação curricular estruturada por campos de experiências da Educação Infantil, em que as interações, os jogos e as brincadeiras norteiam o processo de aprendizagem e desenvolvimento, para uma organização curricular estruturada por áreas de conhecimento e componentes curriculares.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. p. 199.

No Ensino Fundamental, anos iniciais, assim como em toda a Educação Básica, a Arte é componente curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias e está centrada nas linguagens Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, também articuladas em Artes Integradas. Cada linguagem artística mantém suas especificidades e, ao mesmo tempo, se articula com as demais.

Nesta coleção, cada uma das unidades que compõem os volumes do Livro do Estudante reúne objetos de conhecimento – aqui entendidos como conteúdos, conceitos e processos – e habilidades das respectivas linguagens, mantendo a articulação entre elas.

O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA ARTE

Os princípios didáticos que caracterizam a abordagem dos objetos de conhecimento e o encaminhamento metodológico adotado se concretizam na estrutura e na organização de cada volume, com seus temas, tópicos de conteúdo e seções. Há ênfase na proposta de abordagem interativa pelos estudantes, por meio de práticas, com a intenção de favorecer o papel ativo deles, de forma que possam coordenar, assimilar e reconstruir o conhecimento, valorizando e exercitando seu poder de pensar.

Dessa forma, considerando o estudante o centro da aprendizagem e as diversas formas de expressão, o processo de ensino e aprendizagem da educação artística está baseado em três eixos interligados – produção, apreciação e contextualização/reflexão –, conforme a proposição artístico-pedagógica da abordagem triangular, idealizada pela pesquisadora Ana Mae Barbosa:

- a **produção** artística – diz respeito ao próprio ato de criar, construir, produzir. São momentos em que o estudante desenha, pinta, esculpe, modela, recorta, cola, canta, toca um instrumento, compõe, atua, dança, representa, constrói personagens, enfim, simboliza. Envolve técnicas e procedimentos de cada linguagem artística;
- a **apreciação** estética – é o momento da fruição, do ato de perceber, ler, analisar, interpretar, criticar, refletir sobre

um texto sonoro, pictórico, visual, corporal, decodificando seus elementos, apreciando uma obra. Envolve a intuição, a imaginação, os sentimentos;

- a **contextualização/reflexão** sobre a arte – é o momento de pensar a arte como objeto de conhecimento, a contextualização da obra de arte, o panorama social, político, histórico e cultural em que se insere sua produção e como esse momento se reflete nela.

Em que pese essa divisão teórica em eixos, não deve haver uma ordem rígida ou uma priorização desses momentos, que podem ser integrados e concomitantes.

Ao cuidar dos aspectos metodológicos e didáticos, especial atenção foi dada às características, potencialidades e necessidades educacionais da faixa etária em que se encontram os estudantes. Nos dois primeiros anos, além dos conhecimentos pertinentes ao componente Arte, estão apresentados elementos para estimular a linguagem oral, a escrita e a leitura, de forma a contribuir para a apropriação progressiva do sistema alfabético pelos estudantes.

O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM BREVE HISTÓRICO

Os debates e as iniciativas sobre a inserção das linguagens artísticas na Educação Básica nacional passaram a se intensificar em meados da década de 1940. Até então, no âmbito escolar, as linguagens artísticas eram geralmente mobilizadas mediante a realização de eventos comunitários e das comemorações de festividades e efemérides, com ênfase nas linguagens das artes visuais e da música, sendo a dança e o teatro, bem como as artes integradas, negligenciadas.

Com o surgimento do movimento escolanovista, as linguagens artísticas passam a ser consideradas e valorizadas em seu protagonismo nos processos pedagógicos. As Escolas de Arte que se difundiram pelo país desde o fim da década de 1940 possibilitaram o desenvolvimento de inter-relações entre arte e educação, mesmo que de maneira informal ou extracurricular.

A pesquisadora e arte-educadora Ana Mae Barbosa (2014; 2012) compreende essa etapa moderna da inter-relação entre arte e educação como um momento em que predominaram práticas que tinham como objetivo incentivar a livre expressão dos estudantes, bem como sua exploração subjetiva e sensível.

Com a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação número 4024, no ano de 1961, inaugurou-se o período em que a prática artística na escola básica passava a ser incentivada pelo Estado. Uma década depois, em 1971, a implantação do ensino de Educação Artística no ensino básico criou uma demanda inédita de profissionais licenciados

nas linguagens artísticas, o que gerou impactos visíveis, com a proliferação de cursos de licenciatura em Arte no país. No entanto, a entrada do componente curricular Arte no contexto escolar geraria uma série de debates tanto a respeito de seus fins nos processos pedagógicos como em relação à formação dos professores aptos a lecionar a disciplina:

O que se assistiu, portanto, foi à improvisação de professores, de enfoques pedagógicos, técnicas e materiais didáticos, sem que o conhecimento inerente às linguagens da arte pudesse contribuir para a construção da cidadania através de uma educação de qualidade. Contudo, em decorrência da obrigatoriedade desse componente curricular na escola formal apresentou-se o problema da formação docente, originando um modelo híbrido de currículo para a licenciatura em educação artística, em dois níveis progressivos: a parte comum, de caráter generalista, estabelecida em termos da licenciatura curta, voltada para o ensino de 1º grau; a parte diversificada, complementar à primeira, possibilitava a formação plena, no esquema de habilitações opcionais em Música, Artes Plásticas, Desenho ou Artes Cênicas, e visava ao ensino de 1º e 2º graus [...]. A ênfase na formação de professores de educação artística colaborou decisivamente para a expansão do ensino das artes em nível superior e ocasionou a emergência da pesquisa acadêmica num campo até então inexplorado. Assim, se em 1970 não existiam mais de trinta cursos superiores nas diversas áreas artísticas – quase todos em âmbito de bacharelado, sendo a maioria de artes plásticas – hoje, há cerca de três centenas, em várias regiões brasileiras, incluindo moda, decoração, cinema e *design*, além de música, artes visuais, dança e teatro, sendo metade deles voltados para a formação de professores.

(KOUDELA; SANTANA, 2013, p. 450).

Apesar dos problemas, no momento em que há a inserção de aulas de Arte no ensino básico, observamos uma intensa produção de estudos, pesquisas, debates, análises e reorientações da presença da arte na escola. Somadas ao acúmulo de experiências dos professores – muitos deles desenvolvendo pesquisas paralelas em instituições universitárias – não somente consolidaram a presença da arte no espaço escolar, como também transformaram qualitativamente as estratégias de ensino. Uma das transformações históricas mais positivas desse cenário foi a demanda de formação de um profissional que não se identificasse com a polivalência, mas com a especialização em alguma linguagem, de modo a garantir um processo de estudo aprofundado na autonomia e singularidade das linguagens artísticas. Isso não quer dizer que um professor especializado em teatro não possa planejar e conduzir aulas com base em outras linguagens. Ao contrário, como vimos ao longo dos últimos anos, fica cada vez mais evidente a crescente necessidade do estabelecimento de diálogos entre as linguagens e disciplinas na Educação Básica. Assim, a crítica à polivalência incide mais como recusa a um conhecimento superficial de cada uma das

linguagens artísticas do que como interdição ao trabalho orientado para a integração entre as linguagens.

Nos anos 1980, o movimento Arte/Educação ganha destaque em relação à valorização do professor de arte, bem como ao aprimoramento e à difusão de metodologias que pudessem orientar o trabalho baseado no currículo de arte. Também nesses anos, emerge a “abordagem triangular”, formalizada pela pesquisadora e arte-educadora Ana Mae Barbosa. Fundamentada na tríade composta dos verbos “ler”, “fazer” e “contextualizar”, essa proposição pedagógica tem como objetivo convidar o professor a instaurar processos criativos em sala de aula com base na autonomia do estudo da arte, sem necessariamente submeter as linguagens artísticas a outros fins pedagógicos. O impacto da metodologia criada por Barbosa foi tal que a abordagem triangular foi incorporada à concepção pedagógica do componente Arte, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), publicados em 1997.

É importante destacar que a formulação da abordagem triangular se deu em diálogo com arrojadas e revolucionárias teorias e práticas educacionais que ocorriam ao redor do mundo. Assim, Barbosa valeu-se principalmente dos estudos críticos e de vertentes teóricas dos Estados Unidos e da Inglaterra, que valorizavam o estudo de história da arte, estética e filosofia, bem como a aprendizagem do patrimônio cultural e, por fim, experiências de educação revolucionária e comunitária mexicanas que aproximavam o aprendizado artístico de tradições, culturas populares e comunitárias.

Como vemos, atualmente, o aspecto espontaneísta presente nas proposições pedagógicas de ensino de arte das décadas de 1960 e 1970 cedeu lugar às práticas de investigação, contextualização, fruição e produção a partir das linguagens artísticas, por meio de procedimentos de criação.

Além disso, outra grande transformação no ensino de arte na escola foi a mudança de ênfase: já não se tem como objetivo instaurar processos de criação tendo em vista um produto final a ser apresentado, mas o próprio processo de criação e aprendizado passa a ser o espaço privilegiado. Tal mudança de posição em relação às funções do ensino de arte serve para destacar uma série de elementos e competências do aprendizado individual e coletivo em prol do uso meramente produtivo das linguagens artísticas.

II. ORGANIZAÇÃO DA OBRA DIDÁTICA

Esta coleção integra uma obra didática de Arte para os cinco anos iniciais do Ensino Fundamental, composta dos seguintes recursos (um para cada ano):

Livro do Estudante – Impresso

Livro do Estudante – Digital

Manual do Professor – Impresso

Manual do Professor – Digital

ORGANIZAÇÃO DOS LIVROS DO ESTUDANTE

Os Livros do Estudante estão organizados em quatro unidades. Cada unidade aborda preferencialmente uma das linguagens artísticas – Música, Artes Visuais, Teatro e Dança –, além de trabalhar as Artes Integradas, em seção específica.

A elaboração de cada um dos cinco volumes que compõem a coleção desenvolveu-se em torno de eixos temáticos e de questões disparadoras, ambos com a função de oferecer convergência e unidade no tratamento dos objetos de conhecimento em cada livro.

VOLUME 1 – Tema: **BRINCAR É APRENDER**

Questões disparadoras: *Como posso identificar a presença da arte e das quatro principais linguagens artísticas na minha vida e em meu cotidiano? Como, por meio das brincadeiras e do brincar, posso conhecer e produzir arte?*

VOLUME 2 – Tema: **A ARTE É NOSSA**

Questões disparadoras: *Como, por meio da arte, eu posso conhecer a mim mesmo e aos outros, de modo a criar formas para representar as pessoas e o mundo ao meu redor (amigos, família, comunidade, escola)?*

VOLUME 3 – Tema: **A ARTE É UMA FESTA**

Questões disparadoras: *O que é festa? Como a arte está presente nas festas populares e tradicionais? Como as linguagens artísticas se encontram integradas nas festividades e em outras produções culturais?*

VOLUME 4 – Tema: **A ARTE CONTA HISTÓRIAS**

Questões disparadoras: *O que é uma história? Quem pode contar e registrar suas histórias por meio da arte?*

VOLUME 5 – Tema: **O MUNDO INTEIRO FAZ ARTE**

Questões disparadoras: *Onde está a arte no mundo? Existe um mundo da arte? Como a arte dialoga com e transforma a sociedade? Como a arte é transformada pela tecnologia?*

Com a intenção de garantir a dinamicidade e a efetividade do processo de ensino e aprendizagem, cada Unidade está organizada em dois capítulos, divididos em seções com características e funções específicas, como segue:

- **AQUECIMENTO** – seção presente no início de cada volume. Traz questões de múltipla escolha e/ou resposta aberta cujas resoluções possibilitam ao professor a realização de uma **avaliação diagnóstica**. A finalidade é identificar níveis de aprendizagem, conhecimentos anteriores e lacunas de aprendizagem dos estudantes que permitam ao professor validar intervenções de seu plano de trabalho, ajustar sua atuação e levar os estudantes a avançar nos estudos, no ano que inicia.

- **ABERTURA DE UNIDADE** – sempre em página dupla, apresenta os assuntos a serem abordados nos capítulos. Por meio de imagem atrativa, cuidadosamente selecionada quanto aos elementos artísticos, tem a função de problematizar e despertar o interesse em relação aos estudos a serem realizados. Os elementos da imagem são explorados por meio de questões que também estimulam a exposição dos conhecimentos prévios, favorecendo o reconhecimento ou diagnóstico da bagagem do estudante.

- **CAPÍTULO** – apresentando artistas, obras, temas, técnicas e práticas, trabalha os principais conceitos e habilidades de forma arrojada, lúdica e criativa. Cada capítulo aborda um dos aspectos da problematização inicial. Inicia com uma leitura de imagem e organiza-se nas seções didáticas listadas a seguir.

- **O QUE É ESSA IMAGEM?** – seção presente no capítulo sempre que há necessidade de leitura de imagem. Acompanhada de questionamentos, tem como objetivo desenvolver a compreensão de texto e a oralidade. Também é oportunidade para avaliar os conhecimentos e as experiências que os estudantes trazem sobre o tema a ser estudado.

- **ZAZ** – propõe atividades curtas, simples e lúdicas com a intenção de motivar o estudante e aproximá-lo das práticas específicas das diferentes linguagens artísticas.

- **ZUM!** – seção dedicada ao enfoque de artistas, obras ou movimentos artísticos, tem o objetivo de ampliar o repertório do estudante.

- **A ARTE FAZ PENSAR** – apresenta situações, no contexto da arte, vinculadas a aspectos culturais – políticos, sociais, econômicos –, que levem ao debate e à reflexão.

- **TÉCNICAS DA ARTE** – traz propostas de oficinas para exercitar conceitos e técnicas específicos das linguagens artísticas. Sua função é levar o estudante a vivenciar e aprofundar conhecimentos pertinentes às linguagens artísticas em estudo.

- **PESQUISA EM ARTE** – a partir do Volume 3 da coleção, a seção parte do material proposto e experimentado no capítulo para apresentar ao estudante diferentes práticas de pesquisa em arte, sempre observando o processo de preparação, pesquisa e apresentação de resultados.

- **EXPERIMENTE EM CASA** – propõe ao estudante que estenda as reflexões oriundas da seção **A arte faz pensar** para o espaço de sua casa, ao realizar atividades de reflexão e escrita com seus familiares. Além disso, a seção busca desenvolver habilidades relacionadas à leitura, como o reconto e a leitura em voz alta.

- **VAMOS EXPERIMENTAR** – propõe práticas específicas de cada linguagem, com a finalidade de mobilizar conhecimentos elaborados com os estudos do capítulo.

- **DICAS** – sugere a ampliação e o aprofundamento de referências por meio de sugestão de *links* ou indicações bibliográficas comentadas.

Finalizam cada Unidade as seções:

- **ARTES INTEGRADAS** – explora as relações entre as diferentes linguagens e práticas abordadas na Unidade, incluindo especialmente o uso de tecnologias e a articulação com as habilidades de Artes Integradas, como dispõe a BNCC.
 - **PROCESSO DE CRIAÇÃO** – sempre depois da seção **Artes Integradas** e imediatamente antes de **Criar e Refletir** a seção propõe a criação individual ou coletiva com base na relação entre as linguagens artísticas, com o objetivo de propiciar ao estudante uma compreensão prática da integração entre as linguagens artísticas, bem como da complexidade presente nessa relação.
 - **CRIAR E REFLETIR** – em um processo dialógico, propõe a aglutinação dos temas dos dois capítulos e a avaliação dos estudos realizados na Unidade. O professor terá a oportunidade de avaliar o desempenho dos estudantes e, por meio de uma conversa coletiva, estes poderão explicitar seus conhecimentos de forma que uns ajudem os outros. Ao mesmo tempo que o estudante faz a autoavaliação, o grupo revê e consolida suas aprendizagens.
- E, finalizando o volume, encontra-se a seção:
- **O QUE EU APRENDI** – presente no final de cada volume, esse conjunto de atividades de **avaliação final**, ou de re-

sultado, presta-se à sistematização das aprendizagens realizadas em relação aos objetos de conhecimento, ao longo do ano, por meio de questões de múltipla escolha ou abertas. A ideia é que o professor, ao final do percurso com o volume, possa identificar o aproveitamento das diferentes habilidades pela turma, identificando lacunas e reorientando o planejamento acerca do trabalho realizado. No Manual do Professor, há sugestões de revisão, caso o professor observe que o estudante não desenvolveu as habilidades necessárias.

ÍNDICE DE CONTEÚDOS E SUGESTÃO DE PLANEJAMENTO PARA USO DO VOLUME 2

O quadro de conteúdos a seguir oferece uma visão geral de conteúdos do Livro do Estudante destinado ao 2º ano, a serem desenvolvidos ao longo do ano letivo. Traz, também, uma sugestão de planejamento semanal para uso do volume.

À esquerda estão as seções da obra, citadas anteriormente; ao centro, os objetos de conhecimento; e à direita, as páginas do Livro do Estudante em que as seções se encontram.

1º BIMESTRE

UNIDADE 1 – MEU CORPO, NOSSOS CORPOS			
SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
1ª	AQUECIMENTO	Avaliação de entrada – atividades para avaliação diagnóstica dos níveis de aprendizagem dos estudantes nas linguagens artísticas Teatro, Artes Visuais, Música e Dança.	8-11
	ABERTURA DE UNIDADE	Leitura de imagem, atividade oral e leitura de texto: cena do espetáculo <i>Gala</i> , do coreógrafo francês Jérôme Bel.	12-13
CAPÍTULO 1 – CONHECER E ACORDAR O CORPO			
2ª	ABERTURA DE CAPÍTULO	Perceber o próprio corpo – Leitura de texto, atividade oral e escrita: percepção do próprio corpo tendo como referência a imagem no espelho e o outro.	14
	ZAZ	Desenhar e conhecer o corpo – Desenho e recorte do contorno do corpo em folha de papel – atividade em dupla. Escrita da identificação de partes do corpo no verso da figura recortada. Exposição e comparação das figuras recortadas – semelhanças e diferenças.	15
3ª	O QUE É ESSA IMAGEM?	Dançar faz bem – Leitura de texto, leitura de imagem e atividade oral sobre a dança como atividade física saudável e sobre cena de dança: <i>Jamzz, performance</i> do coreógrafo Cristian Duarte (SP). Leitura de texto sobre hábitos saudáveis de higiene: higiene das mãos, higiene bucal e corporal.	16-17
	TÉCNICAS DA ARTE	Sentidos, articulações, peso e apoios – Leitura de texto: – percepção do ambiente e movimentos da dança; – conceituação de articulações, peso e apoios do corpo nos movimentos de dança.	18-19
4ª	VAMOS EXPERIMENTAR	Acordar o corpo brincando – Brincadeiras para percepção das articulações, apoios, peso corporal e da respiração: – Dormir e acordar! Brincadeira em dupla com ordens alternadas para deitar e levantar. – Cobra, macaco e flamingo. Brincadeira coletiva com imitações de movimentos de animais.	20-21
CAPÍTULO 2 – TODOS PODEM DANÇAR			
5ª	O QUE É ESSA IMAGEM? (abertura de capítulo)	Os corpos são diversos Leitura de imagem, atividades orais e escritas: <i>Judite quer chorar, mas não consegue!</i> (SP) – cena de espetáculo de dança com artista cadeirante. Leitura de texto sobre o bailarino Edu O., que possui limitações físicas decorrentes de poliomielite.	22-23
	O QUE É ESSA IMAGEM?	Dançar junto Observação de imagens, questões orais e escritas: <i>Mazurca Fogo</i> , espetáculo da coreógrafa alemã Pina Bausch. Leitura de texto sobre danças coletivas e em dupla, como formas de dançar juntos.	24-25

UNIDADE 1 – MEU CORPO, NOSSOS CORPOS			
SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
6ª	ZAZ	Manter o equilíbrio em dupla Criação de movimentos em dupla, com manutenção de contato.	26
	ZUM!	O contato e o improviso Leitura de textos e imagens sobre a técnica de contato improvisação e registro escrito das experiências do aluno com esse tipo de dança.	27
	A ARTE FAZ PENSAR	Quanto espaço eu ocupo? Quanto espaço nós ocupamos? Prática para observação e percepção do espaço ocupado pelo corpo em movimento. Experimente em casa Troca, com a família, de experiências vivenciadas em aula sobre os espaços que cada pessoa ocupa no lugar onde se encontra e quando se movimenta.	28-29
7ª	VAMOS EXPERIMENTAR	Improvisar mantendo o contato com o outro Improviso de dança em dupla com manutenção de ponto de contato. Conversa sobre as percepções individuais durante a dança em dupla.	30-31
	ARTES INTEGRADAS	Corpos no espaço! O trabalho visual de JR Leitura de imagem, atividade oral, sobre colagem feita pelo artista francês JR. Leitura de texto com informações sobre o fotógrafo e artista visual francês JR.	32
8ª	PROCESSO DE CRIAÇÃO	Criando um corpo comum Criação de colagem com fotografias de partes do corpo dos alunos, compondo um único corpo. Atividade coletiva para exibição no espaço escolar.	33
	CRIAR E REFLETIR	Criar Desenho do próprio corpo com a escrita de palavras relacionadas às suas partes. Refletir Atividades oral e escrita sobre as aprendizagens realizadas durante a unidade.	34-35

2º BIMESTRE

UNIDADE 2 – A MÚSICA É NOSSA			
SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
9ª	ABERTURA DE UNIDADE	Leitura de imagem, atividade oral: Paul Klee, <i>Polifonia</i> . Têmpera.	36-37
	CAPÍTULO 3 – UM MAR DE SONS		
	O QUE É ESSA IMAGEM? (abertura de capítulo)	Leitura de imagem, atividade oral: apresentação da Orquestra Sinfônica Juvenil Carioca (RJ). Leitura de texto: noções de orquestra , coro e polifonia .	38
		Escutar para relembrar Leitura de texto e atividade de escuta de áudios em retomada das propriedades do som: timbre, altura, intensidade, duração.	39-40
	O QUE É ESSA IMAGEM?	Leitura de imagem e texto sobre a função do maestro na orquestra: maestrina Simone Menezes regendo uma orquestra. Qual é o pulso? Leitura de texto e escuta de áudios sobre a noção de pulso e as divisões em compassos: quatro tempos e três tempos.	40-41
	ZAZ	Dançando com o pulso Brincadeira coletiva para marcação do pulso de música com os pés. Criação de ilustração coletiva com tinta na sola dos pés e escuta musical, para marcação do pulso.	42
10ª	ZUM!	Uma orquestra diferente Leitura de imagem e texto sobre a diversidade de instrumentos utilizados pelos integrantes da Orquestra Modesta.	43
11ª	A ARTE FAZ PENSAR	Pedro e o lobo: os sons da orquestra Leitura de história infantil e atividade de escrita sobre peça musical criada para identificação de instrumentos de orquestra. Escuta de áudio e atividade de escrita sobre a peça musical <i>Pedro e o lobo</i> , de Sergei Prokofiev. Experimente em casa Leitura da história <i>Pedro e o lobo</i> para a família e reconto imitando sons dos animais citados.	44-45
12ª	VAMOS EXPERIMENTAR	Maestro, música! Brincadeira coletiva como elementos de uma orquestra sob a condução de um maestro ou maestrina, ao som de base musical. Roda de conversa sobre a percepção do pulso da música ouvida e sobre os instrumentos a serem tocados durante a atividade.	46-47

UNIDADE 2 – A MÚSICA É NOSSA

SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
CAPÍTULO 4 – NOSSAS CANTIGAS			
13 ^a	O QUE É ESSA IMAGEM? (abertura de capítulo)	Leitura de imagem, atividade oral: Djanira, <i>Ciranda</i> . Aquarela e nanquim sobre papel. Leitura de texto sobre cantigas e parlendas. Pesquisa, entre os estudantes, sobre brincadeiras conhecidas e apreciadas, com cantigas e parlendas. Identificação de parlenda a partir de cena ilustrada e de palavras em texto lido.	48-50
14 ^a	ZAZ	Na batida da parlenda! Percepção de pulso em uma batida musical e recitação cantada de parlenda, de acordo com o ritmo.	51
	TÉCNICAS DA ARTE	A melodia e seu ritmo Leitura de texto, escuta de áudio com elementos da música (melodia e ritmo) e atividade para identificá-los. Noções de melodia e ritmo .	52-53
	VAMOS EXPERIMENTAR	Treinando com as cantigas Atividades em grupo para percepção do ritmo, da melodia e do pulso de cantiga popular; canto da melodia e da letra e acompanhamento do ritmo com palmas ou instrumento. Atividade escrita e oral sobre ritmo e melodia das cantigas cantadas.	54-55
15 ^a	ARTES INTEGRADAS O QUE É ESSA IMAGEM?	Ensaando um cortejo Leitura de imagem, atividade oral sobre cortejo musical de foliões no Carnaval do Maracatu, em Olinda (PE). Leitura de texto sobre cortejos musicais brasileiros.	56-57
	PROCESSO DE CRIAÇÃO	Organização e apresentação de cortejo com cantigas populares e instrumentos escolhidos pelos estudantes.	57
16 ^a	CRIAR E REFLETIR	Criar Desenho de cortejo. Roda de conversa sobre aprendizagens realizadas durante a unidade. Refletir Atividade oral sobre a organização do cortejo.	58-59

3º BIMESTRE

UNIDADE 3 – “EU” POR DENTRO E POR FORA

SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
17 ^a	ABERTURA DE UNIDADE	Leitura de imagem e texto, atividade oral: Malangatana Ngwenya, <i>Esperando a paz</i> .	60-61
	CAPÍTULO 5 – RETRATO E AUTORRETRATOS		
17 ^a	O QUE É ESSA IMAGEM? (abertura de capítulo)	Leitura de texto e imagens, atividade oral: retratos pintados pelo artista brasileiro Alberto da Veiga Guignard e os elementos que os caracterizam. Leitura de texto: conceituação de retrato . Atividade escrita sobre o retrato na pintura e no desenho.	62-63
18 ^a	O QUE É ESSA IMAGEM?	O que é um autorretrato? Leitura de imagem, atividade oral: Klaas Rommelaere, <i>Retrato do Klass</i> . Bordado com algodão sobre algodão e linho. Leitura de texto sobre o conceito e a técnica do autorretrato .	64-65
	ZAZ	Retrato sem olhar para o papel Elaboração de autorretrato por meio de desenho ou colagem com uso de diferentes materiais.	65
	A ARTE FAZ PENSAR	Ubuntu: eu sou porque nós somos Leitura de texto e imagens de <i>performance</i> de pessoas posando para fotografias, durante evento cultural identitário. Atividade escrita de reflexão sobre a própria identidade.	66-67
19 ^a	TÉCNICAS DA ARTE O QUE É ESSA IMAGEM?	Colagem Leitura de texto e imagem, atividade oral sobre a elaboração de colagem. Exemplo de colagem: Adriano Catenzaro, <i>Gargalhando</i> . Colagem manual de papéis. Vamos fazer uma colagem? Elaboração individual de colagem para a composição de retrato de uma figura.	68-69
20 ^a	VAMOS EXPERIMENTAR	Montando autorretratos com objetos cotidianos Montagem de autorretrato por meio de colagem, a partir de ilustrações das etapas de uma colagem do artista Hanoch Piven.	70-71

UNIDADE 3 — “EU” POR DENTRO E POR FORA			
SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
CAPÍTULO 6 – A ARTE DÁ FORMA PARA AS EMOÇÕES			
21ª	O QUE É ESSA IMAGEM? (abertura de capítulo)	Leitura de imagem, atividade oral: cena do livro animado do <i>rapper</i> Emicida, <i>E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas</i> . Leitura de texto sobre o conteúdo do livro que trata de emoções infantis como o medo e seu enfrentamento. Atividade escrita sobre a arte como forma de enfrentar emoções. Uso de cores para expressar emoções. A arte aproxima as pessoas	72-73
	O QUE É ESSA IMAGEM?	Leitura de imagem, atividade oral e escrita sobre a pintura surrealista de René Magritte, <i>Retrato de Stephy Langui</i> (óleo sobre tela), as interpretações possíveis e sensações que ela desperta.	74
	ZAZ	Desenhando um animal fantástico Desenho colaborativo de um animal fantástico – atividade em trio.	75-76
22ª	ZUM!	O nome do medo Leitura de texto, leitura de imagens e atividade oral sobre o projeto O nome do medo, em que crianças desenham e criam vestes que representam o medo que sentem.	77
	Vamos experimentar	Criando um pop-up Elaboração de cartão com a técnica <i>pop-up</i> , tendo como referência etapas ilustradas para a confecção.	78-79
23ª	ARTES INTEGRADAS O QUE É ESSA IMAGEM?	Uma fantasia com as nossas caretas! Leitura de imagem, atividade oral: representação do medo por meio do desenho e da criação de uma fantasia. Leitura de texto sobre o significado e a função de uma careta.	80
24ª	PROCESSO DE CRIAÇÃO	Transformação da careta preferida em uma fantasia, com o uso de materiais variados.	81
	CRIAR E REFLETIR	Criar Elaboração de desenho que represente uma emoção – momento alegre vivenciado com os colegas. Refletir Conversa entre os alunos sobre as aprendizagens com os estudos de retrato e autorretrato realizados na unidade.	82-83

4º BIMESTRE

UNIDADE 4 – E SE EU FOSSE?			
SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
25ª	ABERTURA DE UNIDADE	Leitura de imagem, atividade oral: cena do espetáculo <i>Esparrama na janela</i> , do Grupo Esparrama (SP).	84-85
	CAPÍTULO 7 – ONDE TEM TEATRO?		
26ª	O QUE É ESSA IMAGEM? (abertura de capítulo)	Leitura de imagem, atividade oral: espetáculo <i>Viagem ao centro da Terra</i> , da Cia. Solas de Vento (SP). Desenho de imaginação sobre o centro da Terra. Leitura de texto e atividade escrita e oral sobre o poder transformador da imaginação e o teatro.	86-88
	ZUM! O QUE É ESSA IMAGEM?	Nas profundezas do oceano Leitura de imagem, atividade oral: espetáculo <i>Mary e os monstros marinhos</i> , da Cia. Delas (SP). Leitura de texto sobre a cientista paleontóloga Mary, tema da peça <i>Mary e os monstros marinhos</i> .	89
	ZAZ	Vamos brincar de fundo do mar! Brincadeira coletiva: imaginação de movimentos no fundo do mar e atividade oral sobre possíveis mudanças nos movimentos, nesse ambiente.	90
27ª	ZUM!	A Cia. Solas de Vento Leitura de texto e leitura de imagem: cena do espetáculo <i>Volta ao mundo em 80 dias</i> , da Cia. Solas de Vento (SP), companhia teatral que realiza espetáculos sobre viagens fantásticas com o uso de objetos do dia a dia para compor as cenas.	91
	ZAZ	Vamos virar outras coisas? Brincadeira que propõe ao estudante usar a imaginação para transformar-se com o uso de objetos do entorno.	91

UNIDADE 4 – E SE EU FOSSE?			
SEMANA	SEÇÃO	CONTEÚDO	PÁG.
28ª	A ARTE FAZ PENSAR O QUE É ESSA IMAGEM?	O Monstro Rosa Leitura de imagem, atividade oral: página ilustrada do livro <i>Monstro Rosa</i> , de Olga de Diós. Leitura de texto e atividade escrita sobre trecho do livro <i>Monstro Rosa</i> , com foco na compreensão e respeito às diferenças.	92-93
	VAMOS EXPERIMENTAR	Viagem ao centro da Terra Observação de ilustrações do livro <i>Viagem ao centro da Terra</i> , de Júlio Verne, edição original de 1864. Experimente em casa Leitura em voz alta, para os familiares, do trecho do livro <i>Monstro Rosa</i> e conversa sobre a história. Vamos brincar de fazer uma expedição! Brincadeira coletiva em que o espaço da sala de aula é transformado em cenário para vivência de expedição imaginária ao centro da terra.	94-95
CAPÍTULO 8 – E SE EU FOSSE?			
29ª	O QUE É ESSA IMAGEM? (abertura de capítulo)	Leitura de imagem, atividade oral: cena do espetáculo <i>Monstruário</i> , da Fabulosa Cia. Teatro do Sesc Pompeia (SP). Leitura de texto, atividade oral e escrita sobre a história da peça <i>Monstruário</i> e a brincadeira “E se eu fosse”.	96-98
	ZAZ	Que monstro sou eu? Criação e desenho de monstro a partir de observação de cena do filme <i>Onde vivem os monstros</i> .	99
	TÉCNICAS DA ARTE	O mágico “se” Observação de fotografias com cenas de crianças brincando, fantasiadas de diferentes personagens. E se eu fosse... Brincadeira coletiva em que os alunos se transformam em bichos, por meio de palavras mágicas. Roda de conversa sobre a atividade realizada.	100-101
30ª	VAMOS EXPERIMENTAR	O desfile dos monstros Criação, desenho e produção de vestimenta para monstro imaginado anteriormente (pág. 99), a ser usada na brincadeira coletiva “E se eu fosse o meu monstro”.	102-103
31ª	ARTES INTEGRADAS O QUE É ESSA IMAGEM?	Cortejo de seres fantásticos Leitura de imagem, atividade oral e leitura de texto: cena do filme <i>A viagem de Chihiro</i> . Processo de criação Produção individual de fantasias para um ser fantástico selecionado entre os seres estudados. Realização de cortejo dos seres fantásticos, com canções e instrumentos previamente escolhidos. Roda de conversa para avaliação da realização do cortejo.	104-105
32ª	CRIAR E REFLETIR	Criar Atividade individual de colagem para representar as descobertas sobre seres e mundos fantásticos. Refletir Conversa sobre como os estudantes se sentiram em relação aos trabalhos realizados durante a unidade – o teatro por meio da imaginação.	106-107
	O QUE EU APRENDI	Avaliação de resultado – atividades para avaliação da aprendizagem dos objetos de conhecimento do volume.	108

III. REFERENCIAIS NORMATIVOS

DOCUMENTOS ORIENTADORES

A elaboração deste material didático tomou como base as orientações e diretrizes da Base Nacional Comum Curricular – BNCC com o cuidado de contemplar também as orientações da Política Nacional de Alfabetização – PNA, visto tratar-se de documento destinado aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Observamos que o alinhamento entre esses dois documentos está expresso no *Documento Referencial Técnico-Científico – Ministério da Educação* da seguinte forma:

O Decreto nº 9.099 de 2017 faz, também, menção expressa à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) [...] na medida que determina que um de seus objetivos é o apoio à implementação da Base. A PNA dialoga com esse normativo [...], especificando e concretizando diversos aspectos da BNCC. Nesse sentido é por força do próprio Decreto nº 9.099 de 2017 que a PNA deverá orientar toda a feitura de materiais para essa faixa etária, da mesma forma que a BNCC.

Decreto n. 9.099 de 2017 – dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Programa Nacional do Livro e do Material Didático 2023 – Anos Iniciais do Ensino Fundamental – fevereiro de 2021, tópico 4. MARCO REGULATÓRIO DO PNLD PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Esta coleção está alinhada ao que dispõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino e a aprendizagem da Arte como componente curricular da área de Línguas e suas Tecnologias. Nesse sentido, apresenta textos, imagens, atividades e práticas pensados para o desenvolvimento das Competências Gerais da Educação Básica e das Competências Específicas, além de todas as habilidades previstas para estudantes do 1º ao 5º ano, para o ensino do componente Arte.

Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade (fatos, informações, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos e naturais), colaborando para a construção de uma sociedade solidária.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e inventar soluções com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Desenvolver o senso estético para reconhecer, valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também para participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar conhecimentos das línguas verbal (oral e escrita) e/ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao seu projeto de vida pessoal, profissional e social, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros,

com autocrítica e capacidade para lidar com elas e com a pressão do grupo.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões, com base nos conhecimentos construídos na escola, segundo princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. p. 9-10.

Competências Específicas e Habilidades de Arte para o Ensino Fundamental

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
2. Compreender as relações entre as línguas da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
4. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

BRASIL. Ministério da Educação.
Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. p. 198.

Para garantir o desenvolvimento das **Competências Específicas de Arte** estão contempladas, no conjunto dos volumes da coleção, **habilidades** que, por sua vez, se relacionam aos **objetos de conhecimento** de cada uma das linguagens artísticas, conforme segue.

	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
UNIDADE TEMÁTICA: ARTES VISUAIS	Contextos e práticas	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.		X	X	X	X
	Elementos da linguagem	(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).	X	X			
	Matrizes estéticas e culturais	(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.	X	X	X	X	
	Materialidades	(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.		X	X	X	X
	Processos de criação	(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.	X	X	X		X
		(EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.		X		X	X
Sistemas da linguagem	(EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).			X		X	
UNIDADE TEMÁTICA: DANÇA	Contextos e práticas	(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.	X	X	X	X	X
	Elementos da linguagem	(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado.		X			
		(EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.	X			X	X
Processos de criação	(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.	X	X	X	X	X	
	(EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.	X	X	X	X	X	

	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
UNIDADE TEMÁTICA: MÚSICA	Contextos e práticas	(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.		X	X	X	X
	Elementos da linguagem	(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.	X	X	X	X	
	Materialidades	(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.	X	X			
	Notação e registro musical	(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.			X		X
	Processos de criação	(EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.		X		X	X
UNIDADE TEMÁTICA: TEATRO	Contextos e práticas	(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.	X	X	X	X	X
	Elementos da linguagem	(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).	X	X			X
	Processos de criação	(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais. (EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, resignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva. (EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.	X	X	X	X	X
			X		X		

	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
UNIDADE TEMÁTICA: ARTES INTEGRADAS	Processos de criação	(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.	X	X	X	X	X
	Matrizes estéticas e culturais	(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.	X				
	Patrimônio cultural	(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.			X	X	
	Arte e tecnologia	(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> etc.) nos processos de criação artística.					X

FONTE: BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. p. 200-203.

A observância ao PNA determinou o foco também em práticas que contribuem para o processo de alfabetização a ser privilegiado no 1º e no 2º ano e complementado a partir do 3º ano.

É importante destacar que a **alfabetização** é definida como o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético, como aquele que representa por signos ou caracteres do alfabeto (letras) os sons da fala. O processo de aquisição da leitura e da escrita, porém, vai além do processo de alfabetização em si, e inclui um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que configura o que se define como **literacia**.

O QUE É LITERACIA

Literacia é o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, bem como sua prática produtiva. Pode compreender vários níveis: desde o mais básico, como o da literacia emergente, até o mais avançado, em que a pessoa que já é capaz de ler e escrever faz uso produtivo, eficiente e frequente dessas capacidades, empregando-as na aquisição, na transmissão e, por vezes, na produção do conhecimento (MORAIS, 2014).

O conceito de literacia vem-se difundindo desde os anos 1980 e nas políticas públicas se reveste de especial importância como fator para o exercício pleno da cidadania. É termo usado comumente em Portugal e em outros países lusófonos, equivalente a *literacy* do inglês e a *littératie* do francês. A opção por utilizá-lo traz diversas vantagens, pois é uma forma de alinhar-se à terminologia científica consolidada internacionalmente.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNA – Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC: SEALF, 2019. p. 21.

Nesse sentido, o componente curricular Arte no Ensino Fundamental ocupa lugar privilegiado. Quando consideramos a linguagem um dos aspectos mais importantes da Arte, podemos entendê-la como **um sistema de símbolos e signos** em que a comunicação acontece simultaneamente por diversos meios: sons, gestos, cores, linhas, formas, movimentos, textos, palavras. Portanto, quando falamos das aprendizagens em Arte, também estamos falando em produzir e interpretar conhecimento por meio da linguagem, assim como faz a linguagem em outras disciplinas, como Língua Portuguesa, que usa a comunicação verbal – oral e escrita – do sistema alfabético.

Ler, portanto, significa atribuir significados a textos que utilizam a **linguagem, entendida de maneira ampla, para além da dicotomia verbal e não verbal**. Reconhecendo de quais códigos essas linguagens se valem, os estudantes podem manipulá-los com propriedade e ampliar e aprofundar sua capacidade de comunicação.

Dessa forma, na coleção, a relação entre Arte e leitura é transversal, e pode ser trabalhada em três aspectos: na relação entre texto e criação artística (canção, dramaturgia, textos reflexivos, discussões entre arte e sociedade e depoimentos de artistas, por exemplo); leitura de imagens (apreciação, contextualização, fruição, tradução); e modos de expressão verbais e não verbais (cenas, improvisos, dança, desenho, pintura, produção sonora e musical, entre outras possibilidades).

APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO FORMATIVA

O desenvolvimento de competências e habilidades pelos estudantes, conforme citamos anteriormente, também é o foco do processo de ensino e aprendizagem no ensino e aprendizagem de Arte. Mas como saber se esse processo está

acontecendo com sucesso e o que fazer para reorientá-lo quando necessário?

As singularidades da Arte, componente curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias, tornam a avaliação no âmbito escolar um processo especial. Suas linguagens – Artes Visuais, Dança, Música e Teatro – articulam saberes e práticas que envolvem e mobilizam aspectos subjetivos como a sensibilidade, a intuição, a criatividade e as emoções. Há de se considerar, também, os diferentes contextos temporais, culturais, ambientais, políticos e sociais em que a construção do conhecimento ocorre e que as experiências artísticas são constituídas por expressões verbais e não verbais, físicas, visuais, plásticas e sonoras.

Nesse cenário peculiar e dinâmico, cabe ao educador assegurar aos estudantes o desenvolvimento de competências (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores em um ambiente educacional comprometido com o atendimento das demandas sociais da atualidade.

Nessas circunstâncias o professor deve construir e aplicar procedimentos de avaliação educacional durante todas as etapas da aprendizagem, trabalhando na perspectiva da **avaliação formativa**. São ações avaliativas que implicam considerar a avaliação não de forma isolada, mas parte intrínseca do processo de ensino e aprendizagem. Essa concepção exige do professor adequar a visão tradicional de avaliação a novas formas que valorizam o percurso da aprendizagem, em detrimento da ênfase e da supervalorização dos produtos.

Vale lembrar que a avaliação formativa é preceito legal, já previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que estabelece que a verificação do rendimento escolar deve ser “contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais” (LDB, Art. 23).

No sistema educacional brasileiro, no que diz respeito à sua abrangência, a avaliação acontece de modo interno e formativo – aplicada pela própria instituição escolar – e externo e em larga escala, como aquela aplicada pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Por não participar diretamente das avaliações externas e de larga escala, o componente curricular Arte contribui para o desempenho do estudante na medida que proporciona o domínio de competências e habilidades cognitivas básicas e articula-se às demais áreas de ensino no currículo escolar. Dessa forma, mais que resultados ou classificações, a avaliação no componente Arte deve privilegiar a atenção cuidadosa e detalhada ao percurso da aprendizagem e a regulação de esforços.

Avaliação diagnóstica

Para ser contínuas e cumulativas, as práticas avaliativas devem ser consideradas em vários momentos. No início de qualquer etapa de curso, aula, atividade ou projeto, como

um movimento inicial e diagnóstico em relação aos saberes dos estudantes. Por meio de estratégias diversificadas, o professor precisa saber o que os estudantes pensam, quais são suas potencialidades, interesses, expectativas, dúvidas, bagagem cultural e educacional e referenciais artísticos e estéticos. Essa sondagem, no início de qualquer etapa, permite ao docente refletir sobre o plano elaborado, observando:

- a adequação da programação proposta;
- as possibilidades de sucesso de estratégias e recursos previstos;
- o potencial para levar ao desenvolvimento de conhecimentos, competências, habilidades e valores previstos, tendo em vista a realidade e as características dos estudantes.

Na coleção, as propostas para avaliação diagnóstica de entrada são apresentadas no início de cada volume, em seção denominada **Aquecimento**. Essa sondagem inicial visa identificar os níveis de aprendizagem dos estudantes, seus conhecimentos anteriores e lacunas de aprendizagem para estabelecer intervenções que lhes possibilitem avançar nos estudos posteriores e para que o professor possa ajustar seus planos e práticas à sua realidade de sala.

Avaliações durante o processo

As ações avaliativas realizadas durante o processo procuram detectar situações em que há necessidade de intervenção no sentido de aperfeiçoar o trabalho do professor e o aprendizado do estudante. Nesses momentos, quais critérios poderão nortear o trabalho docente? Para orientar essas decisões, citamos, com Perrenoud (2002, p. 25), algumas características consideradas essenciais no processo de avaliação formativa:

- A avaliação só inclui tarefas contextualizadas.
- A avaliação refere-se a problemas complexos.
- A avaliação deve contribuir para que os estudantes desenvolvam mais suas competências.
- A avaliação exige a utilização funcional de conhecimentos disciplinares.
- A tarefa e suas exigências devem ser conhecidas antes da situação de avaliação.
- A avaliação exige uma certa forma de colaboração entre pares.
- A correção leva em conta as estratégias cognitivas e metacognitivas utilizadas pelos alunos.
- A correção considera erros importantes na ótica da construção das competências.
- A autoavaliação faz parte da avaliação.

Na proposta de ensino em que o estudante é considerado sujeito da aprendizagem e que contempla a avaliação formativa em seus princípios, está implícita a reflexão, pelo estudante, do próprio desempenho. Por meio de diálogos, comentários, observações e devolutivas constantes, o profes-

o professor auxilia o estudante a avançar na percepção de sua aprendizagem. A autorreflexão que promove a autoavaliação, além de levar à consciência do percurso da aprendizagem, possibilita o compartilhamento de responsabilidades e leva ao reconhecimento do protagonismo e do compromisso com a própria formação.

Momentos para avaliação do trabalho coletivo são muito importantes, especialmente em Arte, em que esse tipo de trabalho é parte inerente dos objetos de conhecimento. Estratégias que envolvam duplas, grandes ou pequenos grupos e trabalhos em equipe permitem aos estudantes observar como são considerados as diferenças individuais, o respeito mútuo, a colaboração, a empatia, a solidariedade e o compartilhamento de responsabilidades. Cabe ao professor a gestão desses momentos, de forma a deixar claro que os objetivos de uma tarefa e seus resultados só serão alcançados com as trocas pessoais e o trabalho conjunto. Portanto, a discussão permanente de objetivos, atitudes e regras é condição indispensável para a criação de um “espírito de coletividade” pela turma.

Há aspectos relevantes, centrais em Arte, a serem questionados e avaliados, tanto pelo professor como pelos estudantes, durante todo o processo de ensino e aprendizagem, independentemente da faixa etária em que se encontrem. Por exemplo: Está sendo valorizada, desejada e respeitada a liberdade para criar e se expressar? Estão sendo exercidos e acolhidos o diálogo e a participação ativa e espontânea? Há sensibilidade em relação à realidade socioeconômica, individual e coletiva de todos os participantes? Há diversão e prazer na realização das atividades artísticas?

Determinar o produto final a ser avaliado dependerá dos objetivos e das intenções a serem claramente definidos e compreendidos por todos, sempre que uma proposta for iniciada. Esses objetivos e intenções estão indicados por meio das habilidades definidas na BNCC.

Destacamos na coleção, ao final de cada Unidade, a seção **Criar e Refletir**, que, por meio do diálogo, propõe aos estudantes que explicitem as aprendizagens realizadas durante os estudos da Unidade. São questionamentos que estimulam a reflexão individual e coletiva, possibilitando a autoavaliação e a avaliação pelo grupo.

Avaliação somativa ou de resultado

Embora o fazer artístico não se restrinja ao produto final, a avaliação ao final do percurso, também chamada **avaliação somativa ou de resultado**, representa uma oportunidade para a sistematização do conhecimento. Ao final de cada volume da coleção, a seção **O que eu aprendi** é especialmente dedicada a essa forma de avaliação, proporcionando momentos para a verificação e a reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem como um todo.

Lembramos que uma das formas de garantir a efetividade das ações avaliativas é o registro de seus resultados. A documentação dos momentos significativos do processo e

do produto, pelo estudante, pelo professor, pelo coletivo, é indispensável para respaldar a avaliação em suas funções: diagnóstica, de processo e de resultado. A realização de registros poderá ser feita pelas diferentes linguagens em produções como:

- em artes visuais e audiovisuais, por meio de desenhos, colagens, construções, gravuras, pinturas, fotografias, instalações, meios eletroeletrônicos, vídeo, *design*, artes gráficas;
- em música, pela utilização de vozes ou instrumentos acústicos ou eletrônicos, trabalhando com improvisações, composições e interpretações;
- na dança, pela experimentação de diferentes improvisações e composições coreográficas, partindo de fontes diversas (orientações, jogos, elementos de movimento, sons e silêncio, histórias etc.);
- em teatro, por meio de criações corporais expressivas, improvisação, interpretação de personagens, atuação, adaptação de textos dramáticos etc.

Em suma, a avaliação contemplada nos documentos contemporâneos da literatura especializada supera o caráter de terminalidade e medição de conteúdos aprendidos.

Vale ressaltar que, embora teoricamente sejam descritos momentos determinados para as ações avaliativas, na realidade elas devem ser compreendidas como ações dinâmicas e integradas, inerentes ao processo de ensino e aprendizagem, que não é linear. Nessa concepção, também não há mais espaço para a visão tradicional da existência de erros, fracassos, insucessos, mas para reflexões que reorientem professor e estudante em direção ao desenvolvimento das competências desejadas, em cada momento do processo de ensino e aprendizagem.

Enfim, os procedimentos de avaliação formativa em Arte, no Ensino Fundamental, devem contribuir para a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos que o estudante traz da Educação Infantil e para a agregação de novos saberes, tendo em vista a continuidade dos seus estudos.

Sugestões de instrumentos de registro das aprendizagens dos estudantes

Ao longo deste manual, distribuídas na **Seção de Referência do Livro do Estudante**, são apresentadas algumas sugestões de fichas de acompanhamento que podem ajudá-lo no registro das aprendizagens dos estudantes. Você poderá reproduzi-las e adequá-las a suas necessidades.

IV. PRÁTICAS EM ARTE

Destacaremos a seguir algumas estratégias e atividades que se encontram na coleção e são relevantes para as práticas em Arte.

Vale comentar que, embora o fazer artístico seja central em todos os volumes da coleção, ele está sempre inserido

em um contexto em que se encontram procedimentos diversificados para leitura, compreensão e produção de textos, por exemplo, propostas de leitura oral, compartilhada, pelo professor e pelos estudantes.

PESQUISAR EM DIFERENTES FONTES

A pesquisa é excelente meio para o desenvolvimento de habilidades e para a ampliação de conhecimentos. Pesquisar não é uma estratégia simples e necessita mediação e acompanhamento durante todo o processo. Requer a definição prévia dos assuntos, a seleção de fontes e formas de acessá-las, modos de apresentação do resultado final e avaliação dos resultados.

Aspecto relevante dessa prática é a familiarização com comportamentos e atitudes exigidos nos diferentes espaços em que as fontes de pesquisa se encontram, como biblioteca, sala de leitura, centros de mídia, ambientes domésticos, entre outros. Cuidado especial deve ser tomado com as pesquisas em grupo, que requerem organização especial e definição de responsabilidades entre os seus elementos.

PROMOVER EXPOSIÇÕES

A organização de exposições em Arte visa à escolha da melhor forma de apresentar as produções dos estudantes. Chamada de “curadoria pedagógica”, essa atividade deve ser realizada com a contribuição dos estudantes.

É o momento de dar visibilidade aos trabalhos realizados, o que terá grande repercussão na autoestima dos autores e na valorização da arte. É também uma excelente oportunidade para uma apresentação envolvendo trabalhos de outras áreas ou componentes curriculares.

A exposição pode ser realizada em espaços da sala de aula ou da escola, considerando o público que a visitará. Se possível, abra a exposição para os familiares e a comunidade, como forma de ampliar e estreitar as relações com esses segmentos.

REALIZAR VISITAS CULTURAIS

Visitar museus, teatros, centros culturais, galerias, feiras, eventos nas ruas e praças e outros espaços culturais proporciona aos estudantes oportunidade para apreciar a arte em sua expressão genuína e de forma multissensorial.

Consiste em experiência única de desmistificar certos espaços, além de recurso para que o estudante se aproprie dos bens culturais que a região ou a cidade oferecem. É possível levar espetáculos e apresentações à escola, porém as saídas estão imbuídas de outros valores, não apenas culturais, mas também sociais e de lazer.

O planejamento das saídas é fundamental e é desejável que envolva atividades prévias como uma visita antecipada do professor ao local, informações contextualizadas sobre os artistas em sala de aula, combinados sobre o percurso e regras de comportamento para a visita. Após a visita, um momento especial deve ser destinado ao compartilhamento de impressões, opiniões e críticas.

As saídas com estudantes requerem providências especiais quanto à comunicação e autorização tanto pela equipe administrativa e pedagógica quanto pelos pais ou responsáveis.

PROMOVER ENCONTROS COM ARTISTAS

Encontros com profissionais que trabalham com arte e cultura têm a intenção de levar os estudantes a humanizar a figura do artista ao mesmo tempo que os aproximam do processo de criação. Nem sempre o artista é uma figura distante e inacessível e as produções culturais populares, além das eruditas, precisam ser reconhecidas e valorizadas.

O contato com artistas, em sua diversidade, encoraja a expressão de talentos levando à percepção de que a arte também é fruto de trabalho e dedicação.

Os encontros podem acontecer no espaço de atuação do artista, em sala de aula ou mesmo pela internet. Em diversas localidades há artistas atuantes, e isso pode ser verdade mesmo entre os familiares dos estudantes e na própria escola.

O preparo dos estudantes, do ambiente e do próprio entrevistado proporcionará um rico momento de troca e convívio.

ENTREVISTAR

O contato pessoal dos estudantes com um artista é uma experiência emocionante e compensa o investimento em sua realização. Destacamos algumas etapas para esse evento.

Com o artista:

- Pesquisar as possibilidades de contato com ele.
- Entrar em contato para avaliar sua disponibilidade, comentar o interesse pelo seu trabalho, a faixa etária dos estudantes e as questões a serem feitas.

Com os estudantes:

- Planejar o encontro, elaborando o roteiro da entrevista mediante o registro prévio das perguntas a serem feitas.
- Combinar as atitudes e regras de comportamento durante e após a entrevista.

Com a escola:

- Negociar com a direção a ida desse profissional para a entrevista.
- Preparar o ambiente da sala, expondo trabalhos dos estudantes relacionados à obra do artista convidado.
- Organizar o espaço de forma a deixar o entrevistado confortável e os estudantes bem colocados para as perguntas.

Outras providências:

- Registrar o encontro com fotografias, gravações, filmes.
- Expor os resultados e a documentação do encontro em um local espaçoso e com visibilidade.
- Circulação na escola.

REALIZAR RODAS DE CONVERSA

Destacamos a roda de conversa como estratégia presente em muitos momentos nos livros da coleção de Arte. A roda de conversa é recurso privilegiado para o diálogo coletivo, para o exercício e ampliação das capacidades comunicativas, da fluência para falar, perguntar, expor e validar ideias, explicitar dúvidas e descobertas.

Como forma de iniciar a dinâmica, como na maioria das vezes é preciso provocar a fala por meio de perguntas, há questionamentos propostos no material do estudante. Esses questionamentos podem ser ampliados, adaptados, de forma a estimular a conversa e a fluência na verbalização dos estudantes. É preciso valorizar e acolher todos os enunciados e estar atento para que todos tenham oportunidades de se manifestar.

Os procedimentos aqui expostos constituem sugestões que não precisam ser rigidamente seguidas. O importante é que cada professor encontre os próprios caminhos com sua turma de estudantes.

V. ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, DO TEMPO E DOS MATERIAIS

O ESPAÇO

A organização espacial e temporal é fundamental em situações didáticas, o que se aplica também no caso de situações didáticas que envolvem atividades artísticas. Os estudantes precisam reconhecer que o espaço escolar que ocupam pertence também a eles, e a participação em sua organização contribui para a sensação de pertencimento.

Na falta de espaço físico adequado, como salas-ambiente, a prática artística leva ao trabalho em sala de aula ou ao deslocamento para outros espaços, como pátio, corredores, refeitório ou salas ociosas. Para a realização de pesquisas e consultas, o professor pode recorrer a bibliotecas ou salas de leitura, fototecas, videotecas, centros de mídia ou salas de informática, entre outras opções. É indispensável cuidar dos espaços para interações e trocas, sem descuidar da responsabilidade e do compromisso com a ordem e a limpeza do lugar.

A criação de um clima favorável é outro fator relevante no processo educacional. As atividades em Arte em sua maioria estão orientadas para serem realizadas de forma interativa, e a interação cumpre seu papel quando os estudantes podem e sabem trabalhar juntos. Com essa intenção, sugerimos variações nas dinâmicas de agrupamentos para que todos possam discutir pontos de vista, negociar e trocar ideias de diferentes formas.

A literatura especializada indica que a heterogeneidade na formação de um grupo favorece os resultados para todos os envolvidos. O agrupamento, portanto, requer organização cuidadosa considerando os objetivos

da proposta de trabalho, as características dos estudantes e o combinado de regras para a participação dos componentes. Os estudantes podem ser organizados em duplas, trios, quartetos ou mesmo produzir coletivamente, mas sempre com o acompanhamento do professor e com a combinação prévia de tudo o que estiver implícito em sua dinâmica.

A organização do espaço para exposições das produções dos estudantes é outro aspecto a ser especialmente cuidado. Escolher o melhor espaço e a melhor forma de apresentação é um importante exercício de curadoria pedagógica a ser realizado pelo professor, com a participação dos estudantes. A sala de aula ou outras áreas fora dela são vitrines para dar visibilidade às expressões artísticas, como o uso de varais e de painéis para exposições temporárias ou permanentes. Em se tratando de educação em Arte é preciso pensar também na criação de espaços para as práticas de dança, teatro e música, além de ajustar as dinâmicas às possibilidades dos espaços, sejam eles convencionais, sejam alternativos (como aqueles localizados fora do espaço escolar), sempre observando as questões de segurança e autorização.

O TEMPO

A administração do tempo é uma aliada preciosa no desenvolvimento das propostas. É preciso saber dimensionar e otimizar o tempo de duração de cada aula, considerando aspectos como a organização do espaço e dos estudantes, o preparo dos recursos materiais, as orientações para as atividades, a realização das práticas que envolvem criação e troca de experiência e a avaliação, indispensável, de fechamento de uma dinâmica.

Com relação especificamente às práticas propostas nos Livros do Estudante da coleção, lembramos que podem ser desdobradas em etapas ou **sequências didáticas**, a serem realizadas em dias diferentes, do modo mais conveniente ao planejamento didático do professor.

Outra forma de otimizar o tempo, sem deixar de atender à grade curricular, é articular as atividades de Arte com as de outro componente curricular, como Língua Portuguesa ou Educação Física.

É importante ressaltar que o livro didático de Arte não é um livro de receitas que limita e engessa processos criativos, principalmente no que diz respeito às relações de tempo e espaço.

OS MATERIAIS: DISPONIBILIDADE E CUIDADOS

O fazer em Arte requer o uso de materiais apropriados para trilhar um percurso próprio de criação e construção artísticas.

Tendo em vista que há materiais com cujos custos os familiares dos estudantes não poderão arcar, sugerimos o melhor aproveitamento possível dos materiais enviados pelas diversas secretarias de educação. No caso da escassez des-

ses recursos, os professores poderão recorrer, por exemplo, à Associação de Pais e Mestres ou ao Conselho de Escola, fundamentando a importância desses materiais para as atividades em Arte.

Grande parte do material a ser utilizado pode ser coletivo. Alguns aspectos importantes dessa forma de uso, além da economia, são o exercício do compartilhamento, o cuidado responsável com o bem de todos e a promoção da interação social. Vivenciam-se a equidade, o auxílio mútuo e o respeito.

Os materiais específicos para algumas técnicas – por exemplo, escultura, modelagem, gravuras, instalações, em **artes visuais**; instrumentos musicais, materiais sonoros, equipamentos e tecnologias, em **música**; objetos para cenário, figurinos, maquiagem, adereços, aparelhos sonoros, em **teatro**; espelhos, colchonetes, equipamento de som, em **dança** – podem ser obtidos por meio de empréstimos, doações e pelo uso criativo de diferentes materiais.

Assim como em todos os projetos educacionais, os familiares e/ou a comunidade poderão contribuir com materiais ou ideias. Essencial para essas ações é o conhecimento dos objetivos e da importância das iniciativas da escola para a educação dos estudantes.

VI. O TRABALHO COM SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

As **sequências didáticas** são estratégias metodológicas de grande potencialidade para a abordagem de conteúdos educacionais. Consistem em uma sequência de aulas destinadas a desenvolver determinado objeto de conhecimento e habilidades que constam no plano de um período de ensino.

As ações previstas para seu desenvolvimento são organizadas em etapas em que há relação recíproca entre as situações e continuidade de desafios e diversidade nas atividades. Essas ações estão ligadas à organização dos estudantes para potencializar as aprendizagens. As organizações em grupos possibilitam trocas e debates, as atividades em dupla favorecem uma interação mais focada e a discussão de ideias; as propostas individuais propiciam a mobilização de conhecimentos construídos. Todas as formas de organização precisam levar em conta a inclusão e a participação de estudantes com dificuldades de aprendizagem ou deficiências.

A duração de uma sequência didática leva em conta todo o plano de ensino, a carga horária do componente curricular e o tempo necessário para o processo de ensino e aprendizagem.

O acompanhamento e os registros do desempenho dos estudantes ao longo de todas as etapas propiciarão a avaliação do progresso deles em cada etapa e até a etapa final.

VII. TECNOLOGIAS DIGITAIS, APRENDIZAGEM E ARTE

Em todos os volumes desta coleção de Arte há, de forma transversal, propostas de práticas a serem realizadas por meio do acesso a tecnologias digitais. O objetivo é estimular a aprendizagem ativa de forma significativa, reflexiva e crítica. Observamos, nos dias atuais, que crianças e jovens com acesso a tecnologias digitais desenvolvem sozinhos, ou em parceria, habilidades para o uso de recursos disponíveis em seus equipamentos eletrônicos. No entanto, é preciso atenção na transição da aprendizagem construída com o uso das tecnologias digitais e para aprendizagem escolar. As exigências implicadas nas experiências em uma ou outra situação são diferentes, especialmente no que diz respeito às exigências cognitivas como atenção, memória, raciocínio lógico, abstração, entre outras.

No processo inicial de alfabetização, por meio de atividades lúdicas e práticas dirigidas, como jogos e brincadeiras, pretendemos que as crianças iniciem o reconhecimento e a compreensão das noções dessa linguagem para sua aprendizagem. A seguir, para continuidade das aprendizagens, as propostas demandarão cada vez mais o desenvolvimento das habilidades para o acesso a informações, processos de produção e criação, tendo em vista o futuro domínio das tecnologias digitais em ambientes virtuais de aprendizagem.

Algumas ponderações são necessárias, porém, tendo em vista a realidade no que se refere à disponibilidade de acesso às tecnologias digitais no ambiente educacional, pois a infraestrutura tecnológica das escolas públicas é, muitas vezes, precária e o acesso à internet não tem requisitos suficientes para atender às demandas dos estudantes e dos professores.

Para enfrentar os problemas e equacionar as dificuldades, lembramos que as possibilidades se ampliam se considerarmos que as soluções são sempre contextuais e podem ter mais êxito quanto maior for o número de pessoas que delas participem, como estudantes, pais, professores, funcionários, gestores, comunidade.

Ressaltamos aqui o protagonismo humano na aprendizagem a ser mediada pelas tecnologias digitais.

VIII. A FAMÍLIA E A APRENDIZAGEM ESCOLAR

Ao longo desta coleção de Arte há oportunidades e sugestões para a participação dos pais, familiares ou cuidadores na aprendizagem das crianças. Destacamos agora a importância do engajamento dessas pessoas nas práticas de incentivo à leitura e à escrita, que pode acontecer independentemente das condições socioeconômicas ou culturais das famílias. Como afirma em uma entrevista a professora da Universidade de Harvard, Catherine Snow, referência atual para políticas de alfabetização, quando se refere a práticas denominadas **literacia familiar**:

É claro que famílias variam no grau em que podem se comprometer financeiramente para a educação de seus filhos – seja comprando livros, levando eles a museus ou em viagens ou tendo brinquedos educativos em casa. [...] Mas todos os pais têm, sim, recursos que eles podem utilizar em benefício de seus filhos, mesmo famílias com habilidades limitadas de alfabetização. Elas podem contar e recontar histórias sobre seus próprios pais, sua infância, seus amigos e experiências diárias.

Podem também responder às perguntas de seus filhos. Podem recrutar as crianças para ajudá-los a cozinhar – o que envolve trabalhar com medidas e contas. Eles podem criar jogos simples para brincar com seus filhos, como, por exemplo, pensar em coisas que têm rodas, que são vermelhas, que fazem sons, ou em animais que vivem na fazenda.

O ponto da afirmação de que práticas familiares são mais importantes para o sucesso escolar do que renda ou nível de educação da família é para enfatizar que mesmo famílias muito pobres podem fazer muito para promover a curiosidade de suas crianças, suas habilidades linguísticas e atitudes positivas relacionadas ao aprendizado. Assim como famílias muito mais ricas podem não estar engajadas nessas interações importantes.

SNOW, Catherine. Entrevista. Revista **Nova Escola**, 2 mar. 2020.

Para que sejam vivenciadas situações que estimulam o apreço pela leitura, sugerimos algumas práticas para serem realizadas em casa. Por exemplo, conversar com as crianças sobre assuntos de seu interesse e experiências de seu dia a dia, oferecer acesso a livros e revistas infantis, conectar a escrita à comunicação. Algumas sugestões, entre tantas outras, seriam:

- oferecer à criança, sempre que possível, livros de histórias e cadernos para que usem como diário, escrevam poemas ou histórias, desenhem, façam colagens;
- estimular a escrita de bilhetes, cartas, poemas ou um diário;
- partilhar a produção de um pequeno livro com capa desenhada;
- oferecer jogos que usam a escrita, palavras cruzadas, caça-palavras;
- solicitar a anotação de listas, lembretes, recados, receitas, endereços, números de telefone.

Outras pessoas ou todos do grupo de convívio da criança podem organizar esses momentos e participar deles. É um costume que cria laços e lembranças que nunca serão esquecidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

LIVROS E ARTIGOS

BANNELL, Ralph Ings *et al.* **Educação no século XXI – cognição, tecnologias e aprendizagens.** Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

O livro trata de questões e visões sobre a relação entre tecnologias digitais e cognição e a incorporação de tecnologias nas práticas pedagógicas. Oferece importante contribuição para a busca de novos pressupostos e práticas para orientar a educação no século XXI.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

Neste livro a autora analisa as relações entre arte e educação no Brasil, desde a chegada das Missões Francesas no século XIX até o aparecimento das iniciativas modernistas na primeira metade do século XX.

BARBOSA, Ana Mae (org.) **Ensino da arte: memória e história.** São Paulo: Perspectiva, 2014.

Coletânea que reúne uma série de artigos de pesquisadores sobre as relações históricas entre arte e educação no Brasil, com ênfase na inserção da arte na Educação Básica.

BEE, Helen. **O ciclo vital.** Porto Alegre: Artmed, 1977.

Em um texto claro, acessível e cronologicamente organizado, o livro trata do desenvolvimento humano em seus aspectos físico/cognitivo e social. O equilíbrio entre teoria, pesquisa e realidade faz desta obra uma leitura necessária para o educador.

BEZERRA, Dagmar D. da Silva; RIBEIRO, Luciana G. A história do ensino da dança no Brasil e a Educação Básica. **Incomum Revista**, v. 1, n.1, 2020, p.1-19.

O artigo resulta de pesquisa realizada sobre o ensino de dança no Brasil, a partir de revisão bibliográfica da história do ensino da dança no país e sua inserção como conteúdo das Artes na escolarização básica. Faz um levantamento das concepções de dança, corpo, educação, professor e formação docente, com o objetivo de contribuir para a reflexão sobre o ensino da dança no Brasil.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação.** Volume 1: Psicologia evolutiva. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

O volume trata da psicologia evolutiva situando os conteúdos e as perspectivas no início do século XXI. Combina aspectos científicos com aspectos didáticos. Leitura relevante para os educadores conhecerem o desenvolvimento psicológico dos seres humanos e sua atuação no campo pedagógico, refletindo sobre o tema.

COLL, César *et al.* **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

A obra aborda aspectos a serem considerados no momento de planejamento e desenvolvimento do currículo em relação aos conteúdos. Saber, saber fazer e avaliar são os conteúdos de aprendizagem propostos aos estudantes que devem ser objeto de ensino sistemático, de forma consciente, pelo docente.

COLL, César. **Psicologia e currículo**. São Paulo: Ática, 1996.

A partir de fundamentos psicopedagógicos, a leitura oferece modelos de projeto curricular concebidos para servir de instrumento na elaboração de propostas curriculares para os ciclos e níveis de educação escolar atuais.

KOUDELA, Ingrid Dormien; SANTANA, Arão Paranaguá de. **O teatro na educação**. In: FARIA, João Roberto (dir.). **História do teatro brasileiro**. Volume 2: Do modernismo às tendências contemporâneas. São Paulo: Perspectiva: Edições SESCSP, 2013.

Este capítulo da história do teatro brasileiro apresenta o percurso da inserção da linguagem teatral no ensino formal, além de expor as principais correntes teórico-metodológicas que fundamentam esse ensino.

KOUDELA, Ingrid Dormien; ALMEIDA JUNIOR, José Simões (org.). **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Neste livro, diversos verbetes articulam conceitos referentes à linguagem teatral com o campo das práticas educativas.

PERRENOUD, Philippe *et al.* **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

O livro traz textos das apresentações de autores que participaram de um ciclo de conferências realizado no Brasil em agosto de 2001. Os assuntos abordados subsidiam discussões e tomadas de decisão por aqueles que desejam um trabalho diferenciado e construtivo na escola.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

A obra apresenta perspectivas e limitações para a colocação em prática, na sala de aula, da construção de competências e da transposição prática. A leitura traz informações teóricas relevantes para a compreensão do conceito de competência e suas implicações no ofício docente.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

O livro privilegia as práticas inovadoras e, portanto, as competências emergentes que devem orientar as formações inicial e contínua do professor. Pode ser considerado um guia destinado àqueles que procuram compreender para onde deve se encaminhar o ofício docente.

SILVA, Jansse F. da; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria T. (org.). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

A obra reúne estudiosos de diferentes áreas do currículo para responder a questões sobre avaliação. Embasada em princípios comuns como a defesa do caráter formativo, mediador, ético e democratizado, tem o objetivo de suscitar outros olhares sobre o processo avaliativo.

TOMAZZONI, A.; WOSNIAK, C.; MARINHO, N. **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2010. Disponível em: <<http://www.ifdj.com.br/site/wp-content/uploads/2015/10/III-Seminarios-de-Danca-Algumas->

[Perguntas-sobre-Danca-e-Educacao.pdf](#)>. Acesso em: 12 nov. 2020.

Apresenta artigos que discutem as relações entre dança e educação, sobretudo no tocante à sua presença na Educação Básica e nos cursos de profissionalização espalhados pelo Brasil.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

O livro consiste em uma seleção cuidadosa dos ensaios mais importantes do autor, editada por estudiosos de sua obra. Vigotski enfatiza as origens sociais da linguagem e do pensamento e sugere os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza das pessoas, ressaltando o papel da escola no desenvolvimento mental das crianças.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

O livro trata das relações interativas na classe, do papel dos professores e estudantes, da distribuição do tempo e da organização dos conteúdos. As análises sobre a prática educativa constituem pautas e orientações que visam melhorá-la.

DOCUMENTOS OFICIAIS

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA** (Lei n. 8.069/1990). Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRASIL. **Estatuto da Igualdade Racial** (Lei n. 12.288/2010). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência** (Lei n. 13.146/2015). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB** (Lei n. 9.394/1996). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 12 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 8 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento referencial técnico-científico**. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/165-editais?download=14532:documento-t%C3%A9cnico-cient%C3%ADfico-do-minist%C3%A9rio-da-educa%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 8 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024** (Lei n.13.005/2014). Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>>. Acesso em: 12 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Alfabetização – PNA**. Brasília: MEC: SEALF, 2019. Disponível em: <<http://alfabetizacao.mec.gov.br/>>. Acesso em: 8 mar. 2021.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte. Brasília: MEC: SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2021.

**SEÇÃO DE REFERÊNCIA
DO LIVRO DO ESTUDANTE**

MODERNA

Diego Moschkovich

Mestre em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bacharel em Artes Cênicas pelo Instituto Estatal Russo de Artes Performativas, São Petersburgo, Rússia (revalidado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Bacharelado em Atuação Cênica). Diretor de teatro, tradutor, pesquisador em Artes Cênicas. Professor.

Luiz Pimentel

Mestre em Educação (Área de concentração: Educação – Opção: Filosofia da Educação) pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Bacharel em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Ator, dramaturgo, pesquisador em Artes Cênicas. Professor.

Bela Moschkovich

Bacharela em Letras – Inglês pela Universidade de São Paulo. Especialista em Canção Popular pela Faculdade Santa Marcelina (SP). Cantora, compositora, tradutora e revisora. Professora de Música e canto.

Lucas Oliveira

Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Bacharel em filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bacharel e licenciado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Pesquisador e mediador cultural. Professor.

MUNDO DE EXPLORAÇÕES ARTE

2^o ano

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Categoria 2: Obras didáticas por componente ou especialidade

Componente: Arte

1ª edição

São Paulo, 2021

 **MODERNA**

Coordenação geral de produção: Maria do Carmo Fernandes Branco
Edição de texto: Denise Costa Felipe
Assistência editorial: Lygia Roncel
Assessoria pedagógica: Regina Averoldi
Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula
Coordenação de produção: Patricia Costa
Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues
Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite
Projeto gráfico: Megalo/Narjara Lara
Capa: Daniela Cunha
Ilustração: Marcos de Mello
Coordenação de arte: Aderson Assis Oliveira
Edição de arte: Felipe Borba
Editoração eletrônica: Narjara Lara
Edição de infografia: Giselle Hirata, Priscilla Boffo
Coordenação de revisão: Camila Christi Gazzani
Revisão: Elza Doring, Janaina Mello, Lilian Xavier, Sirlene Prignolato
Coordenação de pesquisa iconográfica: Sônia Oddi
Pesquisa iconográfica: Angelita Cardoso, Vanessa Trindade
Suporte administrativo editorial: Flávia Bosqueiro
Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues
Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro, Vânia Aparecida M. de Oliveira
Pré-impressão: Alexandre Petreca, Andréa Medeiros da Silva, Everton L. de Oliveira, Fabio Roldan, Marcio H. Kamoto, Ricardo Rodrigues, Vitória Sousa
Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro
Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mundo de explorações arte / Diego Moschkovich ...
[et al.]. -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna,
2021.

Outros autores: Luiz Pimentel, Bela Moschkovich,
Lucas Oliveira

2º ano : ensino fundamental : anos iniciais
Categoria 2; Obras didáticas por componente ou
especialidade

Componente: Arte
ISBN 978-65-57797-33-4

1. Arte (Ensino fundamental) I. Moschkovich,
Diego. II. Pimentel, Luiz. III. Moschkovich, Bela.
IV. Oliveira, Lucas.

21-66958

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0__11) 2602-5510
Fax (0__11) 2790-1501
www.moderna.com.br
2021

Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

APRESENTAÇÃO

Estudante,

Seja bem-vindo ao universo da arte!

Nós, autores deste livro, ficamos muito contentes em convidá-lo a observar que a arte está presente de diversas formas em nosso cotidiano.

Ela está em nossas casas, nas ruas, na escola, na cidade, no campo, nos museus, nos teatros, na internet e em muitos outros países e espaços.

Este livro que você tem em mãos vai ser seu companheiro de percurso ao longo do estudo de diversos artistas, obras, coletivos e manifestações culturais do Brasil e do mundo.

Lembre-se ao longo dos seus estudos: a arte também é uma linguagem que nos permite pensar nossa vida, nosso corpo, nosso mundo e nossa sociedade.

Além disso, você e seus colegas serão convidados a ser artistas, criando cenas, movimentos, sons e obras visuais.

Assim, este livro faz um convite: vamos juntos explorar o mundo da arte?

Desejamos a você um bom percurso criativo!

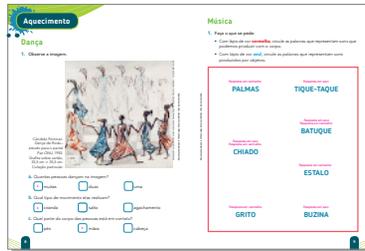
Os autores.

Conheça seu livro

Veja como está organizado seu livro de Arte.

Aquecimento

Para iniciar, você irá descobrir o que já sabe sobre arte.



Abertura de unidade

A cada abertura, você e seus colegas irão analisar obras artísticas e discutir sobre o tema da unidade.



Abertura de capítulo

A obra artística apresentada no início do capítulo fará você refletir sobre seus conhecimentos e sobre o tópico de arte que será tratado.



O que é essa imagem?

Você aprenderá a fazer a leitura de uma obra artística e discutirá os conhecimentos que tem sobre o tema a ser estudado.

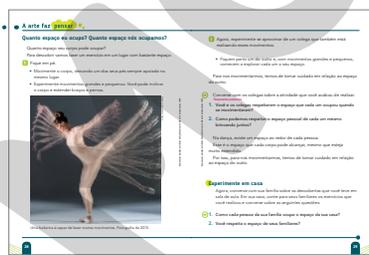
ZUM!

Você irá conhecer vários artistas, obras e movimentos e ampliar seu conhecimento sobre arte.



A arte faz pensar

Esse é o momento de refletir sobre suas experiências com a arte.



Técnicas da arte

Nessa seção, você colocará em prática as técnicas e os conceitos que aprendeu.



Sumário

Aquecimento 8

Unidade 1 Meu corpo, nossos corpos 12

Capítulo 1 - Conhecer e acordar o corpo 14

Perceber o próprio corpo 14

ZAZ

Desenhar e conhecer o corpo 15

Dançar faz bem 16

O que é essa imagem?

Cristian Duarte. *Jamzz* 16

Técnicas da arte 18

Sentidos, articulações, peso e apoios 18

Vamos experimentar 20

Acordar o corpo brincando 20

Capítulo 2 - Todos podem dançar 22

Os corpos são diversos 22

O que é essa imagem?

Edu O. *Judite quer chorar, mas não consegue!* 23

Dançar junto 24

O que é essa imagem?

Espetáculo *Mazurca Fogo* 25

ZAZ 26

Manter o equilíbrio em dupla 26

ZUM! 27

O contato e o improviso 27

A arte faz pensar 28

Quanto espaço eu ocupo?

Quanto espaço nós ocupamos? 28

Experimente em casa 29

Vamos experimentar 30

Improvisar mantendo o contato com o outro 30

Artes integradas 32

Corpos no espaço!

O trabalho visual de JR 32

O que é essa imagem?

Colagem de JR 32

Processo de criação 33

Criando um corpo comum 33

Criar e refletir 34



PALLO MANZI

Unidade 2 A música é nossa 36

Capítulo 3 - Um mar de sons 38

O que é essa imagem?

Orquestra Sinfônica Juvenil Carioca 38

Escutar para lembrar 39

O que é essa imagem?

Maestrina Simone Menezes 40

Qual é o pulso? 41

ZAZ 42

Dançando com o pulso 42

ZUM! 43

Uma orquestra diferente 43

A arte faz pensar 44

Pedro e o lobo: os sons da orquestra 44

Experimente em casa 45

Vamos experimentar 46

Maestro, música! 46

Capítulo 4 - Nossas cantigas 48

O que é essa imagem?

Djanira. *Ciranda* 48

O que é essa imagem?

Hoje é domingo 50

ZAZ!

Na batida da parlenda! 51

Técnicas da arte 52

A melodia e seu ritmo 52

Vamos experimentar 54

Treinando com as cantigas 54

Artes integradas 56

Ensaaiando um cortejo 56

O que é essa imagem?

Cortejo de maracatu 56

Processo de criação 57

Criar e refletir 58



ISABEL PARDAL

Unidade 3 “Eu” por dentro e por fora 60

Capítulo 5 – Retrato e autorretratos 62

O que é essa imagem?
 Autorretrato 63
 O que é um autorretrato? 64

O que é essa imagem?
 Klaas Rommelaere. *Retrato do Klaas* 64

ZAZ
 Retrato sem olhar para o papel 65

A arte faz pensar 66
 Ubuntu: eu sou porque nós somos 66

Técnicas da arte 68
 Colagem 68

O que é essa imagem?
 Adriano Catenzaro. *Gargalhando* 69
 Vamos fazer uma colagem? 69

Vamos experimentar 70
 Montando autorretratos com objetos cotidianos 70

Capítulo 6 – A arte dá forma para as emoções 72

O que é essa imagem?
 Emerica. *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas* 72

O que é essa imagem?
 René Magritte. *Retrato de Stephy Langui* 74

ZAZ 75
 Desenhando um animal fantástico 75

ZUM! 77
 “O nome do medo” 77

Vamos experimentar 78
 Criando um *pop-up* 78

Artes integradas 80
 Uma fantasia com as nossas caretas! 80

O que é essa imagem?
 Rivane Neuenschwander e Guto Carvalhoneto. *O nome do medo* 80

Processo de criação 81

Criar e refletir 82



Unidade 4 E se eu fosse? 84

Capítulo 7 – Onde tem teatro? 86

O que é essa imagem?
 Cia. Solas de Vento. *Viagem ao centro da Terra* 86

ZUM! 89
 Nas profundezas do oceano 89

O que é essa imagem?
 Cia. Delas. *Mary e os monstros marinhos* 89

ZAZ 90
 Vamos brincar de fundo do mar! 90

ZUM! 91
 A Cia. Solas de Vento 91

ZAZ 91
 Vamos virar outras coisas? 91

A arte faz pensar 92
 O Monstro Rosa 92

O que é essa imagem?
 Olga de Diós. *Monstro Rosa* 92

Vamos experimentar 94
 Viagem ao centro da Terra 94

Experimente em casa 94

Capítulo 8 – E se eu fosse? 96

O que é essa imagem?
 Cia. Teatro do Sesc Pompeia. *Monstruário* 96

ZAZ 99
 Que monstro sou eu? 99

Técnicas da arte 100
 O mágico “se” 100
 E se eu fosse... 101

Vamos experimentar 102
 O desfile dos monstros 102

Artes integradas 104
 Cortejo de seres fantásticos 104

O que é essa imagem?
 Hayao Miyazaki. *A viagem de Chihiro* 104

Processo de criação 105

Criar e refletir 106

O que eu aprendi 108

Referências bibliográficas comentadas 112

Aquecimento

Avaliação diagnóstica

Dança

Habilidade: (EF15AR08)

Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

Interpretação da resposta: Avalie se os estudantes identificam os três fatores destacados pela questão: quantas pessoas realizam o movimento, quais são as características desse movimento e quais partes do corpo das pessoas estão em contato uma com a outra. Podemos observar no quadro de Portinari que são muitas pessoas que dançam, formando uma ciranda e mantendo o contato entre si pelas mãos.

Reorientação de planejamento: No caso de os estudantes terem alguma dificuldade para reconhecer os tipos de movimento listados, podem-se retomar os exemplos vistos ao longo do Volume 1 desta coleção (a dança do Bibói, a ciranda, a presença da dança no cotidiano etc.), e também realizar com eles um inventário de suas experiências pessoais e coletivas com a dança. Esse levantamento de informações pode ser guiado a partir das seguintes perguntas: Onde dançamos? Com quem dançamos? Que tipo de movimentos existem nas danças que realizamos? Que partes do nosso corpo mobilizamos ao dançar? Com base nesses quatro eixos, pode-se organizar com a turma um vocabulário comum que formalize e torne didáticos alguns aspectos que conformam as distintas maneiras de manifestação da dança.

Aquecimento

Dança

1. Observe a imagem.



Cândido Portinari.
Dança de Roda –
estudo para o painel
Paz ONU, 1955.
Grafite sobre cartão,
35,5 cm × 35,5 cm.
Coleção particular.

a. Quantas pessoas dançam na imagem?

muitas

duas

uma

b. Qual tipo de movimento elas realizam?

ciranda

salto

agachamento

c. Qual parte do corpo das pessoas está em contato?

pés

mãos

cabeça

REPRODUÇÃO AUTORIZADA POR JOÃO CÂNDIDO PORTINARI/IMAGEM DO ACERVO DO PROJETO PORTINARI – COLEÇÃO PARTICULAR
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1993.

Música

1. Faça o que se pede:

- Com lápis de cor **vermelha**, circule as palavras que representam sons que podemos produzir com o corpo.
- Com lápis de cor **azul**, circule as palavras que representam sons produzidos por objetos.

Resposta em vermelho.

PALMAS

Resposta em azul.

TIQUE-TAQUE

Resposta em azul.
Resposta em vermelho.

BATUQUE

Resposta em azul.
Resposta em vermelho.

CHIADO

Resposta em vermelho.

ESTALO

Resposta em vermelho.

GRITO

Resposta em azul.

BUZINA

Música

Habilidade: (EF15AR15)

Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.

Interpretação da resposta:

Os elementos apresentados referem-se a diferentes fontes sonoras. É esperado que os estudantes sejam capazes de identificar os sons produzidos por objetos (tique-taque, chiado*, buzina) e os sons que podemos produzir com o corpo (palmas, batuque*, estalo*, grito). Três dos sons, "chiado", "batuque" e "estalo", podem se enquadrar nas duas categorias. É aceitável que os estudantes identifiquem esses três sons em qualquer uma delas, ou mesmo nas duas categorias ao mesmo tempo.

Reorientação de planejamento:

Caso você avalie que a turma não identificou as diferenças entre as fontes sonoras, convide os estudantes a explorar os sons corporais, com base nos sons descritos na questão, e a descobrir novos sons. Depois, instigue-os a escutar sons de objetos do cotidiano. Levante com a turma as diferenças entre essas fontes sonoras: Todo objeto produz som? Todo objeto faz música? Que partes do corpo utilizamos para produzir sons e fazer música? Pode-se revisar a introdução às propriedades do som, estudadas no Volume 1, para levantar as diferenças entre os sons.

Artes visuais

Habilidade: (EF15AR02)

Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).

Interpretação da resposta:

Leia a atividade com a turma e exemplifique o que deve ser feito a partir dos itens cor e número, nos quais o espaço vazio já está preenchido com a imagem ou o símbolo solicitado. O objetivo da atividade é verificar se os estudantes compreendem a correlação entre as palavras e as imagens ou símbolos que as representam. A atividade alia elementos próprios do campo das artes visuais ao aprendizado da alfabetização. Observe se os estudantes compreendem como se dá a representação por símbolos visuais, muitos dos quais fazem parte da linguagem do desenho, trabalhada no volume anterior.

Reorientação de planejamento:

Caso os estudantes não consigam preencher os espaços vazios, verifique se isso acontece em relação a uma imagem ou a um símbolo isoladamente ou se a atividade não é compreendida em sua totalidade. Aproveite para revisar alguns dos conteúdos que podem ser trabalhados por meio das artes visuais, como o emprego de pontos, linhas, formas geométricas e cores para criar imagens. Atenção: o trabalho com padrões visuais pode contribuir para a fixação desses conteúdos, como a colagem com formas geométricas ou com grãos que representem pontos, ou o desenho da chuva com linhas retas e das ondas do mar com linhas curvas.

Artes visuais

1. Leia as palavras a seguir. Cada uma delas pode ser representada por uma imagem. Observe os exemplos e, a partir deles, represente cada uma das palavras.

Círculo:

Ponto:

Linha reta:

Três pontos:

Linha em espiral:

Cor:



Linha ondulada:

Triângulo:

Retângulo:

Quadrado:

Letra:

Número: 6

Teatro

1. Circule as imagens que mostram jeitos de fazer teatro.



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

LUCAS LACAZ FUJIFOTARENA

MB IMAGES/SHUTTERSTOCK

ROGÉRIO REIS/PULSAR IMAGENS

WAVEBREAKMEDIA/SHUTTERSTOCK

Teatro

Habilidade: (EF15AR19)

Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).

Interpretação da resposta: Duas imagens mostram formas de teatro já conhecidas pelos estudantes, o teatro em espaço convencional e o teatro de animação/marionetes. Ao circular essas imagens, o estudante mostra que tem referência das duas formas teatrais citadas, e que já é capaz de compreender alguns códigos de uma representação teatral (palco, plateia, cenário, bonecos etc.). O futebol, por ser um jogo, tem pontos em comum com a prática do teatro. A outra imagem mostra uma cena cotidiana.

Reorientação de planejamento: Caso a turma não tenha conseguido relacionar as fotografias às formas trabalhadas de fazer teatral, é possível, ainda, depois de circuladas as imagens, perguntar por que essas duas se referem ao teatro e as outras não. Deixe que os estudantes enumerem os elementos das imagens que, para eles, dizem respeito ao teatro. Pergunte se nas duas outras imagens há elementos teatrais. Chame a atenção para que relembrem as brincadeiras de teatro que fizeram no ano anterior, como jogos, e a contação de histórias como forma de fazer teatro também.

APRESENTAÇÃO DO VOLUME

Volume 2 – Tema: A ARTE É NOSSA

Professor, o segundo volume da obra chama a atenção do estudante para os aspectos da Arte que podem conduzir ao autoconhecimento e à percepção dos outros ao redor. Assim, o caminho do volume é traçar um percurso que vá do reconhecimento e expansão do “Eu” ao “Outro”.

Enquanto na linguagem de **Artes Visuais** o estudante será convidado a retratar a si mesmo, a escola e sua comunidade, em **Dança**, ele poderá iniciar um processo de autopercepção e trabalhar sua consciência corporal. Na linguagem de **Teatro**, por sua vez, ele poderá trabalhar jogos com seus colegas de modo coletivo e exercitar a empatia, aprender as diferenças entre o jogo no teatro e o livre brincar. Na linguagem de **Música**, o estudante é convidado a criar coletivamente por meio de musicalidades do próprio corpo, do canto e de cantigas conhecidas. Por fim, cada unidade apresenta também uma seção de Artes Integradas em que a turma terá a oportunidade de participar de processos coletivos de modo a traçar diálogos entre os elementos aprendidos ao longo do processo pedagógico.

Perguntas disparadoras transversais

- Como, por meio da arte, é possível conhecer melhor a si mesmo e os outros ao redor?
- Como podem ser criadas formas artísticas para representar as pessoas e o mundo ao redor (amigos, família, comunidade, escola)?

Competências gerais: 1, 3, 4, 5, 7, 8, 10.

UNIDADE 1 – MEU CORPO, NOSSOS CORPOS

Introdução à Unidade 1

Este volume dedicado ao componente Arte no 2º ano apresenta, ao longo de suas unidades, o desenvolvimento de uma pergunta central: *Como, por meio da arte, é possível conhecer a si mesmo e os outros de modo a criar formas para representar as pessoas e o mundo ao nosso redor?* Dessa maneira, a Unidade 1 deste volume focaliza os trabalhos de autoconhecimento e percepção dos outros por meio da linguagem da Dança. Parte-se do pressuposto de que o estudante, para entrar em contato criativo com os colegas, deve, antes, poder estabelecer relações entre as partes de seu próprio corpo de modo a compreender seu organismo como uma totalidade. Esse trabalho de autoconhecimento, apresentado ao longo do Capítulo 1, envolve observar, reconhecer e nomear as partes do corpo e também compreender as relações entre corpo e saúde. Para aproximar o estudante dessa discussão, apresentamos a necessidade de pensar o autocuidado físico e emocional. No Capítulo 2, uma vez que o estudante pode localizar as singularidades de seu corpo, elencamos propostas que visam a um encontro com o outro. Assim, apresentamos a obra de artistas com deficiência e possibilidades de dançar junto mediante o contato físico. Com isso, visamos propiciar ao estudante uma experiência de criação saudável e respeitosa em relação aos colegas, de modo a fazê-lo compreender que todas as pessoas, independentemente de suas diferenças e limitações, podem dançar.

Objetivos pedagógicos

Apresentar ao estudante elementos da linguagem da dança por meio de relações a serem estabelecidas a partir de suas experiências do cotidiano; relacionar o conhecimento da linguagem da dança às experimentações práticas, de modo a convocar o estudante a aprender brincando; propor ao estudante que estabeleça relações entre as partes de seu corpo e a totalidade do seu organismo, de modo a implicar maior consciência do movimento; instigar o estudante ao autoconhecimento por meio da dança; chamar a atenção do estudante para as relações entre

corpo e saúde mediante a compreensão das práticas de higiene pessoal e da relação entre dança e saúde; apresentar ao estudante o conceito de cinesfera, de modo a instigá-lo a compreender o seu espaço pessoal e os dos outros a seu redor, contribuindo para a preservação dos limites existentes entre esses espaços; propor ao estudante que identifique elementos da linguagem da dança presentes em algumas obras e coletivos do Brasil e do mundo, de modo a traçar paralelos entre os elementos da linguagem e seu cotidiano; criar ocasiões de exercício prático para que o estudante desenvolva a exploração do movimento e do potencial expressivo de seu próprio corpo; apresentar exemplos de Artes Integradas, de modo a convidar o estudante a compreender a complexidade das linguagens artísticas.

Competências específicas e como são trabalhadas

- **Competência específica 2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.**

A apresentação da obra do artista JR, na seção *Artes integradas*, apresenta a relação entre corpo, fotografia e intervenção artística. A prática proposta de criar um corpo comum a partir da inspiração da obra do artista mobiliza o estudante a manusear e a compreender as ferramentas fotográficas, assim como a combinação de imagens para criar um corpo comum.

- **Competência específica 4. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.**

Na seção *A Arte faz pensar*, o estudante é convidado a conhecer o conceito de cinesfera na prática e no espaço escolar, de modo a explorar a percepção de seu corpo e de seu movimento, assim como observar o trabalho de seus colegas. O processo de criação "Criando um corpo comum" instiga o estudante a criar coletivamente um corpo feito por fotografias de partes do corpo de todos os colegas e a instalar essa colagem fotográfica em algum espaço da escola, ressignificando-o.

Habilidades e como são trabalhadas

- **(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.**

A partir da apreciação da obra *Masurca Fogo*, de Pina Bausch, o estudante é convidado a experimentar em dupla um trabalho de manutenção do equilíbrio no movimento.

- **(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado.**

A seção ZAZ, "Desenhar o próprio corpo", convida os estudantes a criar contornos de seus próprios corpos. O estudo e a experimentação dos conceitos de articulação, apoio e peso possibilitam ao estudante associar, na prática, a relação entre as partes de seu corpo e a totalidade de seu organismo no movimento dançado.

- **(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.**

A proposta "Improvisar mantendo o contato com o outro" instiga o estudante a experimentar em dupla algumas das bases da técnica do contato-improvisação. Com isso, ele também compreende a relação entre o espaço de sua cinesfera e o do outro, assim como exercita o respeito ao corpo alheio e experimenta improvisando.

- **(EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.**

Tanto a seção *A Arte faz pensar* quanto a seção *Criar e refletir* cumprem essa habilidade. Ao reconhecer o espaço pessoal de sua cinesfera e conversar sobre os momentos em que ocorre o desrespeito ao espaço pessoal das pessoas, o estudante pode expressar suas ideias e expandir seu repertório sobre as relações entre corpo e movimento.

UNIDADE 1 – MEU CORPO, NOSSOS CORPOS

Abertura

Habilidade: (EF15AR08)

Atividades preparatórias

Para abrir a Unidade 1, que focaliza tanto a autopercepção do corpo por parte do estudante como o entendimento de que todas as pessoas podem dançar, escolhemos o trabalho do coreógrafo francês Jérôme Bel. Por meio da linguagem da dança, Bel busca criar experimentações que tensionam as próprias fronteiras das linguagens artísticas, propondo em suas criações o encontro entre artistas profissionais e amadores. Além disso, Bel se interessa por montar espetáculos com pessoas cujos corpos não correspondem ao ideal do balé clássico. No espetáculo *Gala*, vinte pessoas – entre artistas amadores e profissionais de diversas idades, etnias, gênero e limitações físicas (há, por exemplo, artistas cadeirantes em cena) – dançam e improvisam juntos a partir da coreografia de Bel. A presença dos profissionais tem no espetáculo o sentido de valorizar a dança dos amadores, uma vez que o coreógrafo entende que não há motivos para criar uma hierarquia entre as diferentes danças das pessoas envolvidas no projeto.

UNIDADE
1

Meu corpo, nossos corpos



Cena do espetáculo *Gala*, do coreógrafo francês Jérôme Bel, no Kaaitheater, em Bruxelas, Bélgica. Fotografia de 2015.

12

Sugestão de vídeo

- Você pode assistir com a turma ao *trailer* do espetáculo de Jérôme Bel. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wgEBa2s07T4>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

Podemos dançar sozinhos ou juntos, com uma ou mais pessoas. Por mais diferentes que sejam os corpos, todos podem entrar na dança!

A fotografia desta página é de um espetáculo em que as pessoas mostram sua dança. Esses corpos são diferentes entre si e a dança mostra como os corpos se movimentam.

Quem dança dança com o próprio corpo.

Para isso, é importante conhecer o nosso corpo: seu tamanho, suas formas, seu jeito de se movimentar, seus limites etc.



1. Em quais lugares você dança sozinho? **Resposta pessoal.**
2. Em quais lugares você dança com mais pessoas? **Resposta pessoal.**
3. Em que as pessoas da fotografia são parecidas? Em que elas são diferentes? **Respostas pessoais.**

Orientações e comentários das atividades preparatórias

2. Experimente fazer com que a turma se recorde de eventos sociais da própria escola. Além disso, pode-se instigar o estudante a lembrar de como seus familiares dançam em festas das quais participa. Chame a atenção deles para espaços onde pessoas de diversas idades dançam juntas.
3. Insista para que o estudante reconheça a variação etária, étnica e de gênero, além da presença de pessoas com limitações físicas no espetáculo. Ao mesmo tempo, todas têm em comum o fato de vestirem roupas que remetem ao cotidiano e realizarem a mesma ação artística: dançar. Uma das orientações de alguns momentos do espetáculo era que um dos participantes ficasse à frente dos outros e realizasse movimentos para serem imitados por todos.



HERMAN SORELOOS

Capítulo 1 – Conhecer e acordar o corpo

Habilidade: (EF15AR08)

Introdução

Neste capítulo, o estudante será convidado a perceber o próprio corpo por meio da realização de algumas práticas. Outro aspecto importante refere-se às práticas de autocuidado. Esse tema é visto por meio das relações entre corpo, higiene, dança e saúde. Ao longo do capítulo, o estudante também será convidado a identificar alguns elementos do corpo em movimento, tais como a função das articulações, dos apoios e do peso. Por fim, de forma lúdica, a turma experimentará práticas que explicitam as relações entre as partes do corpo e o movimento no sentido global.

Orientações e comentários das atividades

4. Fique atento para que o estudante não se sinta constrangido a responder a essas perguntas. Não se trata aqui de causar desconforto para a criança. Ela também não precisa compartilhar suas respostas com o restante da turma, caso não queira.

CAPÍTULO

1

Conhecer e acordar o corpo

Perceber o próprio corpo

Prestar atenção em nosso corpo é muito importante para dançar. Isso nos faz conhecer melhor a nós mesmos e às nossas possibilidades de criação.

Uma das formas de aprender sobre nosso corpo é olhando nossa imagem no espelho.

1. Você gosta de se observar no espelho? Por quê? *Resposta pessoal.*

2. Qual é a sua altura?

Resposta pessoal.

3. Qual é a cor dos seus olhos?

Resposta pessoal.

4. Escreva três características do seu corpo.

Resposta pessoal.

Quando nos olhamos no espelho, vemos a cor da nossa pele, do cabelo, dos olhos e outras partes do nosso corpo.

Ao observar o corpo de outras pessoas, podemos perceber em que somos diferentes e descobrir detalhes em relação ao nosso corpo. Vamos experimentar?

14

Sugestão de filme para o professor

- BILLY Elliot. Direção: Stephen Daldry. Inglaterra, 2000. 111 min.

Um garoto de 11 anos em uma pequena cidade da Inglaterra é forçado pelo pai a entrar em uma academia de boxe. Lá ele descobre a arte do balé e fica fascinado. A professora de balé o incentiva, pois vê nele um grande potencial. Então, começa sua grande incursão pela arte apesar de ter de enfrentar as críticas da família.

Fonte: PARANÁ. Secretaria da Educação. Disponível em: <<http://www.filmes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=516>>. Acesso em: 28 maio 2021.

Desenhar e conhecer o corpo

Com o auxílio do professor e dos colegas, vamos fazer o desenho do corpo de cada pessoa da turma!

Vocês precisarão de:

- Folhas de papel
- Canetas de ponta grossa
- Tesoura de pontas arredondadas

Como fazer

- 1 Junte-se a um colega para formar uma dupla.
- 2 Cada dupla pega duas folhas de papel com o professor.
- 3 Um estudante de cada dupla deita-se de costas sobre a folha de papel enquanto o outro faz o contorno de seu corpo com a caneta.



Criança contornando a outra.
Fotografia de 2021.

- 4 Depois que terminarem os desenhos, recortem o contorno das figuras.
- 5 Cada estudante escreve na sua figura: sua altura, o próprio nome e as diferentes partes do corpo: cabeça, olhos, boca, pescoço, barriga, pernas, pés.
- 6  Façam uma exposição das figuras na sala de aula. Depois conversem.
 - Em que os colegas são iguais a você?
 - No que são diferentes?

ZAZ – Desenhar e conhecer o corpo

Habilidade: (EF15AR09)

Roteiro de aula

Objetivo: Possibilitar ao estudante que reconheça as partes de seu corpo de modo lúdico e coletivo.

Duração: 45-50 min.

Materiais: Rolo de papel kraft ou similar, canetões de ponta grossa, outros utensílios de colorir e escrever.

Observações: É importante atentar para que as crianças mantenham o respeito pelo colega que está deitado em cima do papel, tendo seu corpo contornado. Também fique alerta para que o contorno não manche o uniforme do estudante que estiver deitado.

Desenvolvimento: Abra um espaço livre de objetos na sala de aula ou em outro espaço da escola. Recorte folhas de papel kraft de acordo com o número e a altura dos estudantes. Explique-lhes que a atividade será feita em dupla. Cada dupla deve receber duas folhas de papel. Um estudante da dupla deita-se sobre a folha e o outro faz o contorno do corpo do colega. Chame a atenção da turma para o cuidado coletivo em relação ao próprio corpo e ao corpo do outro. Escolha uma dupla e mostre à turma como será feita a atividade. Circule entre eles acompanhando a realização da atividade. Com base no contorno realizado, para a compreensão geral dos estudantes, indique-lhes as principais partes do corpo. Dependendo do envolvimento da turma e dos materiais disponíveis na sala, você pode pedir-lhes que completem as “silhuetas” recortando lãs, fios ou outro material para representar os cabelos; papéis para os olhos e bocas etc.

Avaliação: Ao final, converse com a turma e verifique se todos observaram as diferentes partes do corpo, se conseguem relacionar essas partes entre si e se ampliaram o conhecimento sobre o próprio corpo.

Dançar faz bem

O que é essa imagem?

Habilidade: (EF15AR08)

Leia com a turma a legenda da imagem. *Jamzz* é uma *performance* concebida pelo coreógrafo Cristian Duarte. O nome surge da junção dos termos *jam* (improvisação coletiva em dança) e *jazz* (estilo de improvisação musical). Ao longo da realização do espetáculo, diversos dançarinos realizam passos de dança que também remetem às ginásticas físicas. Com visual colorido, esses dançarinos, animados por *hits* musicais das décadas de 1980 e 1990, convidam o público a dançar junto.

Orientações e comentários das atividades

2. Chame a atenção do estudante para a semelhança das roupas dos dançarinos com as do vestuário de ginástica, uma vez que tal tipo de indumentária possibilita maior liberdade de movimento.
3. Estimule a turma a listar os momentos diretamente ligados à higiene pessoal (escovação dos dentes, banho, troca de roupas, lavar as mãos etc.). Instigue os estudantes também a pensar sobre os exercícios físicos que realizam (brincadeiras, aulas de Educação Física, algum esporte) e sobre seus hábitos nutricionais.

Dançar faz bem

Dançar é uma atividade física divertida e faz muito bem à saúde. A atividade física, além de fortalecer os músculos que sustentam e movimentam o corpo, faz com que nossos órgãos funcionem bem.

Nesta fotografia, os dançarinos improvisavam passos ao som de músicas. Durante a apresentação, eles convidavam o público a dançar também! Todos os movimentos eram alegres e contagiantes.



Jamzz, performance do coreógrafo Cristian Duarte em São Paulo (SP). Fotografia de 2015.

O que é essa imagem?

1. Como são os movimentos que os dançarinos estão fazendo? Eles estão saltando coletivamente, com os braços alongados.
2. Por que eles estão vestidos dessa maneira? Resposta pessoal.
3. As atividades físicas ajudam a manter a saúde. Que outras formas você conhece para manter o corpo saudável? Resposta pessoal.

16

Atividade complementar

Saúde do corpo é todo dia!

Objetivo: Estimular o estudante a elencar hábitos cotidianos de higiene, nutrição e atividade física, relacionando-os ao seu bem-estar e saúde.

Duração: 10 min. **Material:** Ficha pessoal em uma folha A4 conforme o seguinte modelo:

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
DIA							
TARDE							
NOITE							

As atividades físicas são importantes para manter o corpo saudável. Outra forma de manter a saúde e o bem-estar é prestar muita atenção aos nossos hábitos de higiene.

Hábitos de higiene são ações do dia a dia para deixar nosso corpo livre dos vírus e bactérias que podem nos fazer adoecer.

A seguir estão alguns cuidados que precisamos ter com nosso corpo.

- Leia o texto em voz alta. Circule todas as palavras que dizem respeito às partes do corpo. Depois, leia novamente e imite os movimentos que fazemos quando realizamos cada um deles.

Lavar bem as mãos – nossas mãos tocam muitos objetos e, se não as lavarmos corretamente, podemos levar impurezas para nossa boca, olhos e nariz.



Tomar banho e lavar os cabelos – é importante para tirar as impurezas do corpo e deixar a pele e os cabelos limpos.



Escovar os dentes e usar fio dental – a higiene bucal evita que bactérias se acumulem em nossa boca.



Manter as unhas curtas e limpas – é preciso tirar a sujeira que se esconde nelas e que podem transmitir doenças.



ILUSTRAÇÕES: MARI HEFFNER

Habilidade: (EF15AR09)

Experimente ouvir com a turma a música “Não vou ficar doente”, de Sandra Peres e Luiz Tatit, que pode ser facilmente encontrada na internet. Distribua cópias da letra da música e proponha aos estudantes que acompanhem a letra enquanto a escutam. Eles podem sublinhar todas as palavras que não conhecem e depois perguntar o que significam. Em seguida, converse com eles a respeito de momentos em que ficam doentes. Também relacione os hábitos de higiene à perspectiva de uma vida mais saudável e peça-lhes que comentem como lidam com a higiene corporal em seu cotidiano (lavar as mãos, tomar banho, escovar os dentes etc.).

O texto apresentado é uma ocasião propícia para o trabalho com a alfabetização do estudante. Auxilie a turma a reconhecer as palavras ao longo do texto que dizem respeito às partes do corpo e aquelas que dizem respeito aos hábitos de higiene. Você pode propor ao estudante que as circule e as escreva em alguma folha de papel, de modo a fixar sua grafia.

Observações: Essa atividade pode ser desenvolvida em conjunto com os componentes Educação Física e Língua Portuguesa.

Desenvolvimento: Proponha aos estudantes que, uma vez por dia, ao longo de uma semana, preencham a tabela indicando:

- seus hábitos de higiene durante o dia;
- o que comeram (aspecto nutricional);
- atividades físicas que realizaram (brincadeiras, esportes, jogos etc.).

Essa tabela pode auxiliar a compreensão do corpo docente sobre a saúde dos estudantes e possibilitar que você acompanhe esse aspecto da vida da turma.

Avaliação: Após finalizarem a tabela, converse com a turma sobre de que forma a atividade de registrar seus hábitos possibilitou conhecerem mais sobre seu cotidiano e seu corpo. Também faça uma avaliação dos resultados a fim de identificar eventuais problemas dos estudantes em relação ao autocuidado e cuidado com a saúde.

Técnicas da arte – Sentidos, articulações, pesos e apoios

Habilidade: (EF15AR09)

Nesta seção propomos que se inicie com os estudantes um trabalho de consciência corporal e do movimento. Tratar desses aspectos da linguagem da dança em sala de aula pode ser um aprendizado muito instigante tanto para os estudantes quanto para o professor. Contudo, ao abordar algumas das dinâmicas em sala, você precisa ter cuidado: é importante estar atento aos limites físicos e emocionais de cada criança, e respeitar e exigir respeito coletivo em relação às práticas que envolvam o reconhecimento corporal. Assim, esteja atento para o aspecto emocional dos estudantes ao longo das práticas que envolvem o estudo das características do corpo e das possibilidades de movimento. Deve-se fazer a turma compreender que, para dançar, os cinco sentidos são fundamentais, pois pode-se reagir e incorporar na criação estímulos sonoros, por meio da audição, e pode-se localizar no espaço, por meio da visão. Já a temperatura do ambiente, do chão e das pessoas que dançam junto é percebida pelo tato; e o olfato e o paladar também podem oferecer estímulos para a imaginação e a criação.

Técnicas da arte

Sentidos, articulações, peso e apoios

No lugar onde vivemos há formas, cores, sons e cheiros.

Sentimos o frio, o calor, a dor, a textura dos materiais.

Percebemos as cores, as formas, as distâncias.

Identificamos os sabores, captamos os sons e sentimos os cheiros ao nosso redor!

Sendo assim, dançar não envolve somente as partes do nosso corpo em movimento, mas tudo o que nos faz perceber o ambiente.

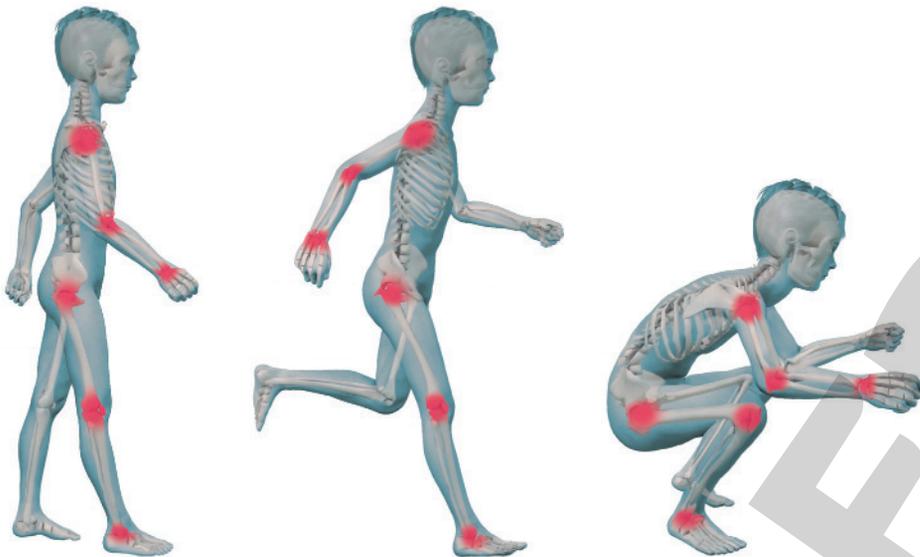
Como são possíveis alguns movimentos do nosso corpo?



Em alguns movimentos, como quando se dança *hip-hop*, por exemplo, podem ser observados diferentes usos das articulações e dos apoios do corpo.

Articulações

As **articulações** são pontos de encontro dos ossos de nosso corpo. Elas possibilitam a realização de movimentos. Podemos dobrar algumas partes do corpo graças a elas!



Principais articulações dos membros superiores e inferiores.

Experimente sentar e levantar prestando atenção aos movimentos das suas articulações.

Peso

A força da gravidade nos atrai constantemente para o chão. Para ficarmos de pé, temos que fazer uma outra força contrária à gravidade.

Em dança, o **peso** é considerado a força que o corpo faz ao se movimentar.

Apoios

Os **apoios** são as partes de nosso corpo que entram em contato com o chão ou outras superfícies quando dançamos.

Quando caminhamos, em geral, usamos o apoio dos pés. Na dança, podemos usar diversos apoios diferentes, como as mãos, os cotovelos, a barriga, a cabeça etc.

Professor, é importante destacar que, nessa fase em que os estudantes estão tecendo suas relações interpessoais, a influência do grupo interfere no modo como aprendem.

Assim, é preciso compreender qual é o papel do professor na dinâmica de exercícios para a conscientização corporal.

Evite, portanto, classificar o desempenho dos estudantes com base no erro-acerto. Para Jussara Miller, pesquisadora da consciência corporal, o professor é o facilitador, que deve provocar o estudante a posicionar-se de forma ativa, entendendo que sua participação é a chave – dentro de seu desenvolvimento – para reconhecer suas possibilidades e limitações.

Assim, você deve ser o principal responsável por incentivar a criação de uma atmosfera de trabalho em que haja respeito mútuo e interesse coletivo por aquilo que se realiza no horário letivo. Essa atmosfera de trabalho, em que se cria um interesse genuíno e um engajamento dos estudantes-bailarinos, é chamada de processo lúdico.

Vamos experimentar – Acordar o corpo brincando

Dormir e acordar!

Habilidade: (EF15AR11)

Roteiro de aula

Objetivo: Reconhecer de forma prática e lúdica a presença das articulações, do peso e dos apoios nos movimentos.

Duração: 20 min.

Material: Sala limpa e com espaço para que um grupo de estudantes possa deitar no chão ao mesmo tempo.

Observações: Chame a atenção para que tenham cuidado com o próprio corpo e com os dos colegas ao longo da prática. Por mais que a atividade lide com agilidade, devem ficar atentos para não se lançarem ao chão, pois devem investigar apoios e articulações que levam o corpo ao chão. Antes de propor a troca de liderança nos comandos, exerça o papel de líder para que a turma compreenda bem as regras de jogo.

Desenvolvimento: Organize a turma em grupos de acordo com o espaço onde será realizada a atividade. Um grupo vai jogar, enquanto os outros vão assistir ao jogo. Os participantes ficam de frente para um líder que dará dois comandos “Dormir!” ou “Acordar!”. Comece a atividade propondo que subam e desçam bem devagar. Peça-lhes que durante a descida ao chão para deitar tentem perceber as articulações que se movem (onde o corpo dobra?), o peso do corpo (o que relaxa e o que começa a pesar mais?) e os apoios (que partes do corpo tocam o chão? Quando? Por quê?). Conforme sua percepção, aumente a velocidade dos movimentos de levantar e deitar, de modo a exigir mais agilidade do corpo dos estudantes. Pode-se também, depois que o jogo estiver instaurado, experimentar enganar a turma com os comandos, de modo a perceber se os estudantes estão atentos às palavras da pessoa que lidera.

Vamos experimentar

Acordar o corpo brincando

Dormir e acordar!

Toda a turma pode participar dessa brincadeira!

- 1 Entre um estudante e outro, é preciso que haja uma distância que permita que todos deitem e fiquem em pé sem esbarrar em ninguém.
- 2 Uma pessoa deve ficar de frente para toda a turma:
 - Quando ela disser **acordar!**, todos ficam de pé ao mesmo tempo.
 - Quando ela disser **dormir!**, todos devem se deitar ao mesmo tempo.



- 3 Fique atento para não confundir a orientação. Quem ficar de pé quando a pessoa disser *dormir!*, sai do jogo.
- 4 Experimente subir e descer com diferentes apoios do seu corpo: mãos, pernas, joelhos, cotovelos.



- Agora conversem sobre a brincadeira: **Respostas pessoais.**

1. Como vocês perceberam os apoios, as articulações e o peso do corpo?
2. Sua respiração se alterou ao longo do exercício?
3. Quais foram os momentos mais divertidos? Por quê?

20

Avaliação: Ao final, converse com a turma: Quais são as principais articulações que puderam ser percebidas ao longo da prática? O que é mais desafiador nesse jogo?

Cobra, macaco e flamingo

O professor orientará a brincadeira.

- 1 Todos devem deitar-se de costas.
 - 2 Imaginem que são cobras e se movimentam como cobras.
 - Quais são os apoios do corpo da cobra?
 - Como ela movimenta as articulações?
 - Como é o seu peso?
 - 3 Imaginem que são macacos.
 - Quais são os apoios do macaco?
 - Quais são as diferenças do macaco para a cobra?
 - O que o corpo do macaco pode fazer?
 - Como ele se movimenta?
 - 4 Por último, imaginem que são flamingos.
 - Como esse animal se movimenta?
 - Como ele fica parado?
 - Como ele voa?
-  Depois de terem experimentado se movimentar como esses animais, conversem:
- Quais são as principais diferenças entre os movimentos que eles fazem?
 - Qual foi o movimento que você mais gostou de experimentar? Por quê?



Cobra jararaca.



Macaco-prego.



Flamingos.

Cobra, macaco e flamingo

Habilidade: (EF15AR11)

Roteiro de aula

Objetivo: Reconhecer de forma prática e lúdica a presença das articulações, do peso e dos apoios em seus movimentos.

Duração: 20 min.

Materiais: Sala limpa e com espaço para que um grupo de estudantes possa deitar no chão ao mesmo tempo.

Observações: Chame a atenção dos estudantes para que tenham cuidado com o próprio corpo e com o dos colegas durante a prática.

Desenvolvimento: Organize a turma em grupos de acordo com o espaço onde será realizada a atividade. Um grupo vai jogar, enquanto os outros vão assistir ao jogo. Quem joga começa deitado no chão, com as costas viradas para baixo. Coloque um estímulo sonoro que remeta ao som de uma floresta. Instigue a imaginação da turma, propondo aos estudantes que pensem em uma mata, com árvores, riachos, bichos etc. Peça-lhes que se transformem lentamente em cobra e que se movimentem como esse animal. Estimule-os a observar onde estão os apoios, as articulações e o peso do corpo. Depois, faça o mesmo com o macaco e o flamingo. Depois de um grupo experimentar todo o percurso, convide outro para jogar. Antes da troca de grupo, pode-se propor aos estudantes que assistiram ao jogo que compartilhem suas impressões com o restante da turma.

Avaliação: Ao final, converse com eles e verifique se perceberam as diferenças de movimentos entre os três animais. Enquanto a cobra tem o apoio ao longo da extensão de todo seu corpo, o macaco consegue ficar de pé e se mover em quatro e em dois apoios; o flamingo pode voar e se manter de pé com apenas um apoio. Verifique, ainda, quais articulações a turma mobilizou para imitar esses animais.

Capítulo 2 – Todos podem dançar

Os corpos são diversos

Habilidades: (EF15AR08),
(EF15AR12)

Abordar a linguagem da dança com base na diversidade dos corpos e do movimento é muito importante para que o estudante reconheça o valor de seu próprio corpo e de sua expressividade. Independentemente do grau de formação técnica, cada pessoa, bailarino ou não, dança a partir do próprio corpo. Todas as pessoas – não importando origem, cor, classe social ou limitações físicas – podem produzir arte, e tudo acontece a partir do modo como o artista elabora as singularidades ao longo de sua obra. Apresentamos, portanto, a obra do bailarino baiano Edu O., que, além de seu trabalho artístico, conduz um trabalho político de conscientização social e discussão do capacitismo estrutural.

O conceito de capacitismo refere-se a toda discriminação contra pessoas com deficiência (PCDs). Dizemos capacitismo estrutural por diagnosticar a existência de sociedades e modos de vida que compreendem a ausência de deficiência como um dado normal, indicando que as PCDs seriam marginais dentro dessa sociedade.



Todos podem dançar

Os corpos são diversos

Estas fotografias são de um espetáculo de dança chamado *Judite quer chorar, mas não consegue!*.

No espetáculo, o artista Edu O. (1976-), que é cadeirante, conta a história de uma lagarta chamada Judite que não quer virar borboleta.



GUSTAVO PORTO



GUSTAVO PORTO

O bailarino Edu O. no espetáculo *Judite quer chorar, mas não consegue!* em São Paulo (SP). Fotografia de 2010.

22

Sugestão de leitura

- DI MARCO, Victor. **Capacitismo: o mito da capacidade.** São Paulo: Letramento, 2020. O autor, também uma pessoa com deficiência, apresenta uma introdução ao tema por meio de um léxico de expressões e de situações usuais em sociedades capacitistas. Além disso, elabora uma reflexão sobre a possibilidade de instaurar perspectivas de ação anti-capacitistas na sociedade e na educação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1993.

O que é essa imagem?

1. Como se movimenta o bailarino? *Resposta pessoal.*
2. Que partes do corpo o bailarino movimenta enquanto dança?
O bailarino Edu O. movimenta seus braços e tronco, sentado em uma cadeira de rodas.
3. Você é ou conhece alguma(s) pessoa(s) com deficiência? Se sim, como essa(s) pessoa(s) dança(m)?
Resposta pessoal.
4. Por quais transformações seu corpo já passou?
Resposta pessoal.

Todas as pessoas podem participar da arte, independentemente de suas diferenças.

Edu O. é um dançarino e artista plástico baiano. Aos 3 anos, ele teve uma doença chamada poliomielite, que deixou alguns de seus movimentos limitados. Isso não o impediu de seguir sua carreira na arte.

Em seu espetáculo *Judite quer chorar, mas não consegue!*, Edu mistura histórias da sua vida com a história da lagarta. Para dançar, o dançarino explora as possibilidades do próprio corpo.

Edu O. se preocupa também com a acessibilidade, ou seja, ele quer tornar a arte acessível para outras pessoas com deficiência.

Assim, todas as suas apresentações têm tradução em Libras (língua brasileira de sinais), tornando o espetáculo acessível para pessoas surdas.

Edu O. no casulo da instalação interativa *Um jardim para Judite*, em Santo Amaro (BA). Fotografia de 2016.



GEOVANE-VASCONCELLOS

23

Sugestões de vídeos

- **Masterclass Pessoas com deficiência na dança**, ministrada pelo dançarino Edu O. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gqv9BNfpeL4&ab_channel=CentroCulturalGrandeBomJardi>. Acesso em: 2 fev. 2021.
- **Judite quer chorar, mas não consegue!** Espetáculo completo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jFJvXPrydOI&ab_channel=Juditequerchorar>. Acesso em: 5 maio 2021.

O que é essa imagem?

Orientações e comentários das atividades

3. Experimente, ao longo de todo este capítulo, fazer com que o estudante compreenda que todas as pessoas podem dançar, independentemente de suas limitações.
4. Instigue o estudante a pensar em seu crescimento, no crescimento de seu cabelo, no crescimento das unhas etc.

Dançar junto

Habilidade: (EF15AR08)

A partir do reconhecimento de que todas as pessoas podem dançar, o estudante é convidado a pensar em formas de dança coletivas (em duplas ou com mais pessoas). Partir do reconhecimento do eu em direção à percepção do outro envolve um trabalho de atenção e de extensão do cuidado.

Atividade preparatória

Pode-se convidar o estudante a perceber a presença de danças em dupla em seu cotidiano: danças de salão, danças em festas etc.

A obra da coreógrafa Pina Bausch pode ser apresentada à turma por meio de vídeos e fotografias. Ela foi uma das responsáveis pelo desenvolvimento da modalidade artística da dança-teatro. O termo indica um tipo de espetáculo coreográfico com fortes elementos teatrais, tais como figurinos, narrativas, textos e debates sobre questões políticas e sociais.

Como coreógrafa, Bausch se interessava em desenvolver junto ao bailarino movimentos singulares a partir de certos temas eleitos para a construção do espetáculo. Assim, realizava uma série de perguntas aos artistas e pedia-lhes que respondessem a elas sob a forma da dança. Como se observa em diversos de seus espetáculos, o contato entre os bailarinos é fundamental. A sutileza desse contato e o cuidado entre os bailarinos em cena são dignos de nota em sua obra.

Dançar junto

Esta fotografia é de um espetáculo de dança chamado *Masurca Fogo*.

Masurca é o nome de uma dança tradicional de origem polonesa, que é realizada em duplas.

No espetáculo há diversos momentos em que os bailarinos dançam juntos.

Às vezes, eles dançam em dupla. Outras vezes, juntam-se muitos bailarinos, mas sem perder o contato entre seus corpos.



Cena do espetáculo *Masurca Fogo*, da coreógrafa alemã Pina Bausch, no Sadler's Wells Theatre, Londres, Inglaterra. Fotografia de 2002.



Cena do espetáculo *Masurca Fogo*, no Tanztheater Wuppertal Pina Bausch, Alemanha. Fotografia de 2015.

24

Sugestão de site

- Você pode consultar o *site* oficial da artista e conhecer outras obras. Disponível em: <<https://www.pina-bausch.de/en/>>. Acesso em: 9 jul. 2021.

O que é essa imagem?

1. Como os bailarinos estão dançando juntos nessas imagens?
Resposta pessoal.
2. Você gosta de dançar junto com outras pessoas? De quais formas?
Respostas pessoais.
3. Você conhece alguma dança em que as pessoas dançam em pares? Se sim, escreva os nomes dessas danças.

Resposta pessoal. Você pode apresentar alguns exemplos de dança de salão para o

estudante para que ele compreenda esse conceito.

Se todos podem dançar, todos podem dançar juntos.

Conhecer o próprio corpo é importante para dançar junto com outras pessoas. Afinal, dançar junto envolve respeito e confiança.

No mundo existem diversos tipos de dança coletiva.

Você já conheceu as danças de roda. E já deve ter visto coreografias com passos que todos fazem ao mesmo tempo.

Existem também diversas danças em dupla. Algumas delas são chamadas popularmente de **danças de salão**. Você deve conhecê-las.

Dançamos em dupla com nossos amigos e familiares em festas, cerimônias e na própria escola.



25

Sugestão de vídeo

- GRANDES MESTRES e a dança de salão – Em dança. *TV Brasil*. 13º episódio. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yrq2GQoNvVM>>. Acesso em: 9 jul. 2021. Se possível, assista com a turma ao episódio sobre mestres da dança de salão brasileiros.

O que é essa imagem?

Orientações e comentários das atividades

1. Faça os estudantes perceberem nos detalhes das imagens a interação dos bailarinos. Na primeira imagem, os bailarinos estão deitados no chão e sustentam, por meio de seus braços, punhos e mãos, o corpo de outra bailarina, que segura um microfone. Na segunda imagem, eles dançam em duplas.

ZAZ – Manter o equilíbrio em dupla

Habilidades: (EF15AR09), (EF15AR11)

Roteiro de aula

Objetivo: Propor ao estudante que exercite o cuidado em relação ao próprio corpo e aos de outros colegas.

Duração: 25 min.

Material: Uma sala com espaço para que um grupo de estudantes possa se movimentar ao mesmo tempo.

Observações: Chame a atenção dos estudantes para que tenham cuidado com o próprio corpo e com os dos colegas durante a prática. É importante que você, com auxílio de algum dos estudantes, demonstre todos os movimentos que serão realizados durante a atividade, para que a turma compreenda o que deve ser feito.

Desenvolvimento: Organize a turma em grupos de duplas conforme o espaço onde será realizada a atividade. Um grupo vai jogar, enquanto os outros vão assistir ao jogo. Cada dupla que joga deve realizar alguns movimentos de contato físico de modo a perceber os apoios em relação ao corpo do colega na manutenção do equilíbrio da dupla. Fique atento ao longo da condução para que nenhum estudante se machuque. Lembre-os de que é necessário realizar ajustes em relação ao peso e aos apoios do corpo ao longo do exercício, de modo a manter o equilíbrio entre os corpos. Quando um grupo de duplas terminar a experimentação, convide outro a jogar.

Avaliação: Ao final, converse com a turma: Como foi manter o equilíbrio em dupla? Quais adaptações você precisou fazer com seu corpo para realizar o exercício? Que movimentos foram mais fáceis? Quais os mais desafiadores? Por quê? Você respeitou o corpo do colega? E ele respeitou o seu? Como?

ZAZ

Manter o equilíbrio em dupla

Junto com um colega, criem movimentos em dupla!
Mantenha sempre uma parte de seu corpo em contato com a do colega.

1 Em pé, junte suas costas às costas de seu colega.

2 Juntos, comecem a descer o corpo, flexionando os joelhos com cuidado.

3 Voltem a ficar em pé, sem perder o contato. Ainda de costas, deem as mãos.

4 Aos poucos, afastem-se um do outro, mas sem perder o contato das mãos.

5 Um de frente para o outro, novamente deem as mãos.

6 Afastem o corpo, mas sem perder o contato entre as mãos.

7 Como se fosse uma gangorra, tentem descer e subir algumas vezes, aproveitando a força um do outro.



FRANK AND HELEN/CULTURAGETTY IMAGES



MARIANAY/SHUTTERSTOCK

26

Sugestão de leitura

- Entrevista com Steve Paxton. O artista fala, ao longo dessa entrevista, sobre a história de sua vida na dança e como criou a técnica do contato-improvisação. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1443>>. Acesso em: 2 fev. 2021.



LUCAS DAMIANI

Estudantes e professores realizando improvisações de movimentos, em dupla e individualmente, no Encontro Internacional de Professores de Contato Improvisação na América Latina, em Maldonado, Uruguai. Fotografia de 2017.

Os artistas podem querer realizar uma dança **improvisada**.

Em dança, essa técnica é como uma brincadeira.

Há uma regra importante: quem dança com outra pessoa deve sempre manter um ponto de contato com o corpo dessa pessoa.

Na realização da dança improvisada ninguém sabe, no começo, como a dança se desenvolverá e terminará.

A dança vai sendo descoberta no mesmo momento em que é criada.

- Em quais momentos do dia você costuma improvisar?
- O que você improvisa?

Resposta pessoal. Ressalte com os estudantes que a improvisação emerge em nosso dia a dia, sendo geralmente associada à aparição de eventos imprevistos, ou seja, acontecimentos que escapam ao nosso planejamento. Por meio desse reconhecimento, o estudante pode localizar a presença da improvisação em sua vida, assim como perceber, aos poucos, que a arte mobiliza a improvisação também como uma técnica.

ZUM! – O contato e o improviso

Habilidade: (EF15AR08)

Apresentamos a técnica do contato-improvisação desenvolvida pelo artista estadunidense Steve Paxton, pois ela dialoga com os temas da consciência do corpo e do movimento, e com a perspectiva de dançar com o outro, estabelecendo uma criação coletiva e saudável. A apresentação desse recorte introduz o tema da improvisação, tão caro a diversas linguagens artísticas. Embora a palavra *improvisação* tenha ganhado conotação positiva ao longo das últimas décadas, em muito devido à sua presença e exploração estética no campo das linguagens artísticas, o seu significado ainda apresenta sentidos negativos no senso comum. Tende-se a acreditar que algo realizado de improviso possa ter a sua qualidade comprometida. Além disso, o modo como a improvisação emerge em nosso dia a dia está associado, em geral, à aparição de eventos imprevistos, ou seja, acontecimentos que escapam ao planejamento diário e vêm interferir nos planos e nas vontades. Entretanto, a observação com base na experiência individual possibilita perceber que, independentemente de aprovação, nosso cotidiano está repleto de movimentos improvisados. A partir desse reconhecimento, o estudante pode localizar a presença da improvisação em sua vida, assim como perceber, aos poucos, que a arte mobiliza a improvisação também como uma técnica.

A arte faz pensar – Quanto espaço eu ocupo? Quanto espaço nós ocupamos?

Habilidade: (EF15AR12)

Roteiro de aula

Objetivo: Instigar o estudante a conhecer o conceito de cinesfera na prática, de modo a identificar relações entre seu corpo e o espaço ao seu redor.

Duração: 20 min.

Material: Uma sala com espaço para que um grupo de estudantes possa deitar no chão ao mesmo tempo.

Observações: Chame a atenção da turma para que todos tenham cuidado com o próprio corpo e com o dos colegas no decorrer da prática.

Desenvolvimento: Organize a turma em grupos conforme o tamanho do espaço onde será realizada a atividade. Um grupo vai jogar, enquanto os outros vão assistir ao jogo. Cada pessoa deve explorar o espaço de sua cinesfera. Mantendo sempre um dos pés fixos no chão, o estudante deve explorar todo o espaço que consegue alcançar por meio de seus movimentos. Você pode colocar um estímulo musical para instigar a imaginação durante a atividade. Aos poucos, oriente os estudantes a se aproximarem uns dos outros, sem perderem de vista o espaço de seu movimento pessoal.

Avaliação: Ao final da prática, realize a mediação da conversa proposta a respeito da exploração da cinesfera.

A arte faz pensar

Quanto espaço eu ocupo? Quanto espaço nós ocupamos?

Quanto espaço seu corpo pode ocupar?

Para descobrir vamos fazer um exercício em um lugar com bastante espaço.

1 Fique em pé.

- Movimente o corpo, deixando um dos seus pés sempre apoiado no mesmo lugar.
- Experimente movimentos grandes e pequenos. Você pode inclinar o corpo e estender braços e pernas.



Uma bailarina é capaz de fazer muitos movimentos. Fotografia de 2015.

2 Agora, experimente se aproximar de um colega que também está realizando esses movimentos.

- Fiquem perto um do outro e, com movimentos grandes e pequenos, comecem a explorar cada um o seu espaço.

Para nos movimentarmos, temos de tomar cuidado em relação ao espaço do outro.

1 Converse com os colegas sobre a atividade que você acabou de realizar.

Respostas pessoais.

1. Você e os colegas respeitaram o espaço que cada um ocupou quando se movimentaram?
2. Como podemos respeitar o espaço pessoal de cada um mesmo brincando juntos?

Na dança, existe um espaço ao redor de cada pessoa.

Esse é o espaço que cada corpo pode alcançar, mesmo que esteja muito estendido.

Por isso, para nos movimentarmos, temos de tomar cuidado em relação ao espaço do outro.

Experimente em casa

Agora, converse com sua família sobre as descobertas que você teve em sala de aula. Em sua casa, conte para seus familiares os exercícios que você realizou e converse sobre as seguintes questões:

1. Como cada pessoa da sua família ocupa o espaço da sua casa?
2. Você respeita o espaço de seus familiares?

Orientações e comentários das atividades

2. Chame a atenção da turma para o cuidado com o movimento, tema que vem sendo explorado ao longo da unidade.

Experimente em casa

Habilidade: (EF15AR12)

Experimente propor ao estudante que reflita sobre os espaços da casa em que vive, sobre suas divisões e usos: Em quais espaços da casa as pessoas ficam mais juntas? Em quais espaços ficam sozinhas? Em quais espaços as pessoas dançam? Em quais espaços elas dormem?

Instigue o estudante a pensar também em relação ao respeito aos espaços de seus familiares.

Sugestão de leitura

- BITTENCOURT, Ivana. "Um estudo da cinesfera como espaço de autonomia do corpo. Dissertação. *Repositório Institucional – UFBA*. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/20083>>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Em sua pesquisa, a autora articula o conceito de cinesfera, conforme operado por Rudolf Laban, com o trabalho pedagógico democratizante, visando propiciar experiências em dança que instiguem qualquer pessoa a experimentar o potencial de seus movimentos.

Vamos experimentar – Improvisar mantendo o contato com o outro

Habilidade: (EF15AR11)

Roteiro de aula

Objetivo: Propor aos estudantes que explorem a improvisação na dança e o contato e cuidado com o corpo de outro colega.

Duração: 35 min.

Material: Sala limpa e com espaço para que um grupo de estudantes, em duplas, possa improvisar livremente ao mesmo tempo.

Observações: Chame a atenção da turma para que tenha cuidado com o próprio corpo e com o dos colegas durante a prática. Como essa atividade envolve intenso contato físico, fique atento para que nenhum dos estudantes se sinta desconfortável ao realizá-la. Se preferir, indique as partes do corpo que serão mobilizadas ao longo do exercício, de modo a restringir o campo de exploração, ou fale para os estudantes combinarem entre si as partes do corpo que querem encostar no outro, de modo que não fiquem constrangidos ou irritados em relação aos contatos feitos.

Desenvolvimento: Organize a turma em grupos conforme o espaço onde será realizada a atividade. Um grupo vai jogar, enquanto os outros vão assistir ao jogo. Cada dupla que joga deve improvisar movimentos sem nunca perder o contato entre as partes de seu corpo com as do colega. Estimule-os a variar as partes do corpo que entram em contato, sem que para isso tenham de interromper o contato. Ao longo do improviso, utilize estímulos sonoros e musicais que possam avivar a criação e a composição dos movimentos improvisados por eles. As músicas podem ser tocadas no aparelho de som da escola, no celular ou em outro dispositivo sonoro que você tenha disponível.

Vamos experimentar

Improvisar mantendo o contato com o outro



Chegou o momento de improvisar e dançar em dupla com um colega!

- 1 Reúna-se com um colega.
- 2 O professor colocará uma música para tocar.
 - Quando ouvirem a música, vocês começam a improvisar uma dança.
 - A dança termina quando a música parar.
- 3 Durante a improvisação, você deve manter pelo menos um ponto de contato entre o seu corpo e o de seu colega.
 - Experimente grudar, encostar partes diferentes do seu corpo no corpo do colega. Algumas possibilidades são: cabeça com cabeça, pé com pé, mão com cotovelo, quadris com costas.

30

Avaliação: Ao terminar, converse com a turma sobre as questões propostas no final da atividade.



IVAN COUTINHO

4 Depois de improvisar com sua dupla, assista às improvisações do restante da turma.

Converse com os colegas e o professor: **Respostas pessoais.**

1. Como foi improvisar em dupla?
2. O que você percebeu sobre o improviso?
3. Como foi sempre manter uma parte do corpo em contato com o corpo do outro?
4. Você descobriu algum movimento novo?

Artes integradas – Corpos no espaço! O trabalho visual de JR

Habilidade: (EF15AR08)

A proposta de *Artes Integradas* dessa primeira unidade apresenta o trabalho do fotógrafo e artista visual francês JR, que envolve a técnica da colagem das Artes Visuais e a intervenção artística em espaços públicos. Grande parte de sua obra consiste em ampliar fotografias de pessoas em prédios, ruas, casas, trens, comunidades, instituições públicas e privadas etc. Ao apresentar a obra do artista nesta unidade, buscamos instigar a percepção do estudante para a presença do corpo também na cidade e nas imagens. Uma vez que o estudante fez o contorno de seu próprio corpo, conheceu alguns dos elementos do movimento e realizou experimentações práticas com outros colegas, a obra de JR pode ser abordada como a proposta de um artista que expande a atenção de seu público para a presença do corpo na vida. Além disso, a obra do artista e o processo de criação aqui proposto podem dialogar com os temas do retrato desenvolvidos na Unidade 3 deste volume.

Artes integradas

Corpos no espaço! O trabalho visual de JR

O artista JR (1983-) é conhecido por colar fotografias gigantes em espaços da cidade e do campo.

Veja a imagem, de uma bailarina.

Colagem feita pelo artista francês JR em Nova York, Estados Unidos. Fotografia de 2015.



GALIT SELIGMAN/ALAMY/FOTODIRENA © J.R.-ART/NET

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1993.

O que é essa imagem?

Respostas pessoais.

1. Onde está colada a fotografia da bailarina?
2. Na sua opinião, quais partes do corpo da bailarina aparecem com mais destaque na imagem?



ALBERTO PIZZOLI/AR

O fotógrafo e artista visual francês JR diz que tem a maior galeria de arte ao ar livre do mundo. Isso pode ser verdade, pois suas obras estão presentes em ruas, prédios, veículos, muros etc., de diversas cidades e países.

JR diz que ajuda as pessoas a ampliar suas histórias. Seu principal trabalho é fotografar e ampliar o corpo das pessoas pelos espaços do mundo.

JR no Festival de Cinema de Veneza, Itália. Fotografia de 2020.

32

O que é essa imagem?

Orientações e comentários das atividades

1. Pode-se chamar a atenção para o fato de que JR realiza colagens de imagens de partes do corpo humano ou de pessoas em espaços das cidades. Na imagem, a fotografia de uma bailarina foi ampliada e colada em um prédio.
2. Atrás do corpo da bailarina há a imagem de um prédio. Podemos destacar que o tronco e os braços da bailarina chamam mais atenção, por parecerem mais altos do que o prédio atrás dela. Aceite outras respostas, desde que coerentes.

PROCESSO DE CRIAÇÃO

Criando um corpo comum

Inspirados no trabalho de JR, vamos criar agora uma colagem no espaço da escola. Ela será feita de fotografias de partes do corpo de todos da turma. Todas essas partes colocadas juntas gerarão outro corpo.

- 1 Com o auxílio de seu professor, fotografem partes diferentes do corpo de cada pessoa da turma.
- 2 Experimentem fotografar as partes maiores (cabeça, braço, perna), mas também algumas partes menores (dedo, unha, dente, olho, narina, cotovelo).
- 3 Depois, o professor trará para a sala de aula algumas dessas fotografias, impressas em preto e branco.
- 4 Vocês podem colorir algumas dessas imagens, se quiserem.
- 5 Por fim, com auxílio do professor, a turma deve criar um jeito de organizar um corpo composto de todas essas fotografias de fragmentos de corpo.

Quando tiverem terminado de combinar todas as partes, podem escolher um lugar da escola para colar as fotografias e exibi-las para as outras pessoas que frequentam a escola.



33

Materiais: Dispositivo fotográfico (máquina, *smartphone*, câmera etc.); impressora; folhas de papel A4; material para colagem (fita-crepe, dupla face, cola, água, pincel).

Observações: Estabelecer um diálogo com a direção e a coordenação da escola, tanto para o auxílio técnico (impressões e câmeras) quanto para a definição do lugar onde a colagem será feita.

Desenvolvimento: Após expor e apresentar alguns exemplos da obra de JR, convide a turma a criar coletivamente uma imagem em grandes dimensões. Leve os estudantes até um espaço aberto e, diante de um mesmo fundo, peça-lhes que fotografem partes diferentes do corpo de cada pessoa da turma. Quando a turma estiver com as cópias impressas das fotografias (em folhas A4), deve organizar e realizar uma colagem, criando com essas imagens um corpo coletivo para ser colado em algum espaço da escola. Comente com eles que o corpo não precisa parecer "real", ou seja, pode-se colar a fotografia de um olho que ocupa uma folha toda com outra fotografia que enquadra outro olho, o nariz e a boca. Após montarem a imagem final, estimule-os a colorirem as fotografias. Para colar a imagem em espaço da escola, você pode recorrer à técnica do lambe-lambe, usando duas partes de água para cada parte de cola branca escolar líquida – nessa proporção, cada litro de cola branca rende 3 litros.

Avaliação: Ao final da prática, converse com a turma: Como foi criar a imagem desse corpo coletivo? Como foi identificar e juntar as partes separadas do corpo em outro corpo? O corpo se parece mais ou menos com alguém da turma? Por quê?

Processo de criação – Criando um corpo comum

Habilidades: (EF15AR09), (EF15AR12)

Roteiro de aula

Objetivo: Com base na obra de JR e nos temas estudados ao longo da unidade, produzir uma colagem de fotografias em algum espaço da escola de modo a compor um corpo formado por imagens de partes do corpo de diversos colegas da turma. Com isso, espera-se que o estudante siga o trabalho de reconhecimento das partes do corpo, assim como de sua relação na totalidade do organismo.

Duração: 45-50 min.

Criar e Refletir

Avaliação de processo

Criar

Faça uma recapitulação com a turma sobre os principais temas da unidade. Retome os exercícios de identificação das partes do corpo realizados no Capítulo 1 e as experimentações de movimentos de seu próprio corpo, e em relação aos dos outros colegas (Capítulo 2). Para esse desenho, chame a atenção do estudante para a proporção de seu corpo com relação aos elementos presentes no espaço da sala de aula que ele quiser destacar (lousa, carteira, material escolar etc.). Estimule a turma a ser detalhista no desenho, tentando dar forma às partes do corpo que reconheceu ao longo da unidade. Além disso, instigue os estudantes a desenvolverem a escrita, retomando as palavras que aprenderam e chamando a atenção a respeito da grafia dessas palavras.



Criar

Agora que você estudou os elementos de seu corpo, assim como a relação de seu corpo com o espaço e com o corpo de outras pessoas, faça um desenho no espaço a seguir.

Desenhe seu próprio corpo. Escreva as palavras que você aprendeu ao longo da Unidade, referentes às partes de seu corpo.



34

Atividade complementar

Autorretrato com base em fotografia

Objetivo: Propor ao estudante que crie um autorretrato com base em uma fotografia sua, de modo a identificar como a arte pode interferir e transformar a realidade e a autopercepção.

Duração: 30 min.

Materiais: Folhas sulfite, cartolinas ou papel canson, 1 fotografia de cada estudante que possa ser recortada e colada, cola, material de desenho (lápiz, canetas, lápis de cor, giz de cera etc.).

Refletir



Conte o que você aprendeu sobre:

- Como conhecer melhor o próprio corpo.
- Os cuidados para se manter saudável.
- A importância das articulações em nosso corpo.
- O espaço que o corpo ocupa quando se movimenta.

Agora, relembre com os colegas de turma tudo o que vocês aprenderam nesta unidade.

Depois, com o auxílio do professor, responda às seguintes perguntas:



- Qual foi a atividade que você mais gostou de fazer? Por quê?

Respostas pessoais.

- Qual artista você mais gostou de conhecer? Por quê?

Resposta pessoal.

- Quais foram as maiores dificuldades e facilidades que você percebeu quando improvisou?

Resposta pessoal.

Refletir

Habilidade: (EF15AR12)

As perguntas dessa reflexão e avaliação do processo devem instigar o estudante a lembrar: a) as atividades de espelho e observação/desenho do corpo dos colegas em sala de aula; b) as relações entre dança, saúde e atividade física, apresentadas no Capítulo 1; c) o fato de que as nossas articulações possibilitam a realização de diversos tipos de movimento; d) o conceito de cinesfera, do espaço ocupado pelos corpos, assim como o respeito ao espaço alheio; e) o improviso como possibilidade de criação individual e coletiva na linguagem da dança.

Desenvolvimento: Oriente os estudantes a recortar uma fotografia deles e a colar essa fotografia na folha em branco. Eles podem decidir cortar a fotografia no meio ou criar outros modos de recorte. Depois de colarem a fotografia na folha, eles devem preencher os espaços vazios como se fossem completar a imagem. Oriente a turma a dar vazão à imaginação, uma vez que o desenho a ser criado pode dialogar ou não com a fotografia. Se possível, trabalhe com a turma alguns elementos sobre a prática do autorretrato apresentada na Unidade 3 deste volume.

Avaliação: Após a finalização dos trabalhos, converse com a turma a partir das seguintes questões: Por que você escolheu esse tipo de desenho? Por que você escolheu essas formas e essas cores para se representar? O que o desenho transformou em sua imagem?

Conclusão

Professor, a Unidade 1 teve como objetivo fazer com que o estudante reconhecesse seu potencial de criação artística e relacionasse a arte aos seus processos de autoconhecimento e trabalho coletivo. Dessa forma, o estudante foi convidado a identificar, reconhecer e nomear elementos que constituem seu próprio corpo e movimento. Com base em leituras e práticas individuais e coletivas, de maneira lúdica, o estudante experimentou observar a si mesmo e compreender elementos fundamentais do movimento para a criação em dança. Ao final do estudo da unidade, é importante avaliar se houve progresso na compreensão do estudante a respeito do próprio corpo, bem como sua percepção sobre o próprio movimento e as relações entre corpo, movimento e espaço, tanto na perspectiva individual quanto na coletiva. Tal compreensão é fundamental para as unidades que se seguem e que continuarão a desenvolver o percurso de autoconhecimento e percepção proposto por este volume.

FICHAS DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM SUGERIDAS

FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO – ESTUDANTE

Todos os itens devem ser previamente combinados e, posteriormente, discutidos com cada estudante.

1º BIMESTRE – UNIDADE 1 FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

Nome: _____ Ano: _____ Bimestre: _____

1. Participei das atividades de dança, me diverti e aprendi com elas.

Sempre

Às vezes

Não

2. As aulas me fizeram conhecer e refletir sobre a diversidade entre as pessoas.

Sim

Às vezes

Não

3. Dei opiniões e respeitei as opiniões dos colegas e do professor.

Sim

Às vezes

Não

4. O que aprendi me ajudou a compartilhar o espaço com outras pessoas.

Sim

Às vezes

Não

5. As atividades de dança que melhor desempenhei foram:

6. Compartilhei com meus familiares o que aprendi sobre dança na escola.

Sim

Às vezes

Não

FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM

1º BIMESTRE – UNIDADE 1

O registro na ficha de acompanhamento poderá ser feito de acordo com a legenda a seguir.

A legenda indica o nível de aprendizagem em relação ao desenvolvimento das habilidades da BNCC para o ano escolar.

D – habilidade desenvolvida satisfatoriamente

PD – habilidade em processo de desenvolvimento

ND – habilidade não desenvolvida minimamente, ficando apenas no nível de conhecimentos prévios

HABILIDADES

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e estas com o todo corporal na construção do movimento dançado.

(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.

(EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

ESTUDANTES	(EF15AR08)	(EF15AR09)	(EF15AR11)	(EF15AR12)
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				
6.				
7.				
8.				
9.				
10.				
11.				
12.				
13.				
14.				
15.				
16.				
17.				
18.				
19.				
20.				

UNIDADE 2 – A MÚSICA É NOSSA

Introdução à Unidade 2

Visando responder à pergunta central deste volume, *Como, por meio da arte, é possível conhecer a si mesmo e os outros de modo a criar formas para representar as pessoas e o mundo ao nosso redor?*, a Unidade 2 se volta para a exploração do fazer coletivo da música como meio de apresentar e/ou aprofundar os seus elementos constitutivos (altura, timbre, ritmo, melodia, intensidade etc.), já apresentados no primeiro volume. Isso se dá em dois tempos: no Capítulo 3, é proposto um trabalho focado na música de orquestra como meio de fazer música coletivamente, e o repertório de música de orquestra é trabalhado associando-se os elementos constitutivos da música a elementos figurativos. Por meio da prática alternada de tocar em grupo e reger o grupo, os estudantes são convidados à criação coletiva e individual. No Capítulo 4, o trabalho proposto é voltado para cantigas de roda e outras cantigas populares do Brasil, com foco em reconhecer as diferenças entre elementos constitutivos da música e em resgatar a memória, por meio da pesquisa de repertório. O projeto de Arte Integrada aborda a perspectiva sociocultural do trabalho com ritmos populares, ligando-os a um elemento fundamental de diversas manifestações culturais brasileiras: o cortejo.

Objetivos pedagógicos

- Explorar diferentes formas do fazer musical coletivo;
- Apresentar o contexto da música de orquestra;
- Aprofundar a percepção das propriedades do som e do pulso/andamento musical;
- Apresentar e trabalhar os conceitos de ritmo e melodia;
- Resgatar elementos da cultura musical popular brasileira no cotidiano.

Competências específicas e como são trabalhadas

- **Competência específica 3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.**

No Capítulo 3, por meio da apresentação da orquestra, busca-se compreender sua estrutura e apresentar a música de orquestra, tanto erudita como arranjos populares. O Capítulo 4, por meio da pesquisa de repertório de cantigas populares e outras músicas para compor o cortejo final, enfoca a cultura popular brasileira.

- **Competência específica 4. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.**

Essa competência é trabalhada no Capítulo 3 por meio da exploração didática dos sons da orquestra, ligando-os aos conceitos já estabelecidos e também à ideia dos sons como representações figurativas de personagens e contextos, nas obras de compositores da música erudita como Mussorgsky e Prokofiev. No Capítulo 4, é abordada por meio da exploração de brincadeiras que envolvem cantigas populares e parlendas, explorando a percepção de ritmo e melodia e incentivando o fazer musical coletivo por meio da criação do cortejo.

Habilidades e como são trabalhadas

- **(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.**

Na abertura da unidade e na abertura do Capítulo 4, obras de artes visuais (*Polifonia*, de Paul Klee, e *Ciranda*, de Djanira da Motta e Silva) são usadas como referência para abordar conceitos musicais – respectivamente, a polifonia e as cantigas e parlendas populares. Na seção *A Arte faz pensar*, a peça *Pedro e o Lobo*, de Sergei Prokofiev, é usada para abordar a representação de personagens pela música, cultivando o imaginário.

- **(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.**

Nas aberturas dos Capítulos 3 e 4, obras consagradas de artes visuais são exemplos de como as artes visuais interagem com outras linguagens artísticas e diversas manifestações culturais pelo mundo – em um primeiro momento, com a polifonia e a música de orquestra, e, mais adiante, com o resgate de cantigas e parlendas do folclore brasileiro.

- **(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.**

No Capítulo 3, a música orquestral é apresentada, trazendo referências de repertório instrumental e do fazer coletivo musical. No Capítulo 4, em contraste, é proposto o trabalho com cantigas populares e ritmos festivos do Brasil.

- **(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.**

No Capítulo 3, são retomados os conceitos de propriedades do som e pulso apresentados no Volume 1 da coleção, aprofundando-se o trabalho de percepção e a prática coletiva com os exemplos da orquestra e por meio de práticas que reexaminam a percepção de pulso e a experiência de criar coletivamente com elementos de polifonia (vários sons) e regência, baseadas na figura do maestro. No Capítulo 4, as noções de ritmo e melodia são trabalhadas por meio de cantigas populares, parlendas e no projeto integrado, com a criação de um cortejo musical.

- **(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.**

Na seção *ZAZ – Dançando com o pulso*, o corpo como fonte sonora é usado para explorar e aprofundar a percepção do pulso das canções, aliada à habilidade **EF14AR14**.

- **(EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.**

Na seção *Vamos experimentar – Maestro, Música!*, a criação musical é proposta pela improvisação de ritmos e melodias. No projeto de *Artes Integradas*, esta habilidade aparece no processo de selecionar e ensaiar cantigas para o cortejo.

UNIDADE 2 – A MÚSICA É NOSSA

Abertura

Habilidade: (EF15AR01)

Para abrir a Unidade 2, que trata do fazer musical coletivo sob diferentes perspectivas, vamos trabalhar o quadro do pintor alemão Paul Klee. Nascido na Suíça em 1879, mas de nacionalidade alemã, fez parte dos movimentos expressionista, cubista e surrealista. O quadro apresentado, *Polifonia*, é um entre vários que Klee pintou baseado na música. Os sons o inspiravam a explorar as diferentes cores e formas.

Atividade preparatória

Examine a obra com a turma, chamando a atenção para como as cores e formas constituem um todo maior, um conjunto final, mesmo sendo diferentes. Deixe que os estudantes façam suposições sobre o título da obra, que observem as diferentes texturas e tons. Explique a eles que “polifonia” significa “vários sons” e que a tela tem várias formas e cores, representando vários sons tocados juntos.

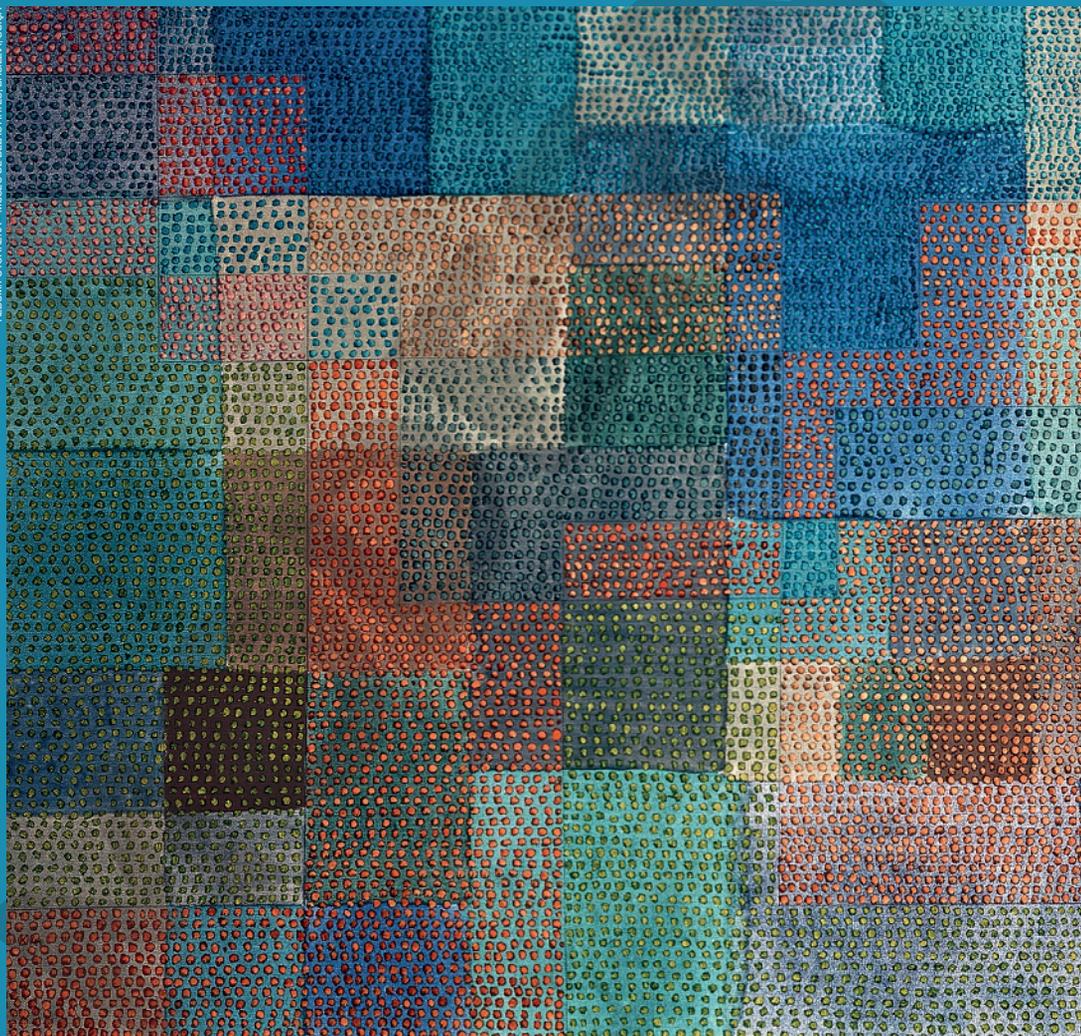
Orientações e comentários das perguntas preparatórias

1. Encaminhar a comparação entre as várias cores usadas na obra e o significado de *polifonia* (vários sons).
3. Convide os estudantes a observarem a obra a partir de diferentes pontos de vista (de perto, de longe, em diversas posições), incentivando-os a perceberem os elementos da obra individualmente e em conjunto. A intenção é refletir sobre o modo como elementos diferentes podem compor um conjunto harmônico.



A música é nossa

ALBUMFOTODAREINA - MUSEU DE BELAS ARTES, BASILEIA, SUÍÇA



Este quadro se chama *Polifonia*, uma palavra que significa “vários sons”. Ele foi pintado por Paul Klee (1879-1940), um pintor alemão que se inspirava na música para fazer suas obras de arte.



1. Em sua opinião, por que o quadro tem esse nome? **Resposta pessoal.**
2. Quais são as formas e as cores que o artista usou? São todas idênticas?
3. Você gostou da combinação das formas e das cores que o artista fez nessa obra? Por quê? **Resposta pessoal.**

2. O artista usou formas retangulares e quadradas de diferentes tamanhos, em diferentes cores. Não são todas idênticas.



Paul Klee. *Polifonia*. 1932. Têmpera, 66,5 cm × 106 cm. Museu de Belas Artes, Basileia, Suíça.

Professor, depois da condução da observação da imagem e introdução do conceito de polifonia, você pode buscar exemplos auditivos para que os estudantes experimentem escutar diferentes músicas polifônicas. As sugestões a seguir trazem exemplos de polifonia vocal e instrumental. Os exemplos de música de orquestra também podem ser utilizados ao trabalhar o conteúdo da página 38 do Livro do Estudante. Gêneros musicais comerciais (sertanejo, samba, *pop*, *rock* etc.) também são exemplos conhecidos de polifonia e misturam ambos os elementos.

Polifonia vocal:

“Flandes, la plenitud de la polifonía”, Cinqueto Reinassance Vocal. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=imKWQ4u5XX4>>. Acesso em: 8 jul. 2021.

“Canto das Três Raças”, de Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro. Grupo Seis Canta. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jM8skMhTLuA>>. Acesso em 8 jul 2021.

Polifonia instrumental:

“Big Band”, de Nelson Ayres. Programa Instrumental Sesc Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xVy0RLLxozA>>. Acesso em: 8 jul. 2021.

“Valsa das Flores”, de Tchaikovsky. Orquestra Sinfônica da Bahia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2jDwMn19_m0>. Acesso em: 8 jul. 2021.

“Bachianas Brasileiras”, Número 2, IV, Tocata (Trenzinho do Caipira), de Heitor Villa-Lobos. Orquestra Sinfônica Brasileira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wIG4h7lvj4Y>>. Acesso em: 8 jul. 2021.

Capítulo 3 - Um mar de sons

Habilidades: (EF15AR01),
(EF15AR03), (EF15AR13)

Aqui exploraremos o contexto das orquestras, retomando conceitos de propriedades do som e pulso, trabalhados no 1º ano, buscando aprofundar a percepção de pulso e a prática do fazer coletivo. Observe a imagem com a turma, chamando a atenção para o grupo que está na frente, com os instrumentos (a orquestra) e para o que está atrás, sob uma luz azulada (o coro). Os grupos são formados por crianças e jovens. O homem de pé no centro da fotografia é o maestro, ou regente, responsável por conduzir a orquestra; por indicar como as músicas serão tocadas. Converse com os estudantes sobre suas experiências. Eles já viram ou escutaram uma orquestra tocando?

O que é essa imagem?

Orientações e comentários das atividades

1. Estão visíveis violinos, violoncelos e violas, três tipos de instrumento de cordas usados em orquestras. Eles têm formatos semelhantes, mas tamanhos diferentes, que os fazem produzir sons diferentes. Convide os estudantes a observarem as diferenças de tamanho entre esses instrumentos e a tentarem adivinhar no que elas interferem em relação ao som deles.
2. Deixe que os estudantes compartilhem suas impressões sobre a apresentação e convide-os a descreverem a experiência de ouvir vários instrumentos tocando ao mesmo tempo. Você também pode exibir um vídeo de uma orquestra tocando para a turma, e convidar os estudantes a responderem a essa questão.

CAPÍTULO

3

Um mar de sons

Observe a fotografia de uma orquestra. Na fotografia, o grupo que está à frente com os instrumentos é a **orquestra**, e o grupo que está atrás é o **coro**.

A orquestra é um grupo que faz música coletivamente. Ela pode chegar a ter mais de cem músicos, com diversos instrumentos soando ao mesmo tempo.



Apresentação da Orquestra Sinfônica Juvenil Carioca, no Rio de Janeiro (RJ). Fotografia de 2017.

RAFAEL RIBEIRO/PROGRAMA ORQUESTRA NAS ESCOLAS

Reprodução proibida. Art. 18º do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O que é essa imagem?

1. Quantos instrumentos diferentes parecem estar no palco?
Resposta pessoal.
2. Você já viu uma orquestra tocando? Se sim, o que mais chamou a sua atenção na apresentação e no som que ela produzia?
Resposta pessoal.
3. O que faz o homem que está de pé no centro da fotografia?
Essa pessoa é o maestro/regente, responsável por conduzir a orquestra e orientar os músicos.

Em uma orquestra, vários instrumentos são tocados ao mesmo tempo, fazendo uma **polifonia**. Assim como no quadro de Paul Klee, vários elementos formam um conjunto final.

Escute um exemplo de polifonia tocado por uma orquestra.

1. Por que a música que você ouviu é um exemplo de polifonia?
Porque é uma música tocada por vários instrumentos fazendo sons diferentes ao mesmo tempo.

38

Sugestões de leitura complementar

- MIRANDA, Clarice; JUSTUS, Liana. *Desvendando a orquestra*. São Paulo: Formato, 2012. O livro explora os naipes e instrumentos da orquestra. Escrito para crianças, pode ser usado como referência.
- PROKOFIEV, Sergei. *Pedro e o Lobo*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. Livro que conta a história de Pedro e o Lobo, baseado na peça didática de Sergei Prokofiev. A peça será trabalhada na seção *A Arte faz pensar*.
- RIBEIRO, Jonas. *A orquestra dos músicos de Bremen*. São Paulo: Elementar, 2016. Releitura do conto dos Irmãos Grimm, pode ser trabalhada interdisciplinarmente com Língua Portuguesa.

Escutar para lembrar

Vamos lembrar as **propriedades do som** com a orquestra?

Elas são quatro: timbre, altura, intensidade e duração.

Escute algumas partes da composição musical “Quadros de uma exposição”, do compositor russo Modest Mussorgsky (1839-1881).

Ele criou composições musicais para quadros feitos por um amigo pintor, como forma de mostrar sua admiração e respeito por ele.

Cada instrumento da orquestra tem um **timbre** diferente.

Escute o som dos metais e o do quarteto de cordas:



O trompete faz parte da família dos metais, composta de instrumentos de sopro.



A viola clássica faz parte do quarteto de cordas, que é formado também por dois violinos e um violoncelo.

- Qual é a diferença entre os sons que você ouviu? **Resposta pessoal.**

Ouçá, agora, os sons de violoncelos e violinos e preste atenção na altura desses sons.



Violoncelo.



Violino.

Escutar para lembrar

Habilidade: (EF15AR14)

Retome os conceitos referentes às propriedades do som, explorando os sons da orquestra. Utilize os conteúdos complementares sugeridos, a peça musical indicada e outros exemplos de seu repertório. Além das propriedades citadas, peça aos estudantes que descrevam e comparem os sons dos instrumentos que escutarem. Ao trabalhar com áudios, lembre a turma da importância do silêncio para a escuta.

A proposta do livro é trabalhar *Quadros de uma Exposição*, de Modest Mussorgsky (1839-1881), peça disponível de maneira gratuita em diversas plataformas na internet. Um *link* para uma versão com cada trecho identificado está disponível na lista de sugestões desta página. A peça, composta em 1874, foi feita em homenagem ao pintor e arquiteto Viktor Hartmann (1834-1873), amigo de Mussorgsky que havia falecido. Ele escolheu dez dos quadros de uma exposição da obra de Hartmann e compôs músicas para eles. Ouça o material antes da aula e repare como as propriedades do som são usadas para ilustrar diferentes personagens e situações das obras. Em “Passeio”, os instrumentos de timbres diferentes dão a ideia de movimento, como se estivéssemos andando pela exposição. O “Gnomo” tem uma voz grave, representada pelo violoncelo, mas é uma criatura pequena, então há a leveza dos violinos logo em seguida. “O mercado de Limoges”, como uma feira, tem diversos sons em intensidades diferentes. No “Balé dos pontinhos em suas cascas de ovos”, sons curtos dão a ideia das bicadas dos pintinhos na casca, e sons longos acontecem depois que eles saem da casca e dançam.

Orientação

- Convide a turma a tentar descrever as diferenças entre os timbres dos instrumentos ouvidos e perceber as diferenças entre um e outro. Os estudantes podem associar os sons a sensações, imagens, ou até mesmo a outros sons.

Sugestões de vídeo

- Série Instrumentos de Orquestra, da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IkOeBXhIqLc&list=PLdY4sOsWnMgk0u2fkPXeC7EmHXbrAF-LI>>. Acesso em: 26 jun. 2021. Vídeos explorando os instrumentos, com falas dos músicos.
- Orquestra Juvenil da Bahia interpreta *Tico-Tico no fubá*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SFRR3wdmDqE>>. Acesso em: 11 jun. 2021. O canal, da organização Neojiba, à qual pertence a orquestra, tem diversos vídeos com interpretações curtas.
- Orquestra Gewandhaus de Leipzig (Alemanha) interpreta *Quadros de uma Exposição*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Sq7Qd9PSmR0>>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Habilidade: (EF15AR13)

Aqui abordamos a figura do maestro/regente da orquestra.

Sobre a fotografia: Simone Menezes é uma regente ítalo-brasileira, nascida em Brasília em 22 de Janeiro de 1977. Começou sua carreira regendo a Orquestra Sinfônica da Unicamp, foi fundadora da Camerata Latino-Americana e do Projeto Villa-Lobos, que promove a inclusão de compositores latino-americanos em repertórios de orquestras pelo mundo. Residente na Europa, trabalha como regente convidada em diversas orquestras renomadas, como a Orquestra Filarmônica de Rotterdam (Holanda) e a Orquestra Sinfônica de Osaka (Japão), e em várias orquestras francesas.

Trabalhe a interpretação da fotografia chamando atenção para elementos corporais da maestrina, como a expressão facial e a posição das mãos. A batuta, que ela segura na mão direita, é um objeto usado por regentes para marcar o pulso das músicas, mantendo um movimento constante. Com a mão esquerda e a expressão do restante do corpo, o regente indica à orquestra as dinâmicas de som: mais acelerado/mais lento, mais intenso/menos intenso. Na estante à frente dela, está uma partitura. O tema do registro escrito da música não será abordado neste livro, mas é importante que a turma entenda que as obras executadas pelas orquestras são escritas, e tanto o regente quanto os músicos acompanham a partitura para executá-las. Permita aos estudantes que façam suposições sobre os elementos apontados: Qual é a expressão corporal da maestrina? E dos músicos? Como será a partitura? Por que será que ela usa essa vareta? A partir daí, introduza os elementos destacados.

- Os instrumentos fazem sons de **alturas** diferentes. Em sua opinião, qual dos dois instrumentos produz som mais grave quando tocado? **O violoncelo.**
Observe que o violoncelo e o violino fazem parte do mesmo grupo de instrumentos: os instrumentos de cordas. O violoncelo, porém, tem um som mais grave que o do violino.

Os instrumentos também fazem sons com **intensidades** diferentes. Podem ser fortes ou fracas.

Ouçã mais uma composição musical executada por uma orquestra. Note que o som começa fraco e fica forte no final.

Os sons podem ter **durações** mais curtas ou mais longas.

- Ouçã os instrumentos de sopro e de corda na próxima composição, intitulada "Balé dos pintinhos em suas cascas de ovos". Qual dos instrumentos está fazendo sons mais longos? **Os instrumentos de corda.**

As notas curtas são dos instrumentos de sopro e as notas longas são dos instrumentos de corda.

A fotografia ao lado mostra uma maestrina. Ela é brasileira e se chama Simone Menezes.

A maestrina Simone Menezes regendo uma orquestra. Fotografia de 2015.



CHARBEL CHAVES CC BY 4.0/WIKIMEDIA FOUNDATION

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1993.

O que é essa imagem?

1. A maestrina Simone Menezes parece estar concentrada?

Explique sua resposta.

1. Resposta pessoal. O objetivo é que eles entendam que ela está concentrada porque está atenta à execução da música pela orquestra, mas outras hipóteses são bem-vindas e devem ser exploradas.

2. O que ela está fazendo com as mãos?

Conduzindo a orquestra, mostrando aos músicos como tocar.

O **maestro** ou **maestrina** é quem conduz a orquestra para que todos os músicos toquem juntos.

Eles movimentam as mãos para indicar aos músicos **como** devem tocar a música: com um pulso mais lento ou mais rápido, com sons mais fortes ou mais fracos.

Essa espécie de varinha que está na mão direita da maestrina se chama **batuta** e serve também para marcar o pulso da música.

Os músicos e o maestro seguem uma **partitura**. É nela que está escrito tudo o que a orquestra deve tocar: notas graves ou agudas, curtas ou longas, por exemplo.

Qual é o pulso?

Pulso é como chamamos a batida constante de uma música, que se repete como as batidas do nosso coração, pulsando sem parar.

- Ouça as faixas que o professor executará e observe como as batidas acontecem.
- Agora, tente reproduzir a batida sem a música.

As músicas podem ter pulsos diferentes.

O pulso é dividido em grupos menores, chamados **compassos**.

Um dos compassos mais comuns é o de **quatro tempos**, que contamos:

1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4...

- Ouça novamente a música e procure acompanhar os compassos contando **1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4...**

Outro compasso conhecido é o de **três tempos**, que contamos:

1, 2, 3, 1, 2, 3...

- Agora ouça outra música e procure marcar o compasso contando **1, 2, 3, 1, 2, 3...**

O tempo **1** é sempre um pouco mais forte do que os próximos, marcando o começo do compasso. Assim, fica fácil achar o pulso: é só encontrar o **1**.

Sugestão de atividade complementar

- Para compreender melhor o conceito de timbre e o funcionamento de uma orquestra, leve a turma ao laboratório de informática da escola e utilize o simulador e os jogos musicais do *site* <<http://brincandodeorquestra.com.br>>. Acesso em: 6 maio 2021. Nele os estudantes podem explorar a organização da orquestra, escutar os diferentes timbres dos instrumentos e compreender o funcionamento de uma partitura.

Qual é o pulso?

Habilidade: (EF15AR14)

Apresentamos uma proposta de prática para aprofundar o trabalho de percepção do pulso, praticando a contagem dos compassos. Um compasso, na linguagem musical, é uma maneira de sistematizar a batida de uma música numericamente, dividindo-a em pequenos grupos. Dois dos compassos mais comuns na música do nosso cotidiano são o quaternário (dividido em 4 tempos) e o ternário (dividido em 3 tempos). Para facilitar a percepção, introduzimos a prática de contagem marcando um tempo forte, seguido dos outros mais fracos.

Antes da prática, retome com a turma o conceito de pulso visto no 1º ano e dê a explicação sobre os compassos, acompanhando o texto. Ao trabalhar os exemplos conte com os estudantes, incentivando-os a contar e a perceber as diferenças.

Recomendamos que você esculpe as músicas que utilizar de exemplo com antecedência e tente perceber e contar o pulso. Algumas sugestões de músicas a seguir:

Compasso quaternário [1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4...]: “Esperando na janela”, Gilberto Gil; “Asa-Branca”, Luiz Gonzaga; “Águas de março”, Tom Jobim. A maioria das músicas *pop*, *rock*, sertanejo, forró, samba etc. tem esse compasso. Você provavelmente já o escutou antes.

Compasso ternário [1, 2, 3, 1, 2, 3...]: “Vilarejo”, Marisa Monte; “Romaria”, Renato Teixeira; “Tocando em frente”, Almir Sater. Esse compasso é menos comum, mas ainda é facilmente encontrado na música popular em geral. As cantigas populares “Se essa rua fosse minha” e “Terezinha de Jesus” têm este compasso.

ZAZ– Dançando com o pulso

Habilidades: (EF15AR14), (EF15AR15)

Roteiro de aula

Objetivo: Aprofundar a percepção do pulso e de diferentes formas de dividi-lo, utilizando o deslocamento no espaço.

Duração: 30 min.

Materiais: Aparelho de som, áudio da coleção e/ou músicas escolhidas pelo professor, papel *kraft* ou papelão grande, guache e rolinhos para tinta.

Observação: Preparar a sala de aula com antecedência, afastando mesas e cadeiras a fim de liberar espaço para a turma circular livremente.

Desenvolvimento: Após fazer o trabalho preparatório descrito no início da seção, foco na percepção de diferentes compassos, convide a turma a ocupar o espaço livre na sala de aula e explique a proposta: brincar de caminhar pela sala seguindo os compassos. Você pode combinar com os estudantes uma direção para seguirem, mas é interessante permitir a cada um caminhar livremente, tomando o cuidado de desviar dos colegas para não trombarem uns com os outros. Coloque uma música que tiver escolhido e demonstre a marcação, pisando com um pouco mais de intensidade no tempo 1 e dando passos mais leves nos restantes. É importante manter os joelhos soltos, permitindo que se flexionem levemente quando o passo mais forte for dado, evitando impacto nas articulações. Depois de demonstrar algumas vezes, convide os estudantes a tentarem também. Procure selecionar ao menos uma música com cada compasso, assim será possível explorar as sensações que cada um deles causa. Depois de experimentarem no espaço, forre uma área do chão com o papelão ou papel *kraft* e explique para os estudantes que vão criar uma ilustração coletiva das caminhadas. Eles deverão

ZAZ

Dançando com o pulso



VANESSA PREZOTO

Agora, vamos fazer uma brincadeira em um espaço em que todos possam andar livremente.

- 1 O professor colocará músicas com compassos diferentes, de três ou quatro tempos.
- 2 Caminhe ao som da música marcando o pulso com os pés. Se você se perder, tente achar o tempo 1 e continue!
- 3 Agora é hora de criar uma ilustração coletiva! O professor forrará o chão da sala com papel. Você e seus colegas devem pintar com tinta guache a sola dos pés ou dos sapatos. Escolha as cores que quiser e repita a brincadeira, pisando no papel.
- 4 Converse sobre essa experiência com seus colegas. Foi fácil caminhar marcando os pulsos? Como ficou a ilustração dos seus passos? **Respostas pessoais.**

42

aplicar guache nas plantas dos pés ou nos sapatos com os rolinhos de tinta e brincar de caminhar sobre o papelão ou papel acompanhando o pulso das músicas.

Avaliação: Depois de concluir a atividade, organize uma roda de conversa sobre a experiência. Reflita com os estudantes sobre suas impressões, analisando o resultado da imagem criada pela turma: Foi fácil ou difícil andar conforme o pulso? Por quê? Olhando a imagem criada, é possível identificar as diferenças entre os passos dados em cada música? Quais são elas? O painel final pode ser exposto dentro ou fora da sala de aula, como uma forma de registro da atividade realizada.



Uma orquestra diferente



Os integrantes da Orquestra Modesta. Fotografia de 2017.

Essas pessoas na fotografia são integrantes da Orquestra Modesta, um grupo musical de São Paulo (SP), composto de vários palhaços e diversos instrumentos musicais.

Ei, mas espere aí...

Se observarmos atentamente a fotografia, podemos perceber que nem todos os instrumentos tocados pela Orquestra Modesta são iguais aos das outras orquestras que escutamos e vimos neste capítulo.

Discuta com seus colegas: *Mesmo não sendo uma orquestra convencional, o grupo se chama de orquestra por contar com instrumentos de origens variadas para compor suas músicas.*

- Por que, mesmo assim, eles se consideram uma orquestra?
- Na opinião de vocês, eles são realmente uma orquestra?

Resposta pessoal. Convide a turma a refletir sobre a questão anterior para formar suas opiniões. Se eles não concordarem com o nome "orquestra", que outro nome dariam ao grupo? Por quê?

43

Algumas canções e vídeos da Orquestra Modesta

- Marchinha da Orquestra Modesta. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w1JfTdMXwVo>>. Acesso em: 11 jun. 2021.
- Atrasadinha, Estressadinha. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bqKtM4jyjTQ>>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- Cortejo, Carnaval 2020, Sesc Osasco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SnuIVePzhDc>>. Acesso em: 11 jun. 2021.
- Canal da Orquestra Modesta. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC9SiZQ49i5oiBicwfAVEvCw>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

ZUM! – Uma orquestra diferente

Habilidade: (EF15AR13)

A seção apresenta a Orquestra Modesta. Criada em 2015 pelo diretor Fernando Escrich e pelas produtoras Elisa Taemi e Milena Marques, em São Paulo, como um ato de Carnaval, a formação atual da trupe de palhaços, no espetáculo *Canções para pequenos ouvidos*, conta com os integrantes Sandro Fontes (violão); Alexandre Maldonado (bateria); Monique Franco (percussão e voz); Tereza Gontijo (percussão e voz) e Henrique Rímoli (trompete, banjo e sanfona).

A proposta ao apresentar o trabalho da trupe é levar aos estudantes a perspectiva do fazer musical coletivo de outra maneira além da orquestral, servindo como ligação para o próximo capítulo, no qual serão trabalhados cantigas populares e cortejos. A Orquestra Modesta tem instrumentos bastante diversos e diferentes dos de uma orquestra convencional.

Ao ler com a turma o parágrafo “Ei, mas espera aí...”, converse com os estudantes, investigando o motivo do nome “orquestra”. A ideia é apresentar para os estudantes a noção de que para fazer música juntos é necessária a participação de cada membro do grupo, assim como na orquestra: tanto o maestro quanto cada músico são fundamentais para que o resultado final seja divertido e satisfatório para todos.

Orientações e comentários das atividades

Mesmo não sendo uma orquestra convencional, o grupo se denomina Orquestra por contar com instrumentos de origens variadas para compor suas músicas.

Convide a turma a refletir sobre a questão anterior para formar suas opiniões. Se os estudantes não concordarem com o nome Orquestra, que outro nome dariam ao grupo? Por quê?

A arte faz pensar – Pedro e o Lobo: os sons da orquestra

Habilidades: (EF15AR13),
(EF15AR14)

A peça *Pedro e o Lobo*, de Sergei Prokofiev (1936), foi escrita com a finalidade de apresentar didaticamente a orquestra para crianças – muitas versões dela foram gravadas e incluem animações. Nesta seção, pode ser desenvolvido um trabalho interdisciplinar com Língua Portuguesa e de alfabetização, incluindo o livro com a história de Pedro e o Lobo sugerido como material complementar na página MP068.

Caso seja possível, uma animação pode ser mostrada à turma, ilustrando a história e os instrumentos. A versão tem em média 30 minutos de duração e pode ser trabalhada em duas metades, uma em cada aula: primeiro a apresentação dos personagens/instrumentos e depois a história.

Como modo de trabalhar a alfabetização com base no texto, instigue a turma a reconhecer nas palavras do texto o nome dos animais (pato, gato, pássaro, lobo). Peça aos estudantes que reescrevam essas palavras e desenhem os respectivos animais.

A arte faz pensar

Pedro e o lobo: os sons da orquestra

- 👤 Leia com o professor o resumo da história *Pedro e o lobo*. Marque os nomes de todos os animais que aparecem no texto. Sublinhe o trecho da história de que você mais gostar.

Pedro é um menino que vive com seu avô no campo.

Um dia, ele deixa o portão do jardim aberto e seu pato sai para nadar na lagoa.

Ao ver o pato, um passarinho diz a ele, indignado: “como pode ser, um pássaro que não voa?”. O pato lhe responde, também indignado: “como pode ser, um pássaro que não nada?”.

O gato de Pedro aparece de repente, interrompendo a discussão dos dois, que se assustam com ele.

O avô de Pedro o leva de volta para o jardim e fecha o portão, dizendo ao gato: “cuidado, um lobo pode aparecer!”.

Pouco tempo depois, um grande lobo cinzento sai do bosque.

O gato consegue escapar, mas o pato, coitado, é comido pelo lobo!

Pedro busca uma corda e, com a ajuda do passarinho, consegue prender o lobo pela cauda.

Neste momento, os caçadores saem do bosque e disparam contra o lobo, mas Pedro os impede de machucá-lo.

Enquanto comemoram a vitória sobre o lobo, num momento de silêncio conseguem escutar o pato lá dentro da barriga dele. Na pressa de devorá-lo, ele o engoliu vivo!



AGUEDA HORN

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1993.

44

Sugestão de vídeo

- *Pedro e o Lobo*. Programa narrado em português, que integra a animação da história e a execução pelos músicos do conto musical para crianças composto por Sergei Prokofiev em 1936. Executada pela Orquestra Nacional da França, sob regência do maestro Daniele Gatti. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ggRJSJvFTA>>. Acesso em: 7 maio 2021.

1. Quais animais fazem parte dessa história?

Pato, passarinho, gato e lobo.

2. Quais são os outros personagens?

Pedro, o avô e os caçadores.

A história *Pedro e o lobo* foi escrita como uma peça musical para apresentar a orquestra a crianças.

Nessa peça musical, cada personagem é representado por um instrumento ou naipes da orquestra:

Pedro é representado pelas cordas: violino, viola, violoncelo e contrabaixo.

O avô é representado pelo fagote.

O pato é representado pelo oboé.

O gato é representado pelo clarinete.

O passarinho é representado pela flauta transversal.

O lobo é representado por três trompas.

Os caçadores são representados pelas madeiras (clarinetes, oboés, fagotes e flautas) e os **barulhos** de suas armas, pela percussão.

Depois de ler a história e ouvir os instrumentos, responda:

3. Você acha que os instrumentos combinam com esses personagens? Explique sua resposta.

Resposta pessoal.

4. Você já ouviu alguma outra história contada com sons?

Resposta pessoal.

Experimente em casa

Em sua casa, leia a história de *Pedro e o lobo* com sua família. Feche os olhos e reconte para seus familiares a história que você aprendeu. Enquanto estiver contando a história, fique atento para fazer os sons dos animais.

Orientações e comentários das atividades

Antes da escuta:

Para a escuta dos instrumentos, você pode utilizar o vídeo sugerido na página MP074. O início da peça contém uma breve apresentação dos instrumentos e personagens, de modo que não é necessário assistir ao vídeo inteiro caso não haja tempo suficiente em aula.

Depois da escuta:

Antes de propor aos estudantes que elaborem as perguntas finais, leia-as com eles ou, se quiser, discuta-as com a turma toda, para depois serem respondidas individualmente.

3. Quando fizer a leitura das perguntas, deixe que os estudantes reflitam sobre a relação entre os instrumentos e os personagens correspondentes e escolham um personagem para exemplificar. Por exemplo: o fagote combina com o avô de Pedro por ter um som grave; os tímpanos combinam com os caçadores por parecerem tiros.

4. A turma deve falar sobre suas experiências. Vivências de contação de histórias que usem trilhas sonoras ou barulhos cotidianos, por exemplo, são válidas.

Experimente em casa

Proponha ao estudante que leia com seus familiares a narrativa de *Pedro e o Lobo* e exercite o reconto com eles. Depois, em sala de aula, peça à turma que reconte coletivamente as principais etapas da história – isso pode possibilitar a você verificar se a leitura e compreensão de texto da turma estão avançando.

Vamos experimentar – Maestro, música!

Habilidade: (EF15AR14), (EF15AR17)

Roteiro de aula

Objetivo: Proporcionar aos estudantes a experiência do fazer musical coletivo e da criação, dando a todos a oportunidade de reger seus colegas.

Duração: 40 min.

Materiais: Aparelho de som, instrumentos de percussão variados (se disponíveis). Veja sugestões de bases musicais na página MP077.

Observação: A prática deve ser feita em roda, com os estudantes sentados (exceto o regente, que deve ficar em pé, no meio), para que se enxerguem, possibilitando que escutem e observem o que todos estão fazendo.

Desenvolvimento: Antes de ler o roteiro com a turma, converse sobre a brincadeira, propondo o “jogo do maestro”, em que cada um deles poderá reger a turma toda, criando uma composição coletiva. Explique aos estudantes que você colocará um acompanhamento musical para tocar e que cada um criará sua parte, cantando ou tocando junto com a música, mas quem conduzirá a brincadeira será o maestro. Leia o roteiro com atenção especial ao segundo item, praticando os gestos, fundamentais para a comunicação entre maestro e orquestra. Escolha uma base musical para começar, incentivando a turma a encontrar o pulso da música coletivamente antes de escolher o maestro. Depois, decidam quem será o primeiro maestro e comecem a brincadeira. Toque mais de uma das bases, para experiências com pulsos diferentes.

Vamos experimentar

Maestro, música!

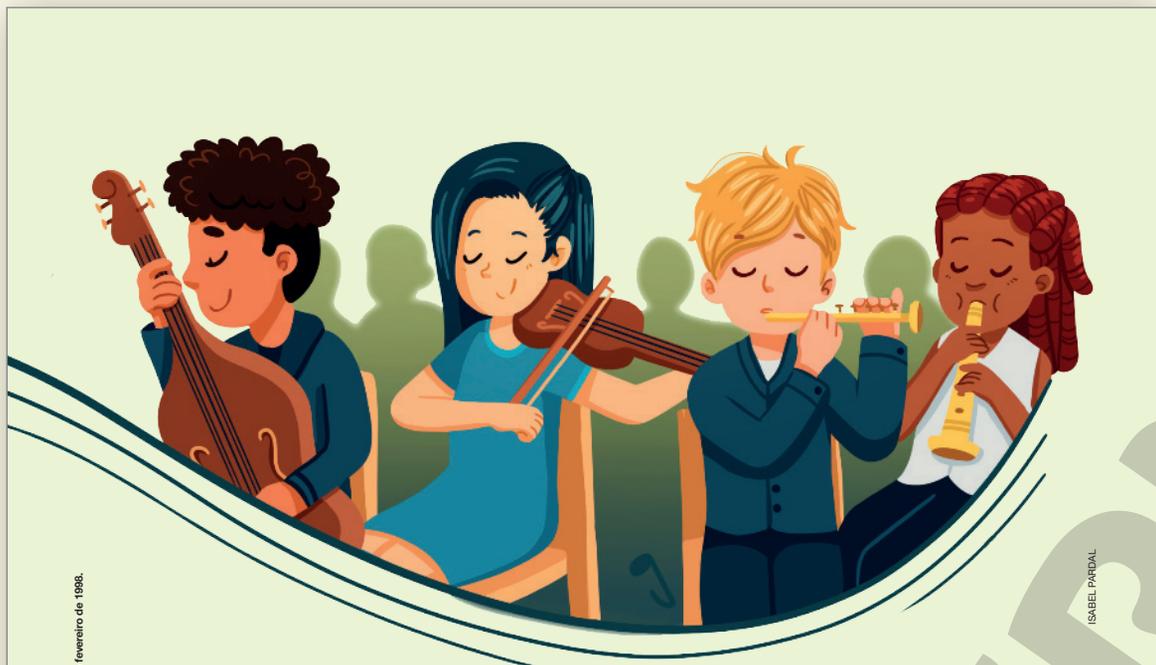


Agora, vamos brincar de ser maestros e maestrinas!

- 1 Façam uma roda e escolham um dos instrumentos que o professor fornecerá ou utilizem o próprio corpo como instrumento.
- 2 Pratiquem os **gestos do maestro** ou **maestrina**, de acordo com o quadro da página seguinte.
- 3 Escolham um maestro ou maestrina para começar a atividade. Ele ou ela deverá ir para o centro da roda. O resto da turma tem que ficar em silêncio.
- 4 O professor colocará uma das bases musicais para tocar.
- 5 O maestro ou maestrina conduzirá a turma. Quando ele ou ela apontar para você, toque seu instrumento ou faça sons com seu corpo acompanhando a música.
- 6 Lembre-se de obedecer aos gestos do maestro ou maestrina e fazer silêncio quando não estiver tocando.
- 7 Depois, escolham outro maestro ou maestrina e brinquem novamente, até que todos tenham regido a turma.

46

Avaliação: Ao final, faça uma roda de conversa para que a turma compartilhe suas experiências: Que partes foram fáceis e quais foram difíceis de executar? De que música eles mais gostaram? Por quê?



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ISABEL PARDAL

Gestos do maestro

- **Entrada:** o maestro aponta para o colega que ele quer que toque.
- **Mais forte:** o maestro levanta o braço, com a palma da mão para cima, para aumentar o volume.
- **Mais fraco:** o maestro abaixa o braço, com a palma da mão para baixo, para abaixar o volume.
- **Silêncio!:** o maestro abre a mão e rapidamente fecha os dedos para o som parar.

Depois de brincar, façam uma roda de conversa para responder às seguintes perguntas:

1. As músicas da brincadeira tinham todas o mesmo pulso?
Não, eram diferentes. Permita que os estudantes respondam de acordo com as músicas utilizadas.
2. Vocês tocaram instrumentos ou fizeram música corporal?
Resposta pessoal.
3. Qual foi a parte mais difícil da brincadeira? E a mais divertida?
Resposta pessoal.

47

Sugestões de recursos musicais

Sugerimos que as bases musicais para o jogo do maestro sejam trilhas instrumentais simples, que podem ser pesquisadas em bancos de som gratuitos na internet. O uso de canções para esta atividade pode limitar as possibilidades de criação de novas melodias e ritmos para os estudantes.

Alguns sites nos quais você pode encontrar trilhas:

- *Jacarandá*. Disponível em: <<http://jacarandatrilhas.com>>. Acesso em: 9 jul. 2021.
- *Free Music Archive*. Disponível em: <<https://www.freemusicarchive.org/search>>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Orientações e comentários das atividades

2. Os estudantes devem responder de acordo com as técnicas usadas durante a brincadeira: instrumentos, percussão corporal ou ambos.
3. Peça aos estudantes que relembrem a experiência e reflitam sobre suas dificuldades e sobre o que gostaram na brincadeira.

Capítulo 4 - Nossas cantigas

Habilidades: (EF15AR01),
(EF15AR03), (EF15AR13)

Neste capítulo trabalharemos as cantigas populares como meio de fazer música em grupo. Para isso, em um primeiro momento, exploraremos as brincadeiras que utilizam cantigas e parlendas (ciranda, jogos de mão, pular corda etc.). Depois, introduzindo a percepção de ritmo, será feito um jogo baseado na parlenda "Hoje é domingo". Em um segundo momento, os conceitos de melodia e ritmo serão apresentados e trabalhados por meio das cantigas populares. Por fim, o projeto de arte integrada convida a turma a organizar um cortejo musical, com uma pesquisa de cantigas populares (e outras músicas) para o repertório.

O que é essa imagem?

Observe com os estudantes a pintura *Ciranda*, de Djanira, atentando para as perguntas. Introduza na conversa a ideia das brincadeiras musicais que eles podem ter vivenciado no ambiente escolar: pular corda, jogos de roda, ciranda e afins. Na leitura do texto que segue essa atividade, procure exemplificar as cantigas e parlendas com algumas conhecidas, como "Ciranda, cirandinha"; "Bata-tinha quando nasce"; "Se essa rua fosse minha".

Orientações e comentários das atividades

3. Converse com a turma sobre as brincadeiras de roda que os estudantes fazem na escola ou em casa e sobre as músicas que gostam de cantar em roda.
4. A partir da questão anterior, pergunte aos estudantes que outras brincadeiras, além das de roda, utilizam músicas. Peça-lhes que deem exemplos.

CAPÍTULO

4

Nossas cantigas

Esta pintura é da artista brasileira Djanira (1914-1979) e se chama *Ciranda*.



Djanira. *Ciranda*. 1940. Aquarela e nanquim sobre papel, 22,6 cm x 33 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro (RJ).

O que é essa imagem?

1. Que figuras estão representadas na pintura? **Crianças.**
2. Em sua opinião, por que o título da pintura é *Ciranda*?
Porque as crianças parecem dançar em roda, como é feito nas cirandas.
3. Você costuma brincar de roda com os seus amigos?
Resposta pessoal.
4. Quais outras brincadeiras têm música? **Resposta pessoal.**

Cantigas e parlendas

Habilidade: (EF15AR13)

Leia com os estudantes as perguntas e deixe que eles respondam. Depois, na lousa, compare as respostas levantadas pela pesquisa, listando cada resposta: Quantas pessoas responderam “sim” ou “não” à pergunta 1? Quais brincadeiras com cantigas ou parlendas foram listadas? Quais foram as cantigas favoritas?

A ciranda e outras danças de roda também são jeitos de fazer música em grupo.

As **cantigas** são um tipo de música da cultura popular. Existem as cantigas de roda, as cantigas de ninar e também as cantigas para cantar em grupo.

Nas **parlendas**, em vez de cantarmos os versos, nós os recitamos. Usamos parlendas para algumas brincadeiras de roda, para pular corda, para fazer jogos com as mãos etc.

Vamos, agora, fazer uma pesquisa com a turma toda. Responda às perguntas a seguir: **Respostas pessoais.**

1. Você conhece alguma cantiga ou parlenda?
2. Você faz alguma brincadeira que usa cantigas ou parlendas?
3. Qual é a sua cantiga ou parlenda favorita?

Depois que toda a turma tiver respondido, comparem as respostas dadas.

- Quais são as brincadeiras que a turma mais gosta de fazer com cantigas e parlendas?

Resposta coletiva.

- Quais são as cantigas ou parlendas favoritas da turma?

Resposta coletiva.

- Escreva seu trecho favorito da letra de alguma cantiga ou parlenda.

Resposta pessoal.

Sugestões de recursos musicais

Realize uma pesquisa prévia de cantigas populares e parlendas para apresentá-las aos estudantes antes de responderem às perguntas da página 49 do Livro do Estudante. Confira algumas referências de materiais que podem ser utilizados:

- DIANA, Daniela. 25 parlendas do folclore brasileiro. *In: Toda Matéria*. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/parlendas/>>. Acesso em: 9 jul. 2021.
- *Pout-pourri* de parlendas. *Palavra Cantada*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cqp4N_Hqxvs>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Confira a página MP084 para sugestões de materiais sobre cantigas populares.

O que é essa imagem?

Habilidade: (EF15AR13)

Instigue os estudantes a circular e a pesquisar o significado das palavras que não conhecem. Em sua leitura, acentue as palavras que rimam, a fim de que eles reconheçam a presença de uma sonoridade parecida entre as palavras. Estimule-os a observar que toda palavra no final de um verso rima com a palavra do verso seguinte, formando duplas (domingo-cachimbo; ouro-touro; valente-gente; fraco-buraco; fundo-mundo). Solicite à turma que reescreva essas palavras, de modo a fixar sua grafia e sentido. Você pode também pedir aos estudantes que encontrem semelhanças de sonoridade em outras palavras que porventura conheçam. Leia o segundo verso com os estudantes e pergunte se entenderam o significado de *pede cachimbo*. Pode ser que digam que significa que o pé é de cachimbo. Comente que a forma verbal *pede* está na 3ª pessoa do singular do tempo presente simples do verbo *pedir*.

As imagens a seguir são pistas para você descobrir a parlenda que será recitada pelo professor. Preste bastante atenção e tente adivinhar qual é.



O que é essa imagem?

Respostas pessoais.



1. Você conhece essa parlenda? Se sim, com quem você aprendeu?
2. O título da parlenda é "Hoje é domingo". Quais são as principais atividades que você faz aos domingos?

Leia o texto em voz alta, circule as palavras que você não conhece e sublinhe as palavras que terminam com o mesmo som (por exemplo, ouro e touro):

Hoje é domingo,
Pede cachimbo.
O cachimbo é de ouro,
Bate no touro.
O touro é valente,
Bate na gente.
A gente é fraco,
Cai no buraco.
O buraco é fundo,
Acabou-se o mundo!

Da tradição popular.

Na batida da parlenda!

- 1 O professor colocará uma batida para tocar.
- 2 Escutem a batida e tentem achar o pulso dela, batendo palmas junto.
- 3 Depois, leiam a parlenda sem sair do pulso.

Vamos brincar com o ritmo da parlenda!

- 4 O professor recitará a primeira parte das frases e a turma recitará a segunda parte. Cuidado para não sair da batida!
- 5 De acordo com o comando do professor, repitam a parlenda de jeitos diferentes.
 - bem devagar
 - rápido
 - mais rápido

Se quiserem, façam isso em roda batendo os pés ou as mãos!
Agora, responda:



1. Você já tinha “cantado” uma parlenda antes?

Resposta pessoal.

2. Foi difícil cantar sem sair da batida?

Resposta pessoal.

3. De qual dos jeitos de cantar você gostou mais?

Resposta pessoal.



CAROL SARTORI

ZAZ – Na batida da parlenda!

Habilidade: (EF15AR14)

Roteiro de aula

Objetivo: Trabalhar a percepção de ritmo e pulso utilizando a parlenda “Hoje é domingo”.

Duração: 30 min.

Material: Aparelho de som, metrônomo.

Observação: Essa prática pode ser feita em qualquer configuração de sala.

Desenvolvimento: Antes da aula, familiarize-se com o metrônomo, ferramenta usada para marcar o pulso na prática musical. Há diversos aplicativos digitais que cumprem essa função, disponíveis ao procurar por “metrônomo”. Mantenha a batida do metrônomo entre 75 e 100 batidas por minuto (bpm), por serem andamentos confortáveis de acompanhar. Experimente ler a parlenda usando a batida do metrônomo para manter o pulso antes de aplicar a prática com os estudantes. Em aula, leia o roteiro com os estudantes, estimulando-os a encontrar o pulso e a fazer a contagem dos compassos. Em seguida, leiam o texto da parlenda juntos, acompanhando a batida. Por último, faça a experiência sugerida de pergunta e resposta. Você lerá o início das frases (por exemplo: “Hoje é domingo”) e os estudantes devem completar (“Pede cachimbo”). Depois, repita propondo dinâmicas diferentes, com variação de altura, intensidade, andamento (você pode tentar fazer sem a batida de base, propondo um pulso mais rápido ou mais lento). Você pode propor a experimentação com algumas das parlendas utilizadas no início da unidade. Deixe também que eles, se quiserem, façam sugestões.

Avaliação: Ao final, leia com os estudantes as perguntas de avaliação e deixe que eles comentem suas impressões a respeito dos vários jeitos de experimentar o ritmo.

Orientações e comentários das atividades

1. Peça aos estudantes que relembrem brincadeiras em que tenham utilizado parlendas, e se elas foram “cantadas” em determinado pulso.
2. Deixe que os estudantes reflitam sobre a experiência da atividade. Se foi difícil, por quê?
3. Convide os estudantes a avaliarem qual das dinâmicas experimentadas foi mais agradável ou divertida.

Técnicas da arte – A melodia e seu ritmo

Habilidade: (EF15AR14)

A seção apresenta os conceitos de melodia e ritmo, dois elementos importantes que constituem a música e que muitas vezes são confundidos. Retome com a turma a ideia de ritmo trabalhada com as parlendas, e pergunte aos estudantes se sabem a diferença entre ritmo e melodia. Convide-os a elaborarem ideias sobre esses dois conceitos. Na linguagem cotidiana, muitas vezes usamos a palavra *ritmo* para falar de melodia ou de pulso, mas são coisas diferentes.

Leia com eles o texto e proponha o exercício descrito na página MP083 (página 53 do Livro do Estudante) para a fixação dos conceitos.

Técnicas da arte

A melodia e seu ritmo



ILUSTRAÇÕES: FABIO CORAZZA

FABIO P. CORAZZA

Os objetos não estão representados na mesma proporção.

Além do pulso e das propriedades do som, outros dois elementos são muito importantes para fazer música: a **melodia** e o **ritmo** da melodia.

Vamos entender o que são eles?

Melodia

A melodia é formada pela combinação de diferentes notas, com diferentes alturas.

Quando escutamos uma canção e cantamos junto com ela, estamos cantando a **melodia**. Escute um exemplo de melodia.

Ritmo

O **ritmo**, como vimos com as parlendas, é formado pela combinação de sons curtos e longos, com diferentes durações.

Quando escutamos uma canção, podemos descobrir o ritmo da melodia batendo palma junto com a letra.

Agora, experimente com a turma! Siga as instruções e preencha as lacunas.

1. Primeiro, cantem "Parabéns pra você" de boca fechada, usando o som da letra "m", sem bater palmas.

Você cantou _____ a melodia _____ .

2. Agora, cantem com a letra, mas batam palmas junto com a letra (cada sílaba será uma palma).

As palmas marcaram _____ o ritmo da melodia _____ .

3. Por fim, cantem uma vez como cantamos nas festas de aniversário: com a letra, batendo palmas.

As palmas marcaram _____ o pulso _____ .

Não confunda... Ritmo com pulso!

Tome cuidado para não confundir **ritmo da melodia** com **pulso**.

O **pulso**, que já conhecemos, acompanha a música sem parar. Mesmo quando a melodia e o ritmo param, ele pode continuar.

O **ritmo da melodia** acompanha sempre a melodia. Ou seja, se a melodia para, ele para junto.

Perceba que, ao acompanhar uma canção batendo palmas, o pulso continua, mesmo nas partes em que o ritmo e a melodia param.

Propomos, agora, um breve exercício de fixação dos conceitos de ritmo e melodia e a retomada do conceito de pulso.

Depois de ler o conteúdo sobre melodia e ritmo com os estudantes, proponha a eles este exercício utilizando a canção "Parabéns a você".

Etapa 1

A canção deverá ser cantolada, sem palavras. A sugestão do livro é utilizar o som da letra *m*, de boca fechada. Mesmo que os estudantes não acompanhem com palmas, oriente-os a respeitarem os silêncios da música (há breves pausas entre cada verso).

A lacuna deve ser preenchida com a melodia.

Etapa 2

Os estudantes deverão cantar batendo palmas de um modo diferente. Em vez de bater palmas de modo constante (marcando o pulso), eles devem acompanhar as sílabas das palavras. Novamente, chame a atenção deles para os silêncios entre os versos. A lacuna deve ser preenchida com o ritmo da melodia.

Etapa 3

Por fim, a canção será cantada da forma convencional: com a letra e utilizando palmas para marcar o pulso. Perceba que, nos pequenos intervalos em que não cantamos a melodia, o pulso continua sendo marcado. A lacuna deve ser preenchida com o pulso.

O quadro *Não confunda* descreve a diferença entre pulso e ritmo da melodia, para uma compreensão mais aprofundada dos dois conceitos. A percepção de melodia, ritmo e pulso pode sempre ser incentivada seguindo os passos deste exercício, que podem ser aplicados a qualquer canção.

Vamos experimentar – Treinando com as cantigas

Habilidade: (EF15AR14)

A prática propõe o uso de cantigas para o trabalho da percepção dos elementos apresentados na seção anterior.

Roteiro de aula

Objetivo: Trabalhar a percepção de melodia e ritmo da melodia tomando como base as cantigas populares.

Duração: 40 min.

Materiais: Aparelho de som, gravações de cantigas populares, instrumentos de percussão (opcionais).

Observação: É recomendável afastar as cadeiras e mesas a fim de deixar espaço livre na sala de aula. Em preparação, escutar algumas das cantigas e selecionar quais serão usadas na aula facilitará o processo. Veja os materiais sugeridos no final da página.

Desenvolvimento: Organize a turma em dois grupos e coloque-os sentados de frente um para o outro. Você deverá ficar em um lugar onde ambos os grupos possam vê-lo. Leia com os estudantes o roteiro da atividade e prossiga com os passos. Quando for perceber e marcar o pulso da cantiga, utilize palmas e percussão corporal. Os instrumentos, se forem utilizados, devem ser introduzidos pelo grupo que estiver marcando o ritmo da melodia somente nos últimos dois passos. Ao trocar de cantiga, troque também as funções dos grupos. É recomendável que você utilize ao menos duas cantigas com pulsos diferentes para uma experiência mais completa.

Avaliação: Ao final, leia com os estudantes as perguntas e deixe que respondam, fazendo depois uma roda de conversa conclusiva, recordando o que eles experienciaram com as cantigas. Durante a conversa, retome o que os estudantes conheciam sobre ritmo e melodia e o que aprenderam. Use as perguntas como guia para que reflitam sobre a experiência e sobre o que compreenderam.



Vamos experimentar

Treinando com as cantigas



Como descobrimos, as parlendas têm ritmo, apesar de não terem melodia. As cantigas, por outro lado, têm os dois! Elas podem ser tocadas com instrumentos, mas também podemos simplesmente cantá-las em grupo.

Agora que já vimos como funcionam o ritmo e a melodia, vamos treinar!

- 1 O professor separará a turma em dois grupos, que devem se sentar um de frente para o outro. Em seguida, ele colocará uma cantiga popular para tocar.
- 2 Todos juntos devem encontrar o pulso da cantiga e acompanhá-la com palmas ou percussão corporal.
- 3 Depois, encontrem a melodia e o ritmo da cantiga.
- 4 Agora, um grupo deve cantar a **melodia** e a letra da cantiga enquanto o outro grupo bate palmas ou toca junto um instrumento no **ritmo**.
- 5 Depois, mudem de cantiga e brinquem de novo, trocando a função dos grupos!

54

Sugestão de material para a seleção de cantigas

- Programa 197 do Estúdio F, da Funarte, com canções compiladas por Villa-Lobos. Disponível em: <<https://www.funarte.gov.br/estudio-f/estudio-f-o-folclore-e-as-cantigas-do-brasil-por-heitor-villa-lobos/>>. Acesso em: 9 jul. 2021.
- COLETÂNEA cantigas populares *Palavra Cantada*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q8ou8bcWITU>>. Acesso em: 9 jul 2021.
- Você pode ter acesso a trechos de músicas do CD *Abra a roda Tin Do Lê Lê*, compilado por Lydia Hortélio em: HORTÉLIO, Lydia. *Abra a roda Tin Do Lê Lê. Tratore*. Disponível em: <https://www.tratore.com.br/um_cd.php?id=20824>. Acesso em: 9 jul. 2021.



Agora, responda às perguntas abaixo.

1. Quais cantigas vocês cantaram?

Resposta pessoal.

2. Alguma dessas cantigas tinha o compasso em três tempos?

Resposta pessoal.

3. Você gostou mais de cantar ou de marcar o ritmo?

Resposta pessoal.

Vamos fazer uma roda de conversa com toda a turma sobre ritmo e melodia:

- Você já sabia a diferença entre ritmo e melodia?
- Como foi a experiência de cantar a melodia? E a de marcar o ritmo?
- Qual música você achou mais fácil? Qual você achou mais difícil? Por quê?

Orientações e comentários das atividades

1. Responder de acordo com as cantigas utilizadas na atividade.
2. O objetivo é que pelo menos uma das cantigas escolhidas tenha o compasso em três tempos.
3. Peça-lhes que justifiquem por que gostaram mais de cantar ou de acompanhar o ritmo.

Ao concluir a etapa de avaliação desta seção, verifique se os conteúdos foram compreendidos pela turma. Caso note defasagens no processo de aprendizagem, retome os exemplos de melodia, ritmo e pulso trabalhados na seção *Técnicas da arte*, utilizando as cantigas e parlendas. Uma alternativa simples é escolher apenas um elemento para trabalhar por vez, sem dividir a turma (todos marcam o ritmo ou todos cantam a melodia), e alternar os exercícios com a marcação de pulso. É importante também incentivar a cooperação entre os estudantes, convidando-os a ajudar os colegas com mais dificuldades. Aqueles com mais dificuldade podem receber tarefas mais simples, como marcar o pulso ou cantar a melodia da música.

O trabalho de percepção de melodia, ritmo e pulso pode ser feito com qualquer canção eleita pela turma, inclusive com as canções escolhidas para o projeto de *Artes Integradas*, durante a etapa de ensaio.

Artes integradas – Ensaando um cortejo

Habilidades: (EF15AR14),
(EF15AR13), (EF15AR17)

A seção contém um roteiro para o ensaio de um cortejo musical utilizando cantigas, servindo como preparação para o projeto de *Artes Integradas* que encerra o livro. As imagens e uma breve exploração do contexto dos cortejos festivos são representativos da cultura popular brasileira.

O que é essa imagem?

Orientações e comentários das atividades

1. Conduza a observação da imagem usando os itens da questão como guia. A intenção é observar alguns elementos de um cortejo: um grupo grande, normalmente vestido com figurinos especiais. No caso da fotografia, nenhum instrumento está visível, mas o cortejo parece estar em movimento (dançando) na rua. Convide a turma a imaginar o clima desse cortejo: As pessoas parecem estar dançando uma música mais lenta ou mais agitada? Que tipo de música pode ser essa?
2. Peça aos estudantes que compartilhem suas vivências. Uma festa onde os cortejos quase sempre são presentes é o Carnaval, que pode ser usado de exemplo para que eles façam associações e pensem em experiências próprias.

Artes integradas

Ensaando um cortejo

Outro jeito de fazer música em grupo é em um **cortejo**.

O cortejo é um grupo de pessoas que percorre um caminho enquanto canta junto. Ele pode ter instrumentos ou não, e as pessoas podem estar vestidas de várias maneiras.



Cortejo de foliões durante um tradicional carnaval do Maracatu em Olinda (PE). Fotografia de 2016.

O que é essa imagem?

Respostas pessoais.

1. Conte o que você vê na imagem.
 - Há muitas pessoas?
 - Como essas pessoas estão vestidas?
 - Elas estão tocando instrumentos?
 - Elas parecem estar em movimento?
 - Onde elas estão?
 - Como seria uma música tocada pelo cortejo da fotografia?
2. Você já participou de um cortejo ou assistiu a algum?

56

Referências de cantigas populares

- Algumas referências importantes para a pesquisa de cantigas populares são o trabalho de Heitor Villa-Lobos, que reuniu diversas cantigas pelo Brasil na obra *Cirandas*, de 1926, arranjando-as para piano. Mário de Andrade (1893-1945) também recolheu várias gravações de músicas típicas das regiões do Brasil, compiladas pelo Sesc e pela Secretaria de Cultura de São Paulo (2006) em uma coletânea intitulada *Missão de pesquisas folclóricas*. Antônio Nóbrega (1952-) também reuniu cantigas de roda no disco *Brincadeiras de roda, estórias e canções de ninar*, de 1983.

Os cortejos musicais, no Brasil, geralmente são feitos em festas, e a música tocada nos cortejos pode variar: marchinhas, maracatu, frevo, carimbó e por aí vai...

Desfile do Maracatu Nação Camaleão em Olinda (PE).
Fotografia de 2020.



MARLON COSTA/FUTURA PRESS

É possível fazer um cortejo com qualquer tipo de música! O importante é que todo mundo esteja cantando ou tocando junto e, é claro, se divertindo.

PROCESSO DE CRIAÇÃO

Vamos organizar um cortejo de cantigas?

Para fazer o cortejo, precisamos primeiro escolher cantigas que possam ser cantadas em grupo enquanto caminhamos.

- 1 Comece pesquisando cantigas que seus familiares conhecem. Peça a eles que lhe ensinem algumas.
- 2 Conte aos colegas o que aprendeu e escute as cantigas que eles aprenderam.
- 3 O professor fará na lousa uma lista com o título das canções.
- 4 Escolham, juntos, as cantigas que animarão o seu cortejo!
- 5 Depois de decidir o que cantar, combinem outros detalhes, como:
 - Qual será o nome do cortejo?
 - Haverá instrumentos? Quais? Quem os trará?

Quando tudo estiver combinado, é hora de ensaiar as canções, para todo mundo acertar o ritmo na hora em que o cortejo se apresentar!

O cortejo pode ser apresentado em um dia especial para toda a escola ou para os familiares.

57

Referências de canções indígenas

- PROJETO Acalanto. *Funai*. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/sons-indigenas/2721-projeto-acalanto>>. Acesso em: 11 jun. 2021.
- Cantos da Floresta. *Iniciação ao universo musical indígena*. Disponível em: <<https://www.cantosdafloresta.com.br>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

Processo de criação

Para a execução deste projeto, sugerimos o cronograma a seguir.

Aula 1. Pesquisa de repertório. A turma deve escolher um repertório com quatro ou cinco cantigas populares para animar o cortejo. Pré-seleção o material e leve para a turma escutar e decidir coletivamente. Os estudantes também podem trazer sugestões de casa. Definam como será feito o cortejo (haverá instrumentos? Haverá figurinos?), pesquisando referências de cortejos da cultura popular para caracterizar o grupo de vocês. Algumas referências de cortejos festivos para pesquisa: blocos de Carnaval, blocos de maracatu, Folias de Reis, congadas, o Círio.

Aulas 2, 3 e 4. Ensaios e produção. É importante dedicar tempo para aprender e ensaiar as canções com a turma, e também para produzir elementos de figurino ou instrumentos, caso essa seja a escolha. Se necessário, você pode dedicar mais uma aula a esta etapa.

Aula 5. Apresentação. Em uma data combinada com a direção e os pais e responsáveis, faça a apresentação do cortejo, passando pela escola. Durante o evento, a participação de convidados e estudantes de outras turmas pode ser encorajada, mantendo o caráter colaborativo do cortejo. Além das canções preparadas pela turma, outras canções conhecidas podem ser puxadas pelo cortejo para o público acompanhar, se julgar apropriado.

Aula 6. Avaliação. Em uma etapa posterior à da apresentação, peça à turma que responda às perguntas e faça o registro em desenho sugerido na seção *Criar e refletir* (páginas 58 e 59).

Criar e refletir

Avaliação de processo

Habilidades: (EF15AR13),
(EF15AR14)

Os estudantes são convidados a refletir sobre as experiências que tiveram nesta unidade. Relembre com eles as vivências com a música de orquestra, e depois retome o trabalho feito com parlendas, cantigas e o cortejo. No primeiro momento, respondam às perguntas de avaliação sobre a experiência do cortejo e, no final, organize uma roda de conversa para uma troca coletiva de todas as experiências.

Criar

Se julgar adequado ou necessário, o desenho com o tema “Nosso cortejo” pode ser feito em material externo ao livro, com diferentes materiais de artes plásticas. Uma alternativa é fazer uma grande obra coletiva, em papel *kraft* ou similar, na qual todos os estudantes possam colaborar.



Criar

Faça um desenho com o tema “nosso cortejo”.



Vamos fazer uma roda de conversa sobre as experiências que fizemos com música:

- O que você aprendeu quando estudou o que é uma orquestra? **Resposta pessoal.**
- Nas atividades musicais em grupo, como em orquestras e cortejos, é preciso preparo prévio. Por que isso é importante? **O planejamento e o ensaio fazem com que cada um desempenhe corretamente seu papel e que o resultado seja harmônico.**
- De qual maneira de fazer música junto você mais gostou? **Resposta pessoal.**

58

Orientações e comentários das atividades

- Uma orquestra é um grupo de músicos que tocam instrumentos de diversos tipos (sopro, cordas, percussão) para fazer música coletivamente. A orquestra é conduzida pelo maestro ou regente, que indica aos músicos quando e como tocar seus instrumentos.
- Permita aos estudantes que relembrem as diferentes maneiras experimentadas ao longo das atividades. Peça a eles que digam por que gostaram mais de um jeito do que dos outros.

Refletir



Reisado do Mestre Dedé de Luna. Folia de Reis em Crato (CE). Fotografia de 2015.

 A respeito da organização do cortejo, responda:

1. Quais músicas a turma trouxe de suas pesquisas?
Respostas pessoais.
2. Quais foram as músicas escolhidas? Por que elas foram escolhidas?
3. Qual foi sua parte favorita na atividade do cortejo?
4. O que você achou de tocar e cantar em grupo?

Refletir

Faça uma roda de conversa com a turma e retome a trajetória do que foi visto nesta unidade, desde os estudos das orquestras e das propriedades do som aos estudos das cantigas, parlen- das e dos conceitos de ritmo, melodia e pulso. Convide-os a refletir sobre diferentes maneiras de fazer música juntos: com instrumentos, com a voz e o corpo, em ciranda, em cortejo etc. Chame a atenção para os elementos que tornaram essa prática coletiva possível, como a colaboração entre colegas, o respeito ao silêncio e a impor- tância de escutarem uns aos outros para todos conseguirem cantar e tocar juntos.

Conclusão

Ao longo desta unidade, foram propostas diferentes maneiras de explorar a música de maneira coletiva, desde a escuta da música polifônica até a execução coletiva de cantigas populares, passando pela prática da criação por meio da improvisação e da exploração de aspectos rítmicos. Explorando obras de arte e fotografias disparadoras, os estudantes foram convidados a refletir e experimentar diferentes processos de criar música coletivamente, com incentivo à observação de tais processos tanto do ponto de vista individual como do ponto de vista do grupo. É importante observar se os elementos da linguagem Música foram compreendidos (polifonia, pulso, propriedades do som, ritmo e melodia) e se os estudantes foram capazes de observá-los com relação aos outros temas abordados – a autoexpressão e sua relação com o aspecto imagético – e, também, utilizá-los nas etapas de expressão e criação. Essa avaliação foi incentivada por meio da autorreflexão, ao longo de exercícios propostos no livro, e pode ser retomada durante a etapa de conclusão do estudo. A compreensão dos elementos da linguagem e a sua prática são cruciais para o trabalho proposto a partir do terceiro ano.

FICHAS DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM SUGERIDAS

FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO – ESTUDANTE

Todos os itens devem ser previamente combinados e, posteriormente, discutidos com cada estudante.

2º BIMESTRE – UNIDADE 2 FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

Nome: _____ Ano: _____ Bimestre: _____

1. Particpei das atividades coletivas de música e me diverti com elas.

Sim

Às vezes

Não

2. Reconheci as propriedades do som nas atividades que realizei.

Sim

Às vezes

Não

3. Durante as práticas, consegui brincar com os sons seguindo as orientações.

Sim

Às vezes

Não

4. O que eu aprendi mudou o que eu já sabia sobre música.

Muito

Pouco

Não mudou

5. Meus aprendizados tornaram minhas brincadeiras de roda mais divertidas.

Sim

Um pouco

Não

6. Particpei de todas as etapas das atividades coletivas.

Sim

Não

7. O que aprendi me ajudou a perceber as diferenças nos sons dos instrumentos musicais.

Sim

Não

8. Meus familiares e conhecidos participaram das atividades que a escola propôs.

Sim

Às vezes

Não

FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM

1º BIMESTRE – UNIDADE 2

O registro na ficha de acompanhamento poderá ser feito de acordo com a legenda a seguir.

A legenda indica o nível de aprendizagem em relação ao desenvolvimento das habilidades da BNCC para o ano escolar.

D – habilidade desenvolvida satisfatoriamente

PD – habilidade em processo de desenvolvimento

ND – habilidade não desenvolvida minimamente, ficando apenas no nível de conhecimentos prévios.

HABILIDADES

(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.

(EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.

ESTUDANTES	(EF15AR01)	(EF15AR03)	(EF15AR13)	(EF15AR14)	(EF15AR15)	(EF15AR17)
1.						
2.						
3.						
4.						
5.						
6.						
7.						
8.						
9.						
10.						
11.						
12.						
13.						
14.						
15.						
16.						
17.						
18.						
19.						
20.						

UNIDADE 3 – “EU” POR DENTRO E POR FORA

Introdução à Unidade 3

Nesta etapa da Educação Básica, é importante que os estudantes desenvolvam a escuta, para acolher as ideias e intervenções dos colegas, e também a confiança para colocarem-se diante do grupo. Essa unidade oferece ferramentas para que explorem a representação de si e do outro, com atenção tanto à forma como aos aspectos subjetivos. O retrato e suas derivações são recursos por meio dos quais os estudantes escolhem como se apresentar ao mundo, descobrindo sua singularidade, compreendendo-se como parte de uma coletividade e refletindo com autonomia sobre quem são e quem querem ser. São poucos os espaços nos quais as crianças podem falar sobre quem são e refletir sobre suas próprias emoções. Por isso, essa unidade aposta na autorrepresentação como um recurso para a autorreflexão e o autoconhecimento.

Objetivos pedagógicos

- Estimular o autoconhecimento por meio da representação de si e do seu meio;
- Apresentar o gênero pictórico do “retrato” como modo de apresentação do sujeito para o seu meio social;
- Fomentar a invenção de soluções criativas para representar a si e ao outro;
- Explorar a linguagem do desenho também a partir da gestualidade e da ludicidade, de modo a contemplar crianças de diferentes aptidões artísticas e a ampliar a compreensão sobre as artes visuais;
- Apresentar suportes das artes visuais, como a colagem, o bordado e a técnica *pop-up*;
- Instigar nos estudantes o interesse por interpretar e explorar aspectos subjetivos da representação de si e do outro nas artes visuais.

Competências específicas e como são trabalhadas

- **Competência específica 1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.**

Ao longo das seções *O que é essa imagem?*, os estudantes constroem um repertório para a leitura de imagem que alia a interpretação das narrativas da imagem, a decodificação de seus elementos compositivos e da técnica, a contextualização histórica, a ser feita pelo professor e a interpretação, que nessa etapa se dá pela

associação direta com as relações, narrativas e o contexto em que vive cada criança. Ao longo do volume, a produção de artistas modernos e contemporâneos, do Brasil e de países como Moçambique, França, Estados Unidos e Israel, é mobilizada para ampliar ao máximo o escopo de referências ao alcance do professor e do estudante, agregando diversidade e multiplicidade ao seu imaginário estético.

- **Competência específica 2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.**

O Capítulo 6 é introduzido pelo livro animado e musicado do *rapper* Emicida, que aproxima as linguagens da literatura infantil e da animação digital. A obra alia o uso das tecnologias comunicacionais e a literatura infantil, para que a linguagem literária tenha um apelo proporcional à linguagem audiovisual, à qual as crianças estão hiperexpostas pela internet e televisão. Na seção *Vamos experimentar* do Capítulo 6, a montagem de um autorretrato com objetos cotidianos encontra na fotografia digital, a ser executada pelo professor, um recurso de registro e de síntese da experiência artística.

- **Competência específica 3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.**

As matrizes culturais brasileiras são trabalhadas por meio de referências da arte moderna (Alberto da Veiga Guignard, Capítulo 5) e contemporânea (Rivane Neuenschwander, Capítulo 6). Do mesmo modo, referências artísticas e teóricas de matriz africana (conceito de *ubuntu* na seção *A Arte faz pensar* e a obra do artista moçambicano Malangatana Ngwenya) são apresentadas como elementos fundamentais para que nesta unidade, focada na autorrepresentação e no autoconhecimento, os estudantes se reconheçam como parte de uma coletividade marcada pela diversidade e pelo multiculturalismo.

- **Competência específica 8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.**

Nas seções *ZAZ*, *Vamos experimentar* e *Artes integradas*, os estudantes são convidados a experimentar modos individuais e coletivos de expressão e criação artística e a dialogar sobre o processo de criação e os seus resultados, trabalhando a escuta e a confiança para colocar-se e refletir abertamente sobre o aprendizado, as escolhas e as dificuldades que envolvem a experimentação artística.

Habilidades e como são trabalhadas

- **(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.**

Nos Capítulos 5 e 6, os estudantes serão apresentados a diferentes referências da arte moderna e contemporânea, como, por exemplo, os artistas brasileiros Alberto da Veiga Guignard (Capítulo 5) e Rivane Neuenschwander (Capítulo 6). Com isso, farão a transposição entre modos tradicionais de representar o humano – o retrato – e experiências artísticas contemporâneas, que envolve processos colaborativos e associados ao corpo, assim como novas materialidades.

- **(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).**

No Capítulo 5, ao trabalhar com a linguagem do retrato, os estudantes aprenderão a interpretar os elementos constitutivos desse gênero artístico, como a figura humana e o fundo ou cenário. Por meio da colagem, trabalharão a relação entre figura e fundo, experimentarão a sobreposição de formas e a aplicação de diferentes texturas para fazer um retrato.

- **(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas culturais locais, regionais e nacionais.**

A Unidade 3 é iniciada com um trabalho do artista moçambicano Malangatana Ngwenya, cujas pinturas mostram conjuntos de pessoas de seu país, representando sobretudo o contexto das independências africanas em meados da década de 1970. O Capítulo 5 inicia-se com retratos do artista Alberto da Veiga Guignard, apresentando ao fundo as famosas paisagens mineiras que o tornaram célebre no modernismo. Na seção *A Arte faz pensar, a performance* que a artista Lorraine O’Grady realizou na Marcha do Orgulho Afro-Americano é utilizada para introduzir o conceito filosófico africano de **ubuntu**, introduzindo a noção de que cada pessoa é parte de um todo ou que é responsável por sua comunidade. O livro animado *E foi assim que a escuridão e eu ficamos amigas*, do rapper paulista Emicida, abre o Capítulo 6 apresentando, por meio do audiovisual, da música e da construção literária, uma narrativa sobre o convívio com a diferença. Por fim, uma obra do surrealista René Magritte, e proposição de desenho coletivo baseada no método de escrita automática surrealista *Cadáver esquecido*, Eileen Agar, introduzem ao volume as ideias dessa vanguarda artística de matriz europeia.

- **(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.**

Os estudantes serão apresentados a uma gama de suportes e linguagens que transitam entre o tradicional e o contemporâneo: o audiolivro (Capítulo 6), a figuração por meio do bordado (Capítulo 5), o livro *pop-up* (*Vamos experimentar* do Capítulo 6), a *performance* (*A Arte faz pensar*) e a colagem (*Técnicas da arte* e *Vamos experimentar* do Capítulo 6).

- **(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.**

A habilidade é trabalhada em toda a unidade, por meio das seções que propõem uma prática. Na seção ZAZ, aborda-se a exploração de exercícios individuais (Capítulo 5) e coletivos (Capítulo 6) de desenho. Na seção *Vamos experimentar*, do Capítulo 6, os estudantes são convidados a criar um cartão *pop-up* em que representem espaços como a escola ou a sua casa. Por fim, na seção *Artes integradas*, os estudantes ocuparão um espaço amplo e aberto da escola para criar fantasias com as suas caretas, o que exige uma área ampla para lidar com papéis ou tecidos de grandes proporções e o que também torna a experiência produtiva para a comunidade escolar.

- **(EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.**

Nas proposições de atividades práticas, os estudantes são convidados a apresentar as suas experiências e a dialogar com os colegas sobre elas. Nas seções ZAZ dos Capítulos 5 e 6, os estudantes realizam atividades em grupo ou que exigem uma interação e interpretação coletiva sobre a experiência. Além disso, em muitas seções, como *A Arte faz pensar*, os estudantes são convidados a compartilhar a sua interpretação sobre os temas propostos com base em sua vida cotidiana, estimulando a construção da confiança para se posicionar em público e a empatia para acolher as contribuições dos colegas.

- **(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.**

Na abertura do Capítulo 6, o audiolivro do artista Emicida utiliza a música e a animação como forma de traduzir um livro infantil para um novo formato, dando assim novos usos para a linguagem sonora.

- **(EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.**

No livro animado que abre o Capítulo 6, o artista Emicida faz uma série de experimentações musicais para situar a narrativa sobre o medo e a noite escura em relação ao imaginário infantil e às sonoridades do ambiente doméstico.

Abertura

Habilidade: (EF15AR03)

Atividades preparatórias

A Unidade 3 convida o estudante a traçar uma trajetória de autoconhecimento por meio das artes visuais. No Capítulo 5, explora-se o gênero artístico do retrato. A turma conhecerá diferentes modos de representar a si, aos demais e de entender-se como parte do seu meio social. No Capítulo 6, os estudantes serão instigados a desdobram os aprendizados com o retrato no caminho da investigação de suas emoções. A arte será apresentada como um instrumento por meio do qual podem-se nomear, investigar e transformar as emoções e a sensibilidade.

A reprodução da pintura do do artista moçambicano Malangatana Ngwenya (1936-2011) mostra um agrupamento de pessoas, cada qual com sua própria expressão. O artista desenvolveu muitas representações da história do seu país, especialmente durante o processo de independência de Moçambique, concluído em 1975. Produziu pinturas, desenhos e murais.

Moçambique é um país no continente africano – e um percentual relevante da população brasileira descende de países africanos. Introduzir a produção de um artista africano na escola aproxima os estudantes de um imaginário estético com o qual a formação cultural brasileira tem muitas conexões.

Ao trabalhar a abertura, instigue os estudantes a reconhecerem-se como essas personagens, ou seja, como sujeitos singulares que participam de uma coletividade. Cada qual tem a sua personalidade, mas compartilham-se a origem e a identidade, que são sempre uma construção histórica e coletiva. Assim como representa essa pintura, deve-se destacar não somente a singularidade, mas também o papel que cada pessoa cumpre na coletividade.

UNIDADE 3

“Eu” por dentro e por fora

STEPHEN CHUNG/LAMY - COLEÇÃO PARTICULAR



Nesta unidade, você criará modos de se apresentar ao mundo e de conhecer a si mesmo por meio das artes visuais. Você representará a sua imagem e também investigará as suas emoções!

Existem muitas pessoas no mundo. São tantas que mal podemos contar. Todas têm coisas em comum e também muitas diferenças.

Cada pessoa tem um nome, um rosto e uma história. Veja como o artista representou as pessoas nesta pintura.

1. O título dessa pintura é *Esperando a paz*. O que chama sua atenção nessa pintura? **Resposta pessoal.**
2. Quais cores o artista usou? **Há a predominância dos tons de azul nos personagens e cenário, com detalhes em vermelho, amarelo, verde e lilás.**
3. Que figuras estão representadas? **Há pessoas, animais, plantas e objetos.**
4. Quais materiais o artista pode ter usado para fazer essa obra de arte?

A resposta correta é tinta acrílica, mas aproveite a oportunidade para mapear o repertório de materiais e técnicas conhecidos pela turma.



Malangatana Ngwenya.
Esperando a paz. 1995.
Acrílica sobre tela,
123,5 cm × 218 cm.
Coleção particular.

Capítulo 5 - Retrato e autorretratos

Habilidades: (EF15AR01), (EF15AR03)

O capítulo é dedicado à percepção de si e do outro por meio do gênero artístico do retrato. A turma será apresentada a uma variedade de estilos de retrato, o que culminará na produção de autorretratos. O retrato será pensado como um recurso para os estudantes perceberem-se individualmente e como parte de uma comunidade – deve valorizar aspectos pessoais, e também revelar o contexto em que vive a pessoa retratada. Por isso, a ênfase será sempre na autopercepção aliada à valorização do meio social, das relações interpessoais e da diversidade cultural.

Os retratos da página representam uma relativa diversidade étnica, uma característica da formação social do Brasil. Eles demonstram a importância de os estudantes se reconhecerem na arte e de identificarem figuras que se aproximam da imagem de seus familiares e das demais pessoas do seu convívio, em particular no caso das minorias étnicas, como as crianças negras e indígenas.

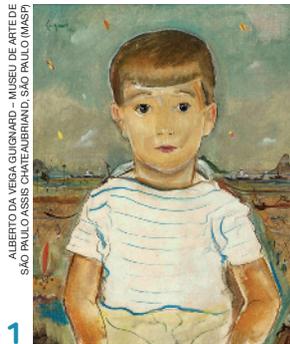
As obras foram pintadas por Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), artista moderno brasileiro famoso por suas pinturas das paisagens de Minas Gerais. Observe que cada retrato tem ao fundo uma paisagem diferente, que parece dar um “clima” para o retrato e agregar à nossa percepção algo mais sobre a personalidade e o contexto em que viveu cada retratado.

CAPÍTULO

5

Retrato e autorretratos

Estes **retratos** foram pintados pelo artista brasileiro Alberto da Veiga Guignard. Cada modelo dos retratos tem características próprias: cor de pele, corte de cabelo e penteado, roupa, idade, expressão do rosto. Cada retrato tem um fundo diferente.



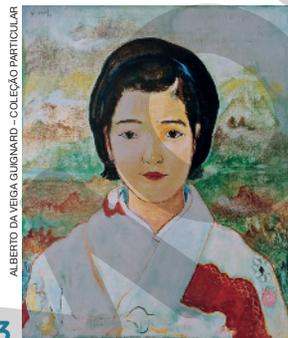
1

Alberto da Veiga Guignard. *Figura de menino com camisa branca listrada*. 1962. Óleo sobre tela, 50 cm × 40 cm. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo (SP).



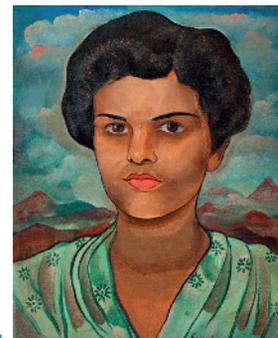
2

Alberto da Veiga Guignard. *Retrato de Maria do Carmo Neves do Valle Simões*. 1959. Óleo sobre madeira, 63 cm × 51 cm. Coleção particular.



3

Alberto da Veiga Guignard. *A japonesa*. 1957. Óleo sobre madeira, 55 cm × 46 cm. Coleção particular.



4

Alberto da Veiga Guignard. *Retrato de Maria Campello*. 1943. Óleo sobre madeira, 40 cm × 33 cm. Coleção particular.

O que é essa imagem?

Respostas pessoais.



1. Descreva como é cada pessoa dos retratos.
2. Em que lugar cada uma dessas pessoas foi retratada?
3. Que expressões você faz para ser retratado?
4. Você gosta de ser retratado?



Você sabe o que é um retrato?

Antigamente, as pessoas chamavam todas as fotografias de "retrato". No entanto, um retrato pode ser também um desenho ou pintura. Além disso, nem toda fotografia é um retrato.

O retrato é a imagem que tem uma pessoa como elemento principal.

Há muitos tipos de retrato. Eles podem ser apenas do rosto ou também do corpo inteiro.

Quando são de corpo inteiro, eles costumam dar também importância a uma ação e a um cenário.

Quando são apenas de rosto, o seu foco é na expressão do modelo.

Algumas pessoas se sentem à vontade sendo retratadas. Outras não gostam tanto assim.



1. Em que situações você é retratado?

Resposta pessoal.

2. Quem faz os seus retratos fotográficos?

Resposta pessoal.

63

O que é essa imagem?

Orientações e comentários das atividades

1. Convide a turma a expressar sua leitura sobre a identidade de cada um dos retratados, situando-os em relação aos termos corretos relativos à representação étnica sempre que necessário: "O menino do retrato tem a pele branca e a mulher do último retrato tem a pele negra. A menina tem origem asiática, e por isso nós dizemos que ela tem a pele amarela". Isso não significa reiterar estigmas, mas sim nomear e valorizar a diversidade que compõe o povo brasileiro. É importante os estudantes conhecerem e identificarem essas classificações, determinadas pelo IBGE, como um recurso de autoconhecimento e autopercepção. Esse é também um dos papéis da arte e, em particular, do trabalho com retratos: desconstruir estereótipos negativos e apresentar referenciais positivos em representações nas quais as crianças identificam a si e aos seus familiares, em particular no caso de crianças racializadas negras e indígenas.
2. Deixe que os estudantes reflitam sobre a imagem e construam hipóteses para o cenário, o que poderá contribuir para a compreensão sobre quem são as personagens dos retratos. Por meio da leitura da imagem e com as informações sobre quem a produziu e quando, identifique-se o seu contexto.
3. Permita aos estudantes que nomeiem e, casualmente, interpretem suas expressões faciais ao serem retratados. Estimule-os a interpretarem também a expressão das personagens dos retratos.
4. Deixe que as crianças reflitam sobre como se sentem ao serem fotografadas.

O que é um autorretrato?

Habilidade: (EF15AR01)

O autorretrato é uma imagem em que o autor representa a si mesmo, destacando a sua imagem e outros elementos constitutivos da sua identidade, que podem ser representados por roupas, cenário ou outros objetos que compõem o retrato. Os estudantes devem ser convidados a observarem todos os elementos visuais que compõem a sua imagem: seus olhos, boca, nariz, tipo e cor de cabelo e pele. Devem também entender a função comunicativa da expressão facial.

O artista belga Klaas Rommelaere (1981-) faz retratos com bordado. Introduza o que é o bordado e comente como há alternativas ao desenho e à pintura nas artes visuais. Fotografia, bordado e gravuras são técnicas que podem ser utilizadas para a produção de um autorretrato.

Destaque que a arte têxtil, por meio da qual se produzem vestuário e tapeçarias, é também uma linguagem artística, transmitida de geração em geração. Conforme a resposta da turma a esse estímulo, comente como essa forma de arte muitas vezes está presente no cotidiano de suas famílias.

O que é essa imagem?

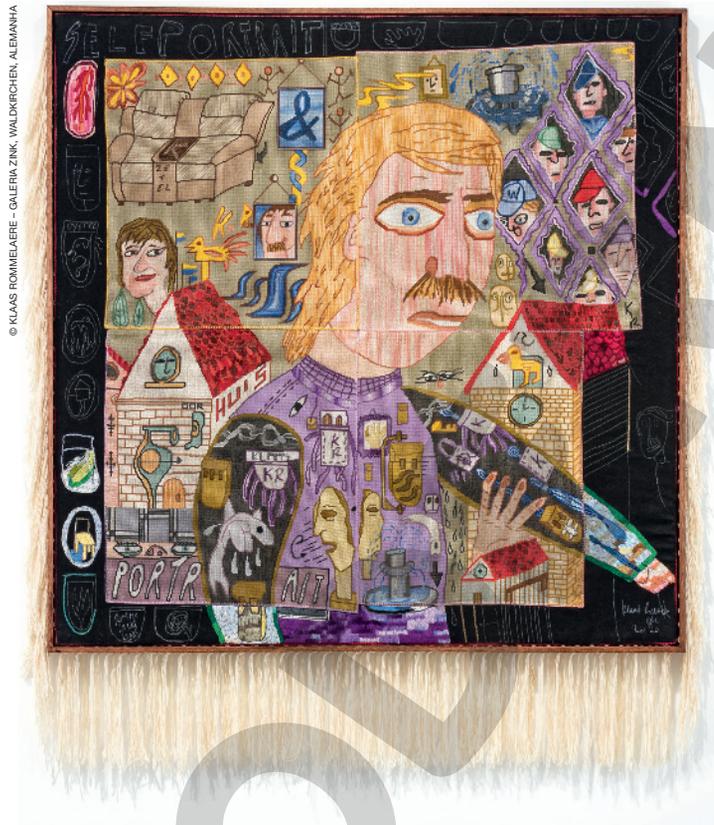
Orientações e comentários das atividades

1. Pessoas, objetos, construções, palavras, animais etc.
3. Eles devem interpretar a expressão da personagem e os demais elementos que compõem o retrato e o fundo. O objetivo é que identifiquem que a imagem apresenta informações sobre o sujeito retratado, por exemplo, ele gostar de usar roupas estampadas.
4. A turma deverá identificar objetos e práticas do seu cotidiano que representem os seus gostos, vínculos e ocupações.

O que é um autorretrato?

Esta imagem é de um bordado feito por um artista.

Esse artista faz arte com bordado. Ele costura detalhe por detalhe da obra com linha e agulha.



Klaas Rommelaere.
Retrato do Klass.
2020. Bordado com algodão sobre algodão e linho, 131 cm × 131 cm. Galeria Zink, Waldkirchen, Alemanha.

O que é essa imagem?

Respostas pessoais.



1. O que está representado nesse bordado?
2. Qual figura é o elemento principal na imagem? *A figura de um homem.*
3. Observando a figura do homem, o que você pode saber sobre ele?
4. O que você gostaria que uma imagem contasse sobre você?

64

Para trabalhar o texto com a turma

Professor, leia o texto com os estudantes, criando pausas entre os parágrafos para que eles reflitam sobre o que foi lido. Comente que o prefixo *auto-*, presente no termo autorretrato, indica "a si mesmo". Utilize exemplos, como *autobiografia* ("história da própria vida"). Diferencie *auto* de *alto*.



Retrato sem olhar para o papel

Existem muitos modos de fazer um autorretrato.

Você pode se desenhar enquanto se observa no espelho e pode também desenhar no próprio espelho com canetas especiais.

Você pode recortar uma fotografia sua e completar a outra metade com desenho ou pintura. Pode até mesmo fazer uma colagem usando lãs coloridas.

Vamos tentar!

Como seria fazer um autorretrato sem olhar para o papel?

Para isso, você só precisará de papel e lápis colorido.

- Coloque o papel sobre sua mesa ou carteira.
- Feche os olhos e tente se lembrar de cada detalhe da sua imagem: como é o contorno do seu rosto? E o seu cabelo? Como são os olhos, boca, orelhas e nariz?
- Agora abra os olhos e comece a desenhar, mas sem olhar para o papel! Ao terminar, espere um pouco para que os colegas também finalizem os seus desenhos.
- Quando terminarem, olhem para os retratos juntos e conversem sobre o que acharam da experiência!

65

Comentário da questão

- Permita aos estudantes que interpretem esses objetos com base em sua própria experiência de vida.

ZAZ – Retrato sem olhar para o papel

Habilidade: (EF15AR05)

Roteiro de aula

Objetivos: Fazer um retrato de modo lúdico; explorar a composição formal e espontânea de um retrato em que os elementos fundamentais do rosto apareçam sem preocupação com a correção do desenho.

Duração: 45-50 min.

Materiais necessários: Papel e lápis colorido.

Observações: Organize a turma em grupos, para assegurar-se de que os estudantes realizem as etapas passo a passo corretamente e para que possam buscar na imagem do colega a memória dos elementos – boca, cabelos, orelhas – que compõem o próprio rosto. Eles também devem se divertir com o resultado do trabalho dos colegas.

Desenvolvimento: Forme grupos de até quatro estudantes. Organize as mesas de modo que os membros de cada grupo possam se olhar. Exemplifique o que será realizado, produzindo um autorretrato seu na lousa, sem olhar. Oriente-os a olharem para a frente enquanto desenhavam e de não olharem para o próprio desenho.

Antes de começarem a atividade, solicite-lhes que fechem os olhos e faça-lhes perguntas como as indicadas no Livro do Estudante. Eles devem lembrar dos detalhes do próprio rosto antes de desenhar. Peça aos estudantes que não olhem para o papel até que todos terminem, para que a reação dos primeiros não interrompa ou apresse aqueles que não a concluíram. No final, reserve um tempo para que vejam o resultado do trabalho dos colegas.

Avaliação: Pergunte aos estudantes o que fariam de diferente nos próprios retratos se pudessem olhar para o desenho. Eles devem ser avaliados pelo engajamento na atividade. Verifique se compreenderam o que é um autorretrato e qual é a percepção deles. Indague como se apresentariam caso pudessem olhar para o papel.

A arte faz pensar – Ubuntu: eu sou porque nós somos

Habilidades: (EF15AR03),
(EF15AR01)

A palavra *ubuntu* está presente nas línguas de origem bantu, como o zulu, e expressa um princípio filosófico africano segundo o qual as conquistas de cada membro de um povo são também conquistas de todo o povo. Ubuntu convida também à percepção de que o legado dos nossos ancestrais é fundamental, possibilitando-nos estar onde estamos e ser quem somos. Personalidades notáveis, como Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul, reivindicaram o conceito como um valor humano fundamental.

Ubuntu é também um recurso que você tem para orientar os estudantes na percepção de que eles devem reconhecer-se como parte de uma coletividade, sendo responsáveis também pelo equilíbrio das relações em seu meio.

Esse conceito, assim como outros fundamentos do pensamento africano, como a oralidade e a valorização da ancestralidade, ajudam a introduzir na educação a percepção sobre o legado da cultura e do pensamento africanos na formação social do Brasil, atendendo assim à recomendação instaurada pela Lei 10.639/03, ampliada pela Lei 11.645/08, na qual a história da África e das diásporas africanas e a cultura afro-brasileira, mas também indígena e quilombola, devem ser ensinadas transversalmente na Educação Básica, com atenção especial nos componentes Arte e História. Esses conteúdos podem ser inseridos na infância por meio das referências culturais e artísticas com as quais o professor do componente Arte trabalha, além da literatura infantojuvenil.

A arte faz pensar

Ubuntu: eu sou porque nós somos



© LORRAINE O'GRADY/ARTISTS RIGHTS SOCIETY (ARS),
NEW YORK - CORTESIA ALEXANDER GRAY ASSOCIATES,
NOVA YORK. © O'GRADY, LORRAINE/AUTVIS, BRASIL, 2021



© LORRAINE O'GRADY/ARTISTS RIGHTS SOCIETY (ARS), NEW YORK - CORTESIA
ALEXANDER GRAY ASSOCIATES, NOVA YORK © O'GRADY, LORRAINE/AUTVIS, BRASIL, 2021

Fotografias de
Lorraine O'Grady na
Parada do Orgulho
Afro-Americano
em Nova York,
Estados Unidos.
Fotografias de 1983.

Nas fotografias, vemos crianças e adultos posando dentro de uma moldura. Todos se abraçam, sorriem e parecem estar felizes por estar juntos.

A moldura destaca a beleza das pessoas. Cada um pode escolher como quer ser visto dentro da moldura.

A artista que fez as fotografias nasceu nos Estados Unidos e escolheu a Parada do Orgulho Afro-Americano para realizar essa *performance*. Essa é uma festa que celebra a cultura e a história das pessoas negras.

66

Essas fotografias são registros de uma *performance* criada pela artista estadunidense Lorraine O'Grady, que contou com a colaboração de outros *performers* para realizar uma intervenção no dia da Parada do Orgulho Afro-americano, em 1983. As imagens apresentam uma tarefa social importante para os artistas e professores de Arte: desconstruir as representações negativas – também chamadas de imagens de controle – constantemente reiteradas pela mídia sobre as populações racializadas negras e indígenas. Em paralelo, é seu papel positivar essas representações, dando referências que possibilitem em particular às crianças negras e indígenas reconhecerem a si e aos seus familiares em situações de afeto e convívio, usufruindo plena e coletivamente de sua dignidade e com horizontes promissores de vida.

A palavra *ubuntu* quer dizer: eu sou porque nós somos.

Essa palavra representa bem o que vemos nas imagens. Ela tem origem africana e está presente na cultura das pessoas negras de muitos países.

Ubuntu nos ensina a respeitar a história dos nossos ancestrais e a lembrar que fazemos parte de uma comunidade. Ubuntu mostra que todos somos responsáveis por cuidar de cada pessoa com a qual convivemos.

O que aprendemos com os outros faz parte de nós. Assim, ao refletir sobre quem somos, é muito importante respeitar as pessoas à nossa volta e o lugar onde vivemos.

1. Em quem você se inspira para ser quem você é?

Resposta pessoal.

2. Você conhece a história das pessoas que viveram antes de você?

Resposta pessoal.

3. Com quem você gosta de compartilhar suas descobertas e conquistas?

Resposta pessoal.

Experimente em casa

Converse sobre as perguntas para orientar os estudantes a respondê-las por escrito e ajude-os a identificar que pessoas são referências para eles em seu convívio pessoal e em sua comunidade. Depois, oriente-os como deve ser realizado o trabalho em casa. No momento de estudo junto de seus familiares, o estudante deve propor a leitura e reflexão coletiva com base no texto do livro. Por meio da conversa com os familiares, o estudante deve responder às questões da página. Em sala de aula, proponha à turma que, em duplas ou trios, troquem entre si suas respostas de modo a ampliar a reflexão com base nos temas abordados na seção.

Orientações e comentários das atividades

1. Provavelmente os estudantes vão citar seus familiares. Permita a eles destacar narrativas que conhecem da sua história familiar ou que enunciem cuidados cotidianos que recebem, fazendo-os se reconhecerem como integrantes de um grupo social ou comunidade.
2. Deixe-os responder livremente. Caso não conheçam muitas histórias, sugira a eles que conversem com familiares mais velhos sobre essas histórias.
3. Permita a eles expressarem-se livremente sobre suas relações afetivas. Esses vínculos são importantes para que se entendam como integrantes de uma comunidade ou grupo social.

Sugestão de aprofundamento

- O *Projeto Afro* reúne um acervo de arte feito por artistas negros e negras do Brasil em diferentes períodos: a cada semana, o projeto é alimentado com um novo artista. Disponível em: <<https://projetoafro.com>>. Acesso em: 8 maio 2021.

Técnicas da arte – Colagem

Habilidades: (EF15AR05), (EF15AR04)

A colagem é uma técnica que possibilita ampla experimentação. É ideal para ser trabalhada de modo combinado com linguagens bidimensionais tradicionalmente utilizadas com essa faixa etária, como o desenho e a pintura. Muitas crianças não desenhavam o que veem ou imaginam, mas sim como aprenderam que certos objetos devem ser desenhados. A colagem ajuda a desconstruir esse rigor em relação ao desenho e a crença de que há certo ou errado ao trabalhar as artes visuais.

É preciso, contudo, estar atento para que o procedimento da colagem não seja apenas “colocar um pedaço ao lado do outro”, de modo disperso na página. É preciso criar uma nova figura juntando as partes. Busque explorar a sobreposição, colando um pedaço sobre o outro. Por exemplo: no Livro do Estudante, na imagem *Gargalhando*, o efeito visual das asas é criado com a sobreposição entre as partes; o Sol ao fundo é também uma sobreposição. Na colagem, a sobreposição ajuda a criar a sensação de profundidade e as texturas auxiliam a consolidar formas mais complexas e visualmente interessantes.

Técnicas da arte

Colagem

- Uma colagem reúne elementos de várias imagens para formar uma imagem final única.

Pode ser feita com pedaços soltos de papel colorido, recortes de uma revista e até mesmo partes de uma fotografia.

A colagem a seguir, por exemplo, foi feita com pedaços de papel colorido recortados.



Adriano Catenzaro. *Gargalhando*. 2015.
Colagem manual de recortes de papéis sobre papel,
21 cm × 30 cm. Acervo do artista.

Nessa colagem, por exemplo, as partes recortadas em papel colorido formam um retrato de corpo inteiro.

O que é essa imagem?

A obra mostrada na página anterior se chama *Gargalhando*. Observe-a e responda às perguntas:



1. Na sua opinião, o que esse título da imagem quer dizer?
Resposta pessoal.
2. Como esse retrato foi feito?
O retrato foi feito com recortes e colagem de papéis.

Vamos fazer uma colagem?

Que tal experimentar a linguagem da colagem e voltar ao tema do retrato?

- 1 Você precisará dos seguintes materiais:
 - papel-cartão ou cartolina de qualquer cor para usar de base, papéis coloridos, páginas de revistas ou folhetos;
 - tesoura com pontas arredondadas;
 - cola líquida ou em bastão.
- 2 Você fará a colagem de uma figura sobre uma cartolina ou papel-cartão.
 - Com a ajuda do professor, escolha quais materiais serão recortados para fazer a colagem.
- 3 Antes de fazer a colagem, é preciso recortar com cuidado cada parte que formará a figura.
- 4 Distribua cada recorte sobre a folha.
 - Comece montando uma figura com os recortes. Eles só serão colados quando você decidir qual será a forma final da figura.
- 5 Comece colando as partes maiores, que ficarão no fundo, e, aos poucos, cole as partes menores e faça as sobreposições, tomando cuidado para a cola não escorrer.
- 6 Ao terminar, coloque a colagem para secar. Depois de seca, ela estará pronta! Aproveite e compartilhe o resultado com seus colegas.

69

O que é essa imagem?

Essa ilustração integra um livro intitulado *O gralha*, de autoria de Antônio Eder, Gian Dawdon e Leonardo Melo. Gralha é o nome de uma ave. O título cria um trocadilho entre esse nome e o verbo "gargalhar".

Orientações e comentários das atividades

1. Conte aos estudantes o que é uma gralha e indague-os sobre o que é "gargalhar". Explique a eles que, às vezes, fazemos jogos com palavras que podem ter mais de um significado. Antes disso, contudo, deixe um tempo para que tentem interpretar o título, a fim de que percebam que o título tende a fornecer informações valiosas sobre a imagem.

Vamos fazer uma colagem?

Roteiro de aula

Objetivo: Experimentar a colagem para produzir uma representação de pessoa ou animal.

Duração: 2 etapas de 45-50 min.

Materiais necessários: Papel-cartão ou cartolina para o fundo; papel colorido, revistas para colagem; tesoura, cola; saquinhos plásticos para guardar os recortes.

Observações: A turma poderá escolher representar – de corpo inteiro ou não – um animal, uma criatura fantástica ou uma pessoa qualquer. Lembre aos estudantes que um retrato sempre representa alguém. Ao propor a colagem ou fotomontagem, verifique se os materiais – tesoura e espessura do componente a ser recortado – são adequados para a faixa etária. Eles devem ser organizados com antecedência, já que a sua preparação ocupa um tempo da atividade.

Desenvolvimento:

Etapa 1. Distribua o papel de base, os papéis coloridos, revistas e a tesoura. Oriente a turma a cortar partes das imagens das revistas ou partes do papel colorido, preparando o conjunto do que os estudantes juntarão e colarão para formar uma nova figura. Estimule-os a imaginarem todas as partes que compõem a figura que representarão na colagem. Reserve os recortes em saquinhos com o nome de cada estudante.

Etapa 2: Depois de recortar as partes, eles deverão testar as combinações possíveis, até acharem uma forma final, que será fixada com a cola. Os estudantes deverão colar as partes, começando do fundo e, aos poucos, sobrepondo-as. Por fim, deixe as colagens secarem.

Avaliação: A turma deverá ser avaliada pelo empenho na criação da figura e na experimentação da técnica da colagem.

Vamos experimentar – Montando autorretratos com objetos cotidianos

Habilidades: (EF15AR05),
(EF15AR04)

Roteiro de aula

Objetivos: Elaborar um autorretrato por meio de um procedimento de montagem com objetos; desenvolver a percepção visual para a relação entre figura e fundo e para a combinação entre formas díspares.

Duração: 45-50 min.

Materiais necessários: Papel A3 e A4 de diversas cores; tesoura; sucata e penduricalhos (botões, lã, algodão, dados e miniaturas de brinquedos, colares, chaves, bolinhas de gude etc.)

Observações: Priorizar o uso de papéis coloridos que possibilitem aos estudantes identificarem-se com a cor de pele do retrato que realizam ou experimentar a criação de retratos com cores não correspondentes às de um corpo humano, como a verde ou a azul. Quanto maior o papel de base, maior a possibilidade de que os estudantes explorem as alternativas plásticas dos materiais. Se possível, produza um registro fotográfico dos autorretratos, a fim de documentar a produção de todos os estudantes. Fotografe tanto frontalmente como de modo angular.

Desenvolvimento: Organize-os em grupos de até quatro integrantes e disponha as mesas de modo que possam compartilhar os materiais. Distribua primeiro os papéis e a tesoura. Exemplifique como quer que eles estruturam o retrato. Quando terminarem de montar a base, recolha as tesouras e o excedente de papel.

Distribua a sucata e os penduricalhos entre as mesas. Peça aos estudantes que não desmontem o retrato ao terminarem a atividade e autorize-os a iniciarem a composição. Enquanto os estudantes produzem os seus autorretratos, documente com vídeo ou fotografia. Esse

Vamos experimentar

Montando autorretratos com objetos cotidianos

Veja nestas imagens a colagem de uma figura com vários objetos.



Etapas de uma colagem para elaboração de um retrato. Fotografias de 2021.

70

registro poderá ser retomado para avaliação da atividade ou para a produção de um memorial da prática pedagógica. Conforme os estudantes concluírem a atividade, faça uma fotografia frontal de cada retrato.

Avaliação: A turma deve ser avaliada pelo envolvimento na atividade e pela qualidade das soluções visuais criadas para se representar. Oriente os estudantes a falarem sobre as dificuldades que tiveram e as soluções que criaram para resolvê-las. O importante é que eles reconheçam de onde partiram, aonde chegaram e as escolhas que fizeram ao longo do percurso de criação e aprendizagem.

FOTOGRAFIAS: ALEXANDRE DOTTA

Reprodução proibida. Art. 18º do Código Penal e Lei 8.010 de 19 de fevereiro de 1998.



1. Que materiais foram usados na colagem mostrada nessas fotografias?

2. Como você montaria o seu autorretrato em uma colagem? *Respostas pessoais.*

- Para fazer seus olhos, você usaria algo grande como um CD ou pequeno como uma bola de gude? A sua orelha poderia ser uma chave? E o seu cabelo, seria feito de lã ou com bolinhas de algodão?

Vamos fazer um autorretrato?

1 Para fazer esta atividade, você precisará de:

- cartolina ou papel-cartão coloridos;
- sucatas, como tampinhas de garrafa e de potes, chaves antigas; bolas de gude, sementes, lã, bolas de algodão, entre outras.

O professor combinará com vocês como serão providenciados esses materiais.

2 Use a cartolina ou o papel-cartão para fazer um fundo para a colagem de seu autorretrato, como o que foi feito pelo artista na página anterior.

- Comece cortando a cartolina ou o papel-cartão no formato da sua cabeça.
- Você pode também recortar um pedaço de papel que será o seu pescoço e outro, de cor diferente, para ser os seus ombros e parte da sua roupa.
- A sua base está pronta.

3 Agora, é hora de fazer as diferentes partes do seu retrato:

- Você deverá pensar em como serão os olhos, a boca, o nariz, as orelhas e o cabelo.
- Para cada uma dessas partes, você deverá usar um dos materiais que trouxe, como a lã.

4 Com esses materiais, faça uma montagem sobre o papel de fundo e cole as peças. Não se esqueça de testar diferentes possibilidades até encontrar a combinação perfeita!

5 Quando terminar, mostre seu autorretrato para os colegas e veja o deles como ficou!

Vamos fazer um autorretrato?

Leia o texto da seção com os estudantes. Comente sobre as fotografias. Faça uma leitura de imagem, na qual eles possam enunciar quais objetos foram utilizados para fazer a imagem de referência. Destaque todas as peças usadas e o fundo onde elas foram coladas, o papel branco de fundo.

Orientações e comentários das atividades

2. Estimule os estudantes a imaginar conexões entre objetos cotidianos e sucatas com a forma dos elementos que compõem os rostos de seus autorretratos.

Capítulo 6 - A arte dá forma para as emoções

Habilidades: (EF15AR01),
(EF15AR13), (EF15AR17)

O capítulo dedica-se a aprofundar a percepção que os estudantes têm da subjetividade que envolve o fazer artístico, ou seja, das emoções e sentimentos. Os estudantes serão estimulados a perceber como a arte ajuda a elaborar e a representar as suas emoções. Por meio de referências de artistas que utilizam o fantástico e o surreal como caminhos da criação e do conhecimento, a turma é convidada a perceber o papel da arte na formação da sua sensibilidade.

A ilustração do trecho do livro *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas* aproxima as artes visuais, a animação e a música do universo da literatura infantil. De modo interdisciplinar, a narrativa, que convida a adentrar o universo do fantástico, introduz o capítulo partindo de uma experiência emocional comum a muitas crianças dessa faixa etária: o medo do escuro. Mobiliza, assim, o repertório emocional dos estudantes e trabalha as habilidades socioemocionais, já que revela para eles que um medo íntimo, que poderia ser motivo para vergonha, é um tema que pode ser acolhido e discutido coletivamente com respeito.

Professor, por meio do livro animado, é possível fazer conexões entre as linguagens da música e das artes visuais, estimulando, ademais, a relação com a leitura. Com o livro animado, o artista Emicida cria um novo emprego para a linguagem musical no cotidiano infantil, experimentando uma gama de sonoridades que simbolizam o ambiente doméstico e tematizam o medo do escuro.

CAPÍTULO

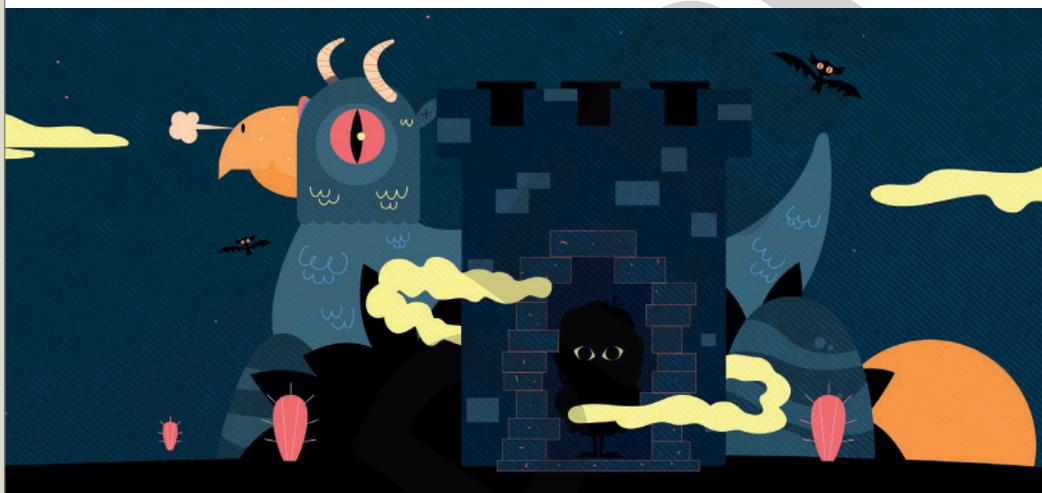
6

A arte dá forma para as emoções

O que se esconde na noite escura?

Esta imagem mostra um trecho do livro *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*, do rapper Emicida.

Ora, será possível sermos amigos da escuridão?



Cena do livro animado de Emicida, *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QmWdk1G9_Gc>. Acesso em: 13 ago. 2021.

CEIMA DO LIVRO INFANTIL "E FOI ASSIM QUE EU E A ESCURIDÃO FICAMOS AMIGAS" EM VERSÃO ANIMADA. TEXTO POR EMICIDA. ILUSTRAÇÃO POR ALDO FABRINI. PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO DA COMPANHIA DAS LETRINHAS

O que é essa imagem?

Respostas pessoais.



1. Que criaturas você vê na imagem?

Uma criança parece estar ao lado de um ser fantástico, fugindo de um raio de luz.

2. Será dia ou noite? Explique como conseguiu descobrir.

A imagem representa uma paisagem noturna.

3. É possível ter medo e ao mesmo tempo ser corajoso?

4. Quem é a pessoa mais corajosa que você conhece?

72

O que é essa imagem?

Orientações e comentários das atividades

3. A pergunta induz à percepção de que as pessoas corajosas também sentem medo. Os estudantes devem aprender que a pessoa corajosa é aquela que sente medo, mas que o enfrenta.

4. Deixe que enunciem as suas referências. Eles devem sentir-se pessoalmente envolvidos pela discussão.

 Existem muitas coisas sobre nós que ninguém sabe. Somente nós mesmos sabemos do que gostamos, com o que sonhamos e do que temos medo.

A arte pode mostrar como nós somos por fora, mas também revelar como nos sentimos por dentro!

O livro do *rapper* Emicida conta a história de uma criança que tinha medo da escuridão, mas conta também que a escuridão tinha medo da criança. Aos poucos, a criança e a escuridão superam o medo uma da outra e se tornam valentes! Assim, elas aprendem a conviver.

A arte é um modo de entendermos as nossas emoções e de aprendermos a enfrentá-las.

 1. Se você fizesse um autorretrato baseado em um sentimento seu, qual seria?

Resposta pessoal.

2. Quais são as emoções mais presentes no seu dia a dia?

Resposta pessoal.

3. Quais cores você usaria para fazer um autorretrato em um dia alegre?

Resposta pessoal.

4. Por que você utilizaria essas cores?

Resposta pessoal.

As respostas podem apresentar as emoções que cada cor evoca para os estudantes. Podem, ainda, vincular-se a uma memória afetiva pessoal de cada criança. Explore este conteúdo para que as crianças identifiquem que as emoções podem ser expressas de muitas formas por meio de uma imagem.

Ler com o estudante

Leia a passagem com os estudantes. Se possível, apresente a eles a versão animada do livro. Aproveite para elucidar dúvidas deles em relação ao vocabulário. Identifique os principais elementos da narrativa de Emicida, de modo a verificar se a turma tem boa compreensão do texto. Depois, questione os estudantes a respeito das relações que cada um faz com a narrativa do livro e a própria vida. Algumas perguntas que vale a pena fazer são: Do que você tem mais medo? Você acha que algum animal ou pessoa tem medo de você? Por quê? O que é ser valente? Você já aprendeu a conviver com algum medo seu? Se aprendeu, como foi?

Orientações e comentários das atividades

1. A pergunta é um convite a filtrar as próprias emoções e à exposição da subjetividade entre amigos e em ambientes seguros: a sala de aula e o livro.
2. Exemplifique: medo, ansiedade, paciência, tristeza, alegria, saudade. A pergunta convida os estudantes a refletirem sobre o modo como se sentem, treinando a habilidade de nomear os sentimentos, o que ajuda a lidar com eles. Esse é um passo importante para lidar com a representação das emoções por meio da arte.

A arte aproxima as pessoas

Habilidade: (EF15AR01)

Aqui é introduzida a noção de inconsciente, reconhecendo-se que a arte é um caminho para trabalhar a nossa subjetividade e para aprender a lidar com aquilo que não dominamos, como os sonhos.

A imagem de René Magritte apresenta o tema da arte surreal, ou da arte que busca traduzir os elementos do inconsciente, antecipando a atividade da seção ZAZ. Se necessário, busque outras obras de artistas surrealistas para exacerbarmos o argumento deste capítulo: o de que a arte pode revelar as nossas emoções mais secretas e nos ajudar a lidar com elas.

O que é essa imagem?

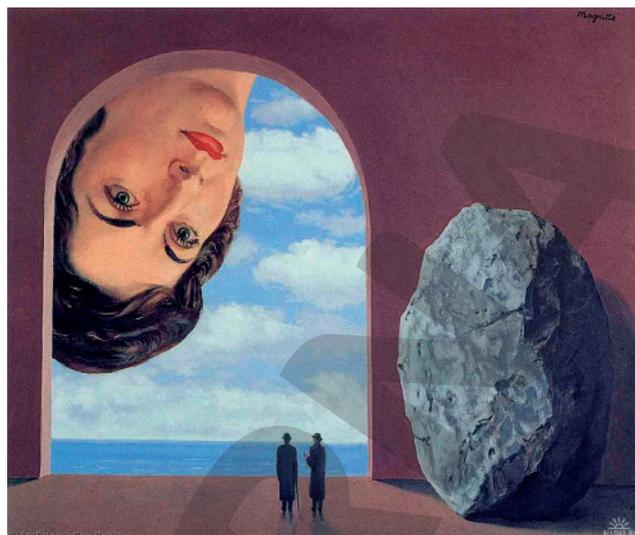
Orientações e comentários das atividades

1. A turma deve interpretar os elementos que compõem o cenário. Não existe uma resposta correta, mas os estudantes poderão criar hipóteses a partir da interpretação do mar, do arco e da pedra. Pode ser uma construção à beira da praia ou uma caverna.
2. Eles devem imaginar que algo está acontecendo, percebendo que a conversa substitui uma ação corporal na cena, apesar de os homens estarem parados.
3. Leve a turma a se identificar com a mulher: assim como ela observa os dois homens e parece tentar descobrir sobre o que estão conversando, eles também os observam com a mesma intenção. Devem notar que, ao observar uma obra de arte, o olhar tem um papel ativo e investigativo e a imaginação cumpre uma função importante nessa interpretação.
4. Eles devem transpor a curiosidade em relação à cena para o seu próprio cotidiano, de modo a conceber que o interesse e a interpretação sobre as imagens artísticas também estão presentes em relação às pessoas e aos objetos do seu cotidiano.

A arte aproxima as pessoas

Observe o que está acontecendo na cena. Ela apresenta um acontecimento misterioso e inesperado.

René Magritte. *Retrato de Stephy Langui*. 1961. Óleo sobre tela, 50 cm × 60 cm. Coleção particular.



© PHOTO THÉRIE F. MAGRITTE, MAGRITTE, RENÉ/AUTVIS, BRASIL, 2021 - COLEÇÃO PARTICULAR

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1993.

O que é essa imagem?

Respostas pessoais.

1. Que lugar é esse?
2. O que você acha que os dois homens estão conversando?
3. Quem pode ser a mulher na imagem e o que ela está fazendo?
4. Se você pudesse ser uma mosca para entrar em qualquer lugar e ouvir qualquer conversa, aonde iria? Por quê?

Muitas vezes, nós tentamos criar um sentido para as imagens que vemos. Nós nos perguntamos: que sensação essa imagem nos dá? O que essas cores nos fazem sentir? O que o artista tentou nos contar com essa imagem? Nós podemos interpretar o que está acontecendo nessa imagem, mas jamais saberemos se estamos certos ou errados.

Essa pintura foi feita por um artista surrealista, que tentava representar as imagens do inconsciente.

O inconsciente é um lugar da nossa mente onde são produzidos os sonhos. É lá que os nossos desejos e medos estão escondidos!

74

Dica

O filme *Divertida Mente* personifica as emoções Alegria, Tristeza, Medo, Raiva e Nojinho e apresenta de modo lúdico o funcionamento da nossa mente, sob um ponto de vista adequado para as crianças. Assista ao *trailer*, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ispem7g4zfy>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

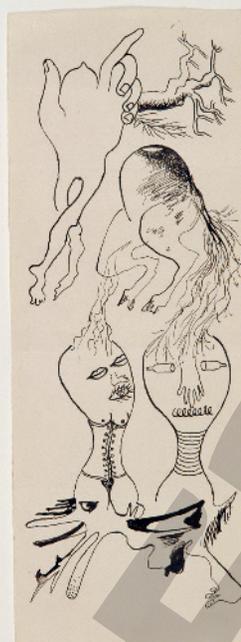
Desenhando um animal fantástico

Fazer um desenho sozinho não é fácil. Imagine então como será desenhar junto.

Vamos testar e desenhar um animal fantástico em trios?

Você precisará apenas de lápis de cor.

- 1 Junte-se a mais dois colegas, formando um trio.
- 2 Imagine como é o seu animal fantástico.
 - Ele tem pelos, penas ou é careca?
 - Ele tem garras, patas, asas ou escamas de peixe?
 - Quantos olhos ele têm?
- 3 Agora imagine como seria dividi-lo em três partes.
 - Primeiro, como seria a cabeça dele?
 - Depois, o tronco, como seria?
O tronco é onde ficam os braços, o peito e a barriga.
 - Por fim, como seriam as pernas e os pés?
- 4 Cada um de vocês desenha a cabeça do seu animal fantástico no próprio livro (na página 76). O desenho deve começar e terminar nas linhas pontilhadas.
- 5 Troquem os livros entre si e desenhe o tronco no livro que recebeu, unindo a linha pontilhada de cima à linha pontilhada de baixo.
- 6 Troquem novamente os livros para desenhar as pernas e os pés. Desse modo, cada membro do trio desenhará uma parte do seu animal fantástico em um livro diferente.
- 7 Finalizem pegando, cada um, de volta o seu livro e observando o resultado.



Eileen Agar. *Cadáver esquisito*. ca. 1939. Caneta e tinta sobre papel, 22 cm × 9 cm. Coleção particular.

ESTATE OF EILEEN AGAR/BRIDGEMAN IMAGES/KEystone BRASIL - COLEÇÃO PARTICULAR

ZAZ – Desenhando um animal fantástico

Habilidade: (EF15AR05)

Roteiro de aula

Objetivos: Produzir um desenho em trios, explorando a dimensão lúdica da atividade. Desenvolver a capacidade criativa em sua dimensão coletiva e colaborativa.

Duração: 45-50 min.

Material necessário: Lápis de cor.

Observações: A turma deverá ser alertada para o fato de que os colegas farão intervenções em seu livro. A sugestão de tema, “animais fantásticos”, antecipa o trabalho da unidade posterior, que envolve a criação de personagens e a imaginação orientada para o fantástico. O tema pode ser substituído por um retrato dos colegas que envolva a interpretação das características físicas e da personalidade deles.

Desenvolvimento: Organize os estudantes em trios, dispondo as carteiras alinhadas lado a lado.

Informe-os de que realizarão uma atividade colaborativa, produzindo um desenho no próprio livro didático, e que para isso será importante seguir à risca suas orientações, passo a passo, como se fosse uma brincadeira que tem regras.

Professor, essa técnica é baseada no *Poema esquisito*, método desenvolvido pelos artistas e poetas surrealistas para compor imagens e poesias coletivamente, explorando os pontos de conexão e sincronicidade da imaginação de cada participante. É um método para estimular o trabalho coletivo, desenvolver a confiança em si e no outro e diluir a noção de autoria que envolve o fazer artístico, em nome de novas experiências de criação e interação. É uma oportunidade para que os estudantes se desapeguem da ideia de que “o que eu faço é meu” e experimentem um modo mais integrado, colaborativo e solidário de criação artística.

ZAZ – Desenhando um animal fantástico

Produza um exemplo na lousa para exemplificar as etapas da atividade. Os estudantes deverão compreender que precisam se limitar, a cada etapa, a desenhar uma parte do animal fantástico: primeiro a cabeça, depois o tronco e, por fim, pernas e pés.

Demarque um tempo de até 8 minutos para que eles desenhem cada etapa. Esse tempo não precisa ser enunciado, para que não se sintam pressionados e não se distraiam do seu objetivo criador em função dessa orientação. Serve apenas para a sua organização.

Peça aos estudantes que imaginem como será o seu animal fantástico, seguindo as orientações do Livro do Estudante. Independentemente do desenho feito pelos colegas, eles devem continuar desenhando os seus próprios animais fantásticos do jeito que o imaginaram.

Comece a produção. Fique atento, pois cada etapa deverá ser iniciada e finalizada por toda a turma ao mesmo tempo.

- Na primeira etapa, cada estudante começará desenhando a cabeça do seu animal fantástico no próprio livro didático. O desenho deve começar e terminar nas linhas pontilhadas.
- Concluída a primeira etapa, os trios devem trocar os livros para continuar o desenho no livro do colega. Agora, eles farão o tronco, unindo a linha pontilhada de cima à linha pontilhada de baixo. Chame a atenção deles, demonstrando como o tronco deve estar ligado à cabeça e aos pés na altura exata das linhas. Se necessário, exemplifique a etapa na lousa.
- Na terceira etapa, os estudantes trocarão novamente os livros. No livro do terceiro colega, eles desenharão as pernas e os pés.

Ao finalizar, peça-lhes que cada um pegue de volta o seu livro didático e observe o resultado.

ZAZ

Para desenhar, siga a divisão das linhas pontilhadas a seguir. Lembre-se de que o desenho será dividido em cabeça, tronco e, por fim, pernas e pés.

Cabeça

Tronco

Pernas e pés

Depois que terminarem o desenho, conversem com os demais colegas e o professor:

- Seu animal fantástico ficou como você tinha imaginado?

76

Avaliação: Os estudantes deverão ser avaliados pela sua integração, esforço criativo e disponibilidade para a atividade. A sua resposta à atividade está diretamente associada ao cuidado na orientação e organização dela. É incomum que os colegas possam fazer inferências nos livros didáticos ou nos desenhos uns dos outros. Por isso, é importante que sintam confiança na atividade e que se reconheçam como um grupo que vai criar e experimentar junto, para que não se sintam invadidos ou desrespeitados pelas intervenções gráficas dos colegas.

“O nome do medo”

Uma artista brasileira e um *designer* de moda fizeram um projeto em colaboração com crianças chamado *O nome do medo*. Eles convidaram crianças para desenhar aquilo de que sentem medo. Depois, esses desenhos foram transformados em capas para serem vestidas! Veja, nas fotografias, duas das capas criadas.



Capas criadas por crianças. Rivane Neuenschwander e Guto Carvalhoneto. *O nome do medo*. Rio de Janeiro (RJ). Fotografia de 2017.

É muito difícil nomear os nossos medos. Nós sentimos vergonha de falar sobre isso. Só de pensar, sentimos mais medo!

Porém, ao desenhar o nosso medo, nós começamos a entendê-lo.

Quase sem percebermos, ele se transforma em outra coisa.

A arte nos ajuda a entender as nossas emoções. Nós não podemos controlar as emoções, mas podemos tentar conhecê-las e escolher como vamos reagir a elas.



1. Do que você tem medo? **Respostas pessoais.**
2. Faz muito tempo que você tem esse medo?
3. Se o seu medo fosse para bem longe para nunca mais voltar, para onde ele iria?

ZUM! – “O nome do medo”

Habilidade: (EF15AR01)

Rivane Neuenschwander, artista mineira, realiza uma série de trabalhos que mesclam a ludicidade ao universo da psicanálise. Na obra *O nome do medo*, ela trabalhou em colaboração com crianças, assistida por professores e educadores com os quais elas já tinham vínculo. Primeiro, fazia-se um exercício de mapear o medo de cada criança e fantasiar como é esse medo imageticamente. Depois, o medo era desenhado. Por fim, esse desenho era usado como referência para a criação de uma fantasia, elaborada com material simples, como TNT e papel-alumínio, entre outros.

Esse trabalho explora uma característica própria da arte, correlata à psicanálise, que é nomear ou representar as emoções como um processo de observação de si mesmo e de criação. Na medida em que tentam representar as emoções, elas são transformadas e ressignificadas. Nem sempre essas emoções são de fácil trato, podendo despertar sensações negativas e reações exacerbadas. Por isso, exige muita responsabilidade, cuidado e acolhimento das pessoas responsáveis por sua aplicação.

O objetivo desse exemplo é que os estudantes aprofundem a compreensão de que a autorrepresentação não trata apenas da sua imagem externa, mas também da exposição de suas emoções.

Orientações e comentários das atividades

1. Professor, muitas crianças tratarão o tema de modo bem-humorado, mas algumas poderão enunciar memórias ou situações íntimas, sérias e graves. Por isso, não force a exposição dessas crianças para que se sintam acolhidas por você caso exponham algum tema que as faça sentir vergonha, tristeza ou outros sentimentos aflitivos. Dilua as colocações individuais, lançando-as como um tema de reflexão coletiva, e para conversar de modo reservado e acolhedor com estudantes que exponham questões que exijam mais atenção.
2. Os estudantes devem deslocar a percepção sobre o efeito que o medo produz.
3. Continuação do exercício de inversão da relação apontada na questão anterior.

Vamos experimentar – Criando um *pop-up*

Habilidades: (EF15AR05), (EF15AR04)

Roteiro de aula

Objetivo: Criar um cartão com a técnica *pop-up*.

Duração: 2 aulas de 45-50 min.

Materiais necessários: 2 folhas de papel grosso, de alta gramatura, tipo *Colorplus* ou *Canson*, tesoura, cola, lápis de cor, giz de cera ou canetinhas hidrográficas.

Observações: Verifique na biblioteca da escola se há livros *pop-up*, que poderão ser utilizados para introduzir a atividade. Explique aos estudantes a expressão “saltar aos olhos”. Significa trazer à percepção, dar destaque a algo. A expressão introduz figuradamente a função do recurso *pop-up* em livros infantis: fazer as imagens saltarem do plano bidimensional, isto é, da página, para o plano tridimensional, para o espaço. A tradução literal do termo *pop-up* é “aparecer”. É um recurso usado nos livros, mas também na internet, para as janelas de divulgação que abrem automaticamente quando acessamos um *website*.

Desenvolvimento:

Etapa 1. Na primeira aula, apresente exemplos do que é a técnica *pop-up*. Utilize as imagens do livro como referência. Indague os estudantes sobre o que eles gostariam de encontrar em um livro *pop-up*. Apresente a eles a proposta de criar um cartão, que será dedicado a alguém especial e que dará a eles a oportunidade de aprender um modo de aplicar a técnica *pop-up*.

Em primeiro lugar, proponha aos estudantes que escolham em silêncio alguém que querem presentear com o cartão. Em segundo lugar, peça-lhes que escolham o cenário que querem representar no cartão *pop-up* e que pensem em uma razão para isso: O que esse cenário tem a ver com a pessoa que cada um deles vai presentear? Estimule a escolha de um cenário que represente a conexão entre cada estudante e

Vamos experimentar

Criando um *pop-up*

Veja nesta fotografia um livro em que algumas imagens saltam do papel quando viramos as páginas.



Tina Kraus. *Circus Zingaro: a pop-up book*. Fotografia de 2017.

A arte faz saltar aos olhos aquilo que vemos e sentimos. Os livros também! Existe um tipo de livro chamado **livro *pop-up***. É um livro em que algumas imagens saltam do papel quando viramos as páginas.

- Imagine-se fazendo um livro *pop-up* do qual saltam coisas importantes para você. O que você colocaria no livro?

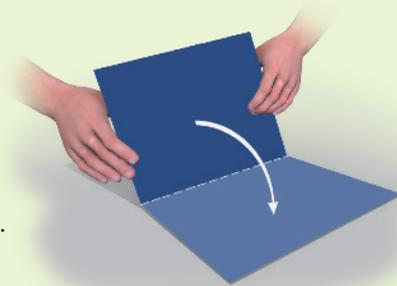
Vamos fazer um cartão para alguém especial com a técnica do *pop-up*! O professor ajudará a organizar os materiais.

Você precisará de:

- canetinhas, giz de cera ou lápis de cor, folhas de um papel grosso, tesoura de pontas arredondadas e cola.

Como fazer:

- 1 Comece pegando duas folhas de papel. Dobre uma das folhas ao meio.



78

as pessoas que eles pretendem presentear com o cartão. A ideia é que associem um meio à construção do afeto que os conecta a essa pessoa. Por isso é dado destaque à escola e à casa. Por fim, peça aos estudantes que decidam cuidadosamente que objetos querem que saltem do papel. Indague-os sobre o que esses objetos representam na sua relação com a pessoa que será presenteadada.

Feito isso, distribua a primeira folha de papel, se possível, já dobrada. Os estudantes precisarão dos lápis de cor, giz de cera ou canetinhas. Recomende que eles abram as folhas e que desenhem o cenário no formato de “retrato”, assim como no exemplo da fotografia. Até o final da aula, os estudantes deverão terminar.

Ao final da aula, recolha os materiais e o papel.

- 2** Na parte de dentro, desenhe um cenário para o seu cartão. Pode ser a escola, a sua casa ou qualquer outro lugar do qual você goste.

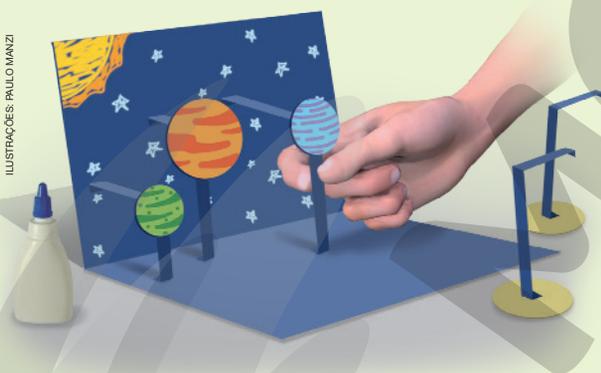


- 3** Na outra folha, desenhe três ou quatro objetos que existem nesse lugar. Você pode desenhar o que quiser: uma bola de futebol, o seu gato ou cachorro, os seus amigos, familiares ou as estrelas do céu.

- 4** Recorte essas figuras acompanhando o seu contorno.

- 5** Corte algumas tiras grossas de papel que prenderão essa figura em dois lados do seu cartão.

- 6** Com a ajuda do professor, cole as figuras nessas tiras de papel e, depois, cole as tiras no seu cartão. Está pronto!



- 7** Para finalizar, você pode escrever uma dedicatória para a pessoa que receberá o seu cartão.

Etapa 2. Na segunda aula, redistribua o papel já desenhado e o novo papel. Os estudantes precisarão do lápis de cor, giz de cera ou canetinha, assim como da tesoura e da cola. Eles deverão desenhar três ou quatro objetos que vão saltar do cenário desenhado na aula anterior. Ao concluir os desenhos, devem cortá-los e reservá-los.

Para montar o *pop-up*, os estudantes precisarão usar a sobra do papel para cortar em tiras, que serão usadas para prender os objetos no cartão, assim como no exemplo da fotografia.

Com a sua ajuda devem dobrar e colar as fitas em ambas as páginas do papel dobrado. Para facilitar, peça-lhes que ajudem uns aos outros. Enquanto o primeiro segura uma das páginas na posição vertical, formando um ângulo de 90 graus, o outro cola as tiras. Deixe secar por alguns minutos. Para testar se funcionam, deve-se abrir e fechar o cartão.

Depois de colar as tiras, os objetos recortados serão colados nelas, assim como no exemplo da fotografia. Deixe secar por alguns minutos. No final, as crianças poderão escrever uma dedicatória para a pessoa que receberá o cartão. Ela poderá ser escrita na parte de dentro ou de fora do cartão.

Avaliação: Os estudantes deverão ser capazes de escolher e representar um cenário e objetos que os conectem às pessoas que vão presentear com o cartão. Devem perceber que a sua criação artística cria conexão entre eles e as demais pessoas e fortalece o vínculo afetivo. Eles poderão ser avaliados pelo empenho em desenvolver a atividade e pela colaboração com os colegas na elaboração das etapas.

Dica

- Existem diversos vídeos na internet que apresentam o que são e como fazer livros *pop-up*. A autora por trás do canal de vídeos *A cigarra e a formiga*, dedicado à literatura infantil, produziu uma edição especial para os livros *pop-up*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AJTgSLfNqNM>>. Acesso em: 8 maio 2021.

Artes integradas – Uma fantasia com as nossas caretas!

Habilidade: (EF15AR04)

A proposta de *Artes integradas* desta unidade é um desdobramento do trabalho *O nome do medo*, apresentado na seção ZUM! Consiste em traduzir uma careta em uma pintura de grande escala, sobre uma base de papel que possa ser vestida. Mesclam-se, assim, as técnicas da pintura e da modelagem com o exercício de autorrepresentação. A careta é um exercício expressivo da fisionomia que transgride o gênero do retrato para que os estudantes explorem a própria imagem criativamente.

O que é essa imagem?

Orientações e comentários das atividades

2. Professor, deixe as crianças interpretarem livremente. A imagem corresponde a uma fantasia de mosquito. Essa criança, portanto, tinha medo de mosquito.
4. Explore essa questão de modo a instigar os estudantes para a atividade a seguir, da seção *Processo de criação*.

Artes integradas

Uma fantasia com as nossas caretas!

A criança da fotografia buscou, em um desenho, representar o seu próprio medo. Seu desenho tornou-se, depois, uma capa que ela vestiu.

Essa capa faz parte do trabalho *O nome do medo*. Ela representa o medo. Há muitas outras emoções que podemos trabalhar com a arte, como a alegria, a tristeza, a raiva e a saudade.

Rivane Neuenschwander e
Guto Carvalhoneto. *O nome do medo*.
Rio de Janeiro (RJ). Fotografia de 2017.



O que é essa imagem?

Respostas pessoais.

1. Como é a capa criada com base no desenho da criança?
2. Que medo você acha que essa capa representa?
3. Como você acha que ela foi feita? Quais materiais podem ter sido usados para fazer a capa?
4. Que capa você gostaria de usar?

O que é uma careta? Uma careta pode ser assustadora? Pode ser engraçada? Pode ser esquisita? **Respostas pessoais.**

1. O que as suas caretas contam sobre você?
2. Como as pessoas reagem com você quando você faz uma careta?

Uma careta pode ser um modo divertido de mudar a sua imagem. As caretas nos ensinam a rir de nós mesmos e a criar a partir da nossa imagem e corpo. A careta pode ser bem-humorada!

A arte pode ser usada para expressar as emoções que você quiser. A arte ajuda a mostrar quem você é do seu jeito.

80

Orientações e comentários das atividades

1. Exemplifique fazendo caretas e interpretando-as. Conte uma história curta sobre uma ou mais caretas ou descreva o humor ou a personalidade por trás de cada careta. Isso romperá a hierarquia na sala de aula e deixará os estudantes mais à vontade para mergulharem na proposta da seção *Processo de criação*.
2. A turma deve interpretar as reações que a careta provoca, como o riso ou o medo.

PROCESSO DE CRIAÇÃO

Vamos transformar a sua careta preferida em uma fantasia para vestir!

O professor organizará os materiais a ser usados.

Você precisará de:

- papel *kraft* ou estopa; pode ser usado também TNT ou outro tecido;
- tesoura de pontas arredondadas;
- cola, fita adesiva dupla-face ou grampeador;
- pincéis largos achatados;
- tinta acrílica ou tinta para tecido de cor variada.

Como fazer:

- 1 Comece moldando no seu corpo uma base para a fantasia. Pode ser em papel ou tecido.
 - Essa base deve cobrir igualmente a parte da frente e de trás do seu corpo.
- 2 Com uma tesoura, recorte a saída da cabeça e dos braços. Cole a lateral, mais ou menos como se fosse uma camiseta.
- 3 Agora, você pintará a sua careta preferida sobre essa base. Para isso, precisa entender muito bem como é essa careta.
 - Como é a sua careta preferida? Como ficam os seus olhos quando você faz essa careta? E a sua boca? O que você quer expressar ao fazer essa careta?
- 4 Agora é hora de pintar sobre a base. Lembre-se de que essa base recobre o seu corpo inteiro, assim como na fotografia. Por isso, cada detalhe da sua careta deve ser pintado bem grande!
- 5 Quando terminar de pintar, deixe secar por alguns minutos. Quando secar, a sua fantasia de careta estará pronta para ser vestida!



Rivane Neuenschwander e Guto Carvalhoneto. *O nome do medo*. Rio de Janeiro (RJ). Fotografia de 2017.

Observações: Conforme o material disponível, o modo de atar as laterais da fantasia poderá variar. Priorize tintas resistentes, como as tintas de tecido, para que a pintura não fique craquelada quando for usada.

Desenvolvimento:

Etapa 1. A atividade deverá ser realizada em um lugar amplo, a fim de que a turma tenha espaço para fazer a modelagem. Organize os estudantes em duplas. Cada um deverá receber um pedaço de papel ou tecido, de modo a cobrir a parte da frente e de trás de seu corpo. As duplas servirão para que eles se ajudem durante a tarefa.

Cada um deverá dobrar o papel ao meio, como se fosse moldar uma grande camiseta, e cortar um buraco no papel para a passagem dos braços e da cabeça. Depois, as laterais serão fixadas com cola, fita adesiva ou um grampeador manipulado por você.

No final da aula, quando as peças estiverem modeladas, solicite-lhes que escrevam o nome deles na parte interna das fantasias e recolha-as.

Etapa 2: Volte para o mesmo espaço amplo e redistribua a modelagem de cada um. Peça às duplas que se reúnam e conversem sobre a careta a ser desenhada. Eles devem se ajudar a elaborá-la.

Enquanto treinam as caretas, distribua os potes de tinta e pincéis. Oriente-os a imaginar como será a careta quando ocupar toda a extensão de uma das laterais da base de papel ou tecido. Use como exemplo a fotografia da obra *O nome do medo* no Livro do Estudante.

Orientie-os a começar a pintura; a construir cada elemento com linha, contorno, e a preencher cada parte com uma cor, dando mais vibração e contraste para a careta.

No final, deixe as fantasias secando. Guarde-as para serem vestidas na aula seguinte ou em uma ocasião especial que a própria turma escolha.

Avaliação: Eles poderão ser avaliados pelo envolvimento na atividade, pela capacidade de trabalhar em grupo, de seguir as orientações e de se organizar a cada etapa.

Processo de criação

Habilidade: (EF15AR05)

Roteiro de aula

Objetivos: Criar uma fantasia de papel; traduzir a linguagem da pintura para a modelagem de uma peça que possa ser vestida; experimentar outros modos de se autorrepresentar.

Duração: 2 aulas de 45-50 min.

Materiais necessários: Papel *kraft*, estopa, TNT ou outro tecido de valor acessível; tesoura; cola, fita adesiva dupla-face ou grampeador; pincéis largos achatados; tinta acrílica ou para tecido de cor variada.

Criar e Refletir

Avaliação de processo

Habilidade: (EF15AR06)

Criar

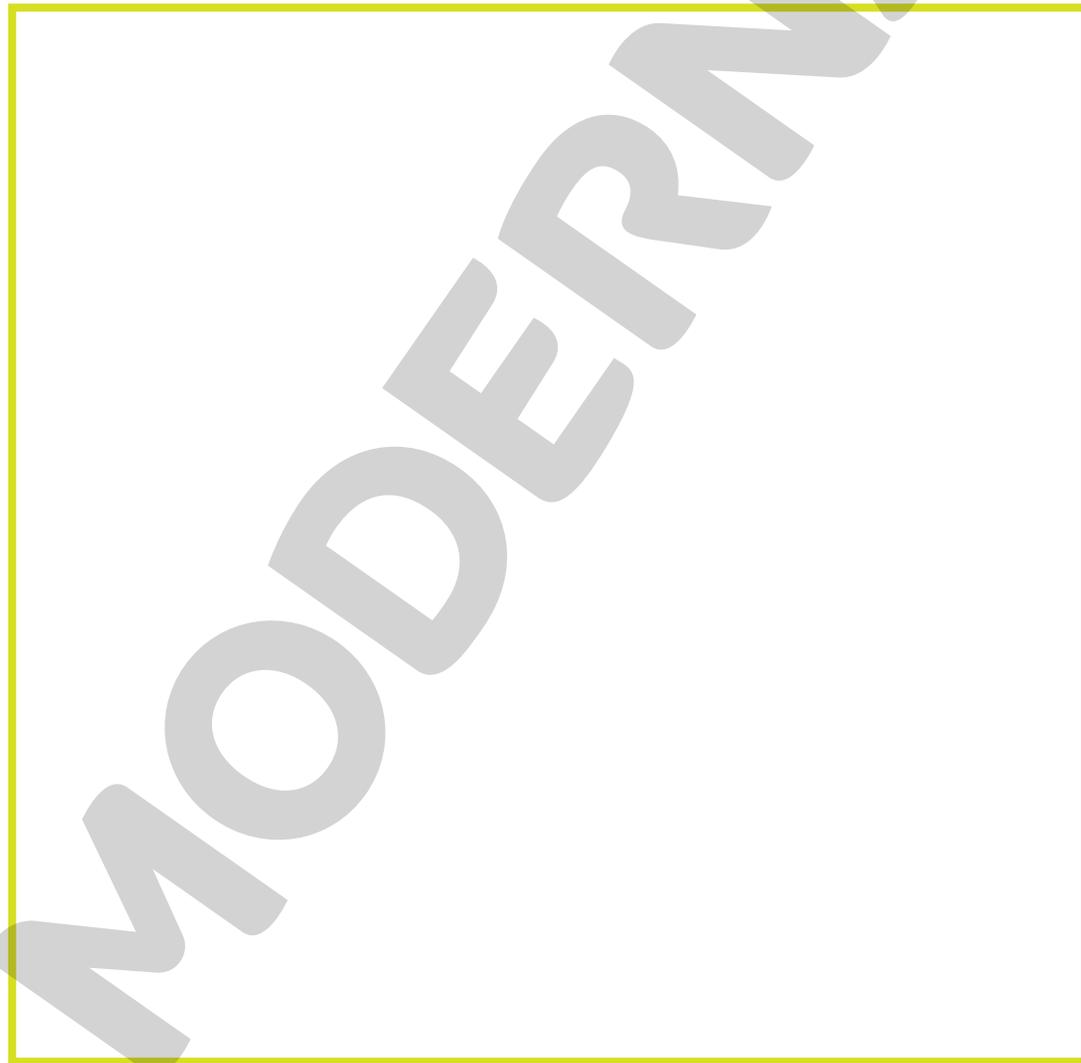
Neste momento, a turma deverá refazer o percurso de aprendizagem da unidade como meio de realizar uma avaliação desse processo. O desenho proposto é um modo de mapear como os estudantes fixaram os conteúdos trabalhados.



Criar

As artes visuais nos ajudam a nos representar por fora e por dentro, a representar a nossa imagem e as nossas emoções!

Faça um desenho que represente você e seus colegas em um momento alegre.



Refletir

- Converse com os colegas e relembre o que aprendeu sobre o que são retratos e autorretratos.

As pessoas com as quais convivemos nos ajudam a ser quem somos e a perceber que cada um de nós é parte de uma comunidade.

A arte nos ajuda a representar e a trabalhar as nossas emoções, que são partes importantes de cada um de nós.

Refletir

A etapa posterior envolve falar sobre o que foi desenhado e ouvir o que os colegas têm a apresentar. Fique atento ao modo como os estudantes escolhem apresentar o seu percurso de aprendizagem e a quais pontos foram fixados por eles. Se preciso, relembre-os de outros conteúdos trabalhados. A unidade foi inteiramente focada na autorrepresentação, a partir do retrato, do autorretrato, das emoções, e da percepção de si em relação ao meio e ao grupo. Por isso, cuide para que todos sejam respeitados de acordo com suas colocações, já que são conteúdos intimamente vinculados à percepção de si e ao desafiador exercício de se apresentar diante dos colegas.

Conclusão

Ao longo da unidade, os estudantes foram apresentados a diversos suportes artísticos – pintura, bordado, colagem, livro animado, *performance* etc. Por meio deles, aprenderam a identificar diferentes tratamentos dados ao tema *retrato*, que tem características peculiares em cada época. A arte foi trabalhada como um recurso para que os estudantes se compreendessem em meio à coletividade, mas com atenção às singularidades que compõem a sua imagem, relações interpessoais e emoções. Desde o fomento às representações positivas das ditas minorias étnicas até o exercício de trabalhar com humor as emoções como o medo, o estudante foi gradativamente instigado a adquirir confiança em si mesmo para experimentar a autorrepresentação artística, aprendendo a apresentar-se, inventar-se e a olhar, escutar e acolher com respeito aquilo que os colegas têm para compartilhar de si também.

FICHAS DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM SUGERIDAS

FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO – ESTUDANTE

Todos os itens devem ser previamente combinados e, posteriormente, discutidos com cada estudante.

3º BIMESTRE – UNIDADE 3 FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

Nome: _____ Ano: _____ Bimestre: _____

1. Observei os elementos presentes nas imagens de acordo com as orientações que recebi.

Sempre Às vezes Não

2. Há obras de arte que fazem as pessoas refletirem sobre si mesmas.

Algumas Todas Nenhuma

3. Utilizei as práticas de arte para expressar minhas emoções e meus sentimentos.

Sim Às vezes Não

4. Realizei as etapas das práticas sem dificuldades.

Sempre Às vezes Não

5. Durante as atividades, aceitei as opiniões e ideias dos colegas que foram diferentes das minhas.

Sim Às vezes Não

6. Compartilhei com meus familiares o que aprendi na escola.

Sim Às vezes Não

7. Conte o que mais gostou de aprender nos estudos desta unidade. Explique por quê.

FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM

3º BIMESTRE – UNIDADE 3

O registro na ficha de acompanhamento poderá ser feito de acordo com a legenda a seguir.

A legenda indica o nível de aprendizagem em relação ao desenvolvimento das habilidades da BNCC para o ano escolar.

D – habilidade desenvolvida satisfatoriamente

PD – habilidade em processo de desenvolvimento

ND – habilidade não desenvolvida minimamente, ficando apenas no nível de conhecimentos prévios

HABILIDADES

(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).

(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

(EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

(EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.

ESTUDANTES	(EF15AR01)	(EF15AR02)	(EF15AR03)	(EF15AR04)	(EF15AR05)	(EF15AR06)	(EF15AR13)	(EF15AR17)
1.								
2.								
3.								
4.								
5.								
6.								
7.								
8.								
9.								
10.								
11.								
12.								
13.								
14.								
15.								
16.								
17.								
18.								
19.								
20.								

UNIDADE 4 – E SE EU FOSSE?

Introdução à Unidade 4

A unidade parte do pressuposto de que a brincadeira de “faz de conta” (ou, como chamamos aqui, “E se eu fosse?”), em geral muito presente no cotidiano dos estudantes, pode ser uma das maneiras interessantes e eficazes de introduzir alguns aspectos elementares da linguagem teatral em sala de aula. É comum que crianças de todas as idades gostem de brincar de ser outro: desde “super-heróis” a “casinha”, chegando mesmo a brincadeiras teatrais, com uma forte dose de formalização da apresentação (brincar de montar uma peça de teatro etc.). Assim, cada um dos capítulos divide-se em dois aspectos fundamentais de exploração dessas brincadeiras: o espaço e o corpo, tendo a imaginação como eixo transversal da unidade. O Capítulo 7 enfoca aspectos espaciais do jogo de imaginação. Assim, convidamos o estudante a imaginar, com base no trabalho das companhias Solas de Vento e Delas, a espacialização de lugares fantásticos como o centro da Terra ou o fundo do mar. O Capítulo 8 move-se da esfera do espaço para a esfera do eu e apresenta rudimentos da construção de personagens por meio da imaginação. Aludindo ao trabalho apresentado na unidade anterior, com a artista Rivane Neuenschwander e a estetização dos medos, propomos a investigação de diferentes obras cujos temas são os monstros da infância, com a construção de personagens-monstros pela turma e a realização de um desfile dessas personagens. Ao final, sugerimos a integração entre as linguagens da música e da dança com o teatro, propondo um cortejo musical dançado com as personagens criadas pelos estudantes.

Objetivos pedagógicos

- Apresentar distintas formas e procedimentos teatrais presentes na vida do estudante;
- Desenvolver o trabalho de narração por meio da imaginação;
- Ficcional e imaginar o espaço onde ocorre o fenômeno teatral;
- Discutir a diversidade corporal entre a turma;
- Introduzir a percepção da personagem de teatro por meio do “E se eu fosse?” e de brincadeiras de “faz de conta”;
- Produzir diferentes caracterizações cênicas;
- Integrar o trabalho com as linguagens da música e da dança.

Competências específicas e como são trabalhadas

- **Competência específica 1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.**

Competência trabalhada ao longo de toda a unidade, com a apresentação de diversas obras teatrais, de literatura e do cinema que mostram diferentes culturas e mitologias. Tem como objetivo mobilizar a imaginação e contextualizar as práticas sugeridas, de acordo com as necessidades dos estudantes de 2º ano.

- **Competência específica 2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.**

Trabalhada especificamente na seção *Artes integradas*, quando, com base no cinema, sugere-se uma atividade com teatro, música, dança e artes visuais para a realização de um cortejo de seres fantásticos pela escola.

- **Competência específica 4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da arte.**

Essa competência está mobilizada de maneira transversal na unidade, por meio das práticas ficcionais. Em especial, pode ser citado o trabalho do Capítulo 7, em que a sala de aula é transformada em um ambiente fantástico.

- **Competência específica 8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.**

Competência trabalhada em todas as atividades práticas da unidade. Como exemplo, pode-se citar a produção de caracterizações de personagens criadas autonomamente pelos estudantes, no Capítulo 8.

Habilidades e como são trabalhadas

- **(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.**

A unidade abre com um trabalho acerca do espetáculo *Esparrama na janela*, realizado em um espaço não convencional de teatro, com recursos de teatro de bonecos.

- **(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variações de entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).**

Toda a unidade está direcionada a trabalhar aspectos do teatro nas brincadeiras de “faz de conta”, explorando a espacialização da imaginação teatral e a situação teatral de diferentes formas.

- **(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.**

Esta habilidade é trabalhada em todas as práticas da unidade, uma vez que todas propõem trabalhos colaborativos e em equipe na mobilização da imaginação cênica.

- **(EF15AR21) exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.**

No Capítulo 7, por exemplo, propõe-se a transformação lúdica da sala de aula em um ambiente do “centro da Terra”. No Capítulo 8, os estudantes são convidados a criar seus próprios monstros, construindo-os como personagens em relação.

- **(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.**

Essa habilidade é especialmente trabalhada no Capítulo 8, no qual são apresentados elementos iniciais da construção de personagens a partir da pergunta “E se eu fosse?”.

- **(EF15AR23) reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.**

A seção *Artes integradas* propõe a realização de uma dinâmica entre as quatro principais linguagens artísticas, em um processo de criação de um cortejo musical e dançado de seres fantásticos pela escola.

UNIDADE 4 – E SE EU FOSSE?

Habilidades: (EF15AR18), (EF15AR19), (EF15AR20), (EF15AR21), (EF15AR22), (EF15AR23)

Abertura

Atividades preparatórias

Introduza a unidade pedindo aos estudantes que observem a imagem do espetáculo *Esparrama na janela*, do Grupo Esparrama (SP). No espetáculo, que mistura atores e bonecos de manipulação, o público é convidado a experimentar o espaço teatral de um modo diferente: da janela. Assim, a história é contada da janela de um antigo prédio da cidade, enquanto o público assiste ao espetáculo do lado de fora, da rua. Sugerimos essa imagem pois, em geral, a percepção de teatro está ligada a um espaço fechado, mais tradicional. Aqui, a ideia é chamar a atenção da turma para o fato de que o teatro pode estar em qualquer lugar, até mesmo (como veremos ao longo da unidade) em sua vida cotidiana.

UNIDADE

4

E se eu fosse?

SESYEIKO PHOTOGRAPHY



Cena do espetáculo *Esparrama na janela*, do Grupo Esparrama, no Elevado João Goulart, São Paulo (SP). Fotografia de 2019.

 O teatro é uma brincadeira divertida!

Com imaginação, dá para brincar em qualquer lugar.

Veja a fotografia do espetáculo que se chama *Esparrama na janela*.

Já pensou em um teatro na janela?

Quem faz fica dentro... Quem assiste fica fora!

Respostas pessoais.

-  1. Como são as personagens que estão na janela?
2. Você já brincou de teatro? Conte como foi a brincadeira.
3. Onde é o melhor lugar para brincar de teatro?
4. A que tipo de teatro você mais gosta de assistir? E de fazer?



85

Orientações e comentários das atividades

2. Chame a atenção dos estudantes para diferentes brincadeiras com aspectos teatrais. Brincar de teatro pode ser brincar de apresentar uma peça teatral, mas qualquer brincadeira de imaginação, mesmo um jogo não competitivo de regras, tem algum aspecto teatral.
3. Complemente perguntando aos estudantes os melhores lugares para brincar de teatro. Assim, pode-se começar a explorar o tema do espaço propício ao teatro, que será desenvolvido no Capítulo 7.
4. Lembre os estudantes de que toda resposta é válida, incluindo-se a negativa. Evite juízos de valor, caso algum deles mostre uma opinião contrária à sua.

Capítulo 7 - Onde tem teatro?

Habilidades: (EF15AR18),
(EF15AR20), (EF15AR21),
(EF15AR22)

Neste capítulo mobilizaremos os aspectos espaciais da criação teatral. Partimos da percepção dos jogos de imaginação (ou faz de conta) para reconfigurar os espaços da escola em locais próprios para as brincadeiras teatrais. Muitas vezes, isso já acontece na prática lúdica do cotidiano dos estudantes. A ideia, aqui, é reconhecer esses aspectos para mobilizá-los conscientemente. Para isso, começamos introduzindo o espetáculo *Viagem ao centro da Terra* (2015), da Cia. Solas de Vento – uma livre adaptação do livro homônimo de Júlio Verne (1828-1905), em que um acadêmico e seus assistentes encontram uma passagem para o centro da Terra em um vulcão extinto da Islândia. Escrito no século XIX, o livro pode ser considerado um dos precursores do gênero ficção científica, pois imagina, com base no conhecimento científico disponível na época, como seria o centro da Terra. A Cia. Solas de Vento usa o espaço teatral para criar o mundo fantástico do centro da Terra de Verne: objetos simples como tábuas de madeira e pedaços de pano são transformados em cânions subterrâneos e em monstros desconhecidos. Além de pedir à turma que observe as imagens, é possível selecionar trechos do espetáculo, que está disponível na íntegra na internet.

CAPÍTULO

7

Onde tem teatro?

Viagem ao centro da Terra é um espetáculo apresentado pela Companhia Solas de Vento.

Esta é uma cena desse espetáculo.



MARIANA CHAMA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1993.

Cena do espetáculo *Viagem ao centro da Terra*, da Cia. Solas de Vento, em São Paulo (SP). Direção de Eric Nowinski. Fotografia de 2015.

O que é essa imagem?

Respostas pessoais.



1. Descreva como é o lugar em que as pessoas estão.
2. O que as pessoas na fotografia estão fazendo? *Estão se equilibrando.*
3. O lugar em que elas estão parece quente ou frio? Por quê?
Provavelmente a maioria dos estudantes dirá que é frio.
4. Você já brincou de imaginar uma viagem fantástica? Como foi?

86

O que é essa imagem?

Orientações e comentários das atividades

1. Destacar as respostas com observações sobre objetos simples como madeira e tecido e o tom azulado da iluminação que levam a imaginação a um mundo fantástico.
3. Chame a atenção deles para o fato de que as cores azul e branca da cena passam a impressão de frio.
4. Peça aos estudantes que contem o que costumam imaginar ou que imaginem para onde iriam se pudessem escolher um lugar fantástico.

Até hoje, ninguém foi para o centro da Terra.

A Companhia Solas de Vento tentou imaginar como seria essa aventura, na peça *Viagem ao centro da Terra*.

Assim, o espaço em que seria encenada a peça foi transformado no centro da Terra!

- Você já imaginou como seria o centro da Terra? Faça um desenho representando sua ideia.



Sugestão de aprofundamento

- Os livros de Júlio Verne citados neste capítulo estão em domínio público e podem ser baixados gratuitamente em diferentes formatos eletrônicos de sites como Domínio Público e Projeto Gutenberg.

Orientações

Habilidades: (EF15AR18), (EF15AR21)

Depois de apresentar o espetáculo, passamos a fazer a conexão da imaginação espacial com o cotidiano das brincadeiras dos estudantes. Apresente a cena da página (ou outras do espetáculo filmado, se for o caso) e introduza o tema da imaginação do espaço no teatro. Antes de pedir aos estudantes que respondam à questão, pergunte a eles: Como imaginam que seriam os preparativos se tivessem de planejar sua própria viagem ao centro da Terra?

Esta é mais uma imagem da peça *Viagem ao centro da Terra*. Tente imaginar o lugar onde as personagens estão.



Cena do espetáculo *Viagem ao centro da Terra*, da Cia. Solas de Vento, em São Paulo (SP). Fotografia de 2015.

A **imaginação** pode transformar coisas simples em lugares fantásticos. Esse tipo de imaginação faz parte do teatro.

- Do que precisamos para brincar de ir até o centro da Terra? Liste três coisas que você levaria nessa viagem.

Depois, compare sua lista com a dos colegas e conversem sobre o que escolheram!

Respostas pessoais. Professor, trata-se de um primeiro exercício de imaginação. Assim, deixe que os estudantes pensem o que quiserem. É possível imaginar de forma concreta: por exemplo, deve ser escuro no centro da Terra, então precisamos levar lanternas; ou mais abstratamente, como levar um amigo ou uma roupa mágica de proteção contra monstros hostis.



Nas profundezas do oceano

A peça *Mary e os monstros marinhos* conta a história da cientista Mary Anning (1799-1847). Veja a fotografia de uma cena dessa peça.



CAMILA PICCOLI

Cena do espetáculo *Mary e os monstros marinhos*, da Cia. Delas, no Teatro Cultura Inglesa em São Paulo (SP). Fotografia de 2018.

O que é essa imagem?

2. Dinossauros marinhos, peixes, pterodáctilos, dinossauros terrestres. Professor, aceite outras respostas. Eles podem dizer, por exemplo, que são monstros marinhos ou terrestres.



1. Que lugar parece estar representado na cena? **O fundo do mar.**
2. Que bichos você vê na imagem?
3. Você imagina que eles existam na realidade? **Resposta pessoal.**
4. Você já ouviu falar em dinossauros? O que sabe sobre eles?
Respostas pessoais.

A peça *Mary e os monstros marinhos* conta uma história verdadeira. Mary foi uma cientista paleontóloga que estudava os seres que viveram em um passado muito distante na Terra.

Ela foi a primeira mulher a descobrir um esqueleto completo de ictiossauro, um dinossauro marinho.

ZAZ – Nas profundezas do oceano

Habilidade: (EF15AR21)

O que é essa imagem?

Orientações e comentários das atividades

3. Ouça as opiniões dos estudantes e conte a eles que os dinossauros de fato existiram há milhões de anos, no período jurássico.
4. Aceite a contribuição dos estudantes e deixe-os compartilhar seus conhecimentos a respeito dos dinossauros.

ZAZ – Vamos brincar de fundo do mar!

Este é um exercício de imaginação espacial comum da linguagem teatral. Aqui, buscamos inspiração no espetáculo *Mary e os monstros marinhos*, da Cia. Delas (SP). O espetáculo conta a história de Mary Anning (1799-1847), paleontóloga inglesa que descobriu o primeiro esqueleto de ictiossauro.

Roteiro de aula

Objetivos: Explorar a imaginação espacial; entender como a imaginação do espaço teatral pode influenciar na composição corporal e vice-versa.

Duração: 45-50 min.

Materiais: Roupas confortáveis; *playlist* de músicas que remetam ao fundo do mar e aparelho de som (opcional).

Observações: Liberar espaço para que a turma possa se movimentar livremente pela sala.

Desenvolvimento: Comece conversando com eles sobre o espetáculo *Mary e os monstros marinhos*. Diga que, na época dos dinossauros, o fundo do mar também era habitado por enormes animais. Pergunte aos estudantes se já ouviram falar sobre dinossauros marinhos. Em seguida, diga-lhes que é possível brincar de imaginar como é o fundo do mar, assim como imaginaram o centro da Terra. Peça aos estudantes que fiquem parados no centro da sala, em pé, e dê as instruções. Na primeira palma, a sala enche-se de água imaginária até as canelas deles. Na segunda, até os joelhos; em seguida, até a cintura, pescoço e, por fim, a sala transforma-se no fundo do mar. Pergunte como é possível andar no fundo do mar. Se desejar, coloque a *playlist* preparada e deixe que explorem a movimentação na água imaginária por um tempo. Para finalizar, faça o procedimento inverso, como se a água fosse baixando lentamente (pescoço, cintura, joelhos, canela), até todos voltarem ao normal.

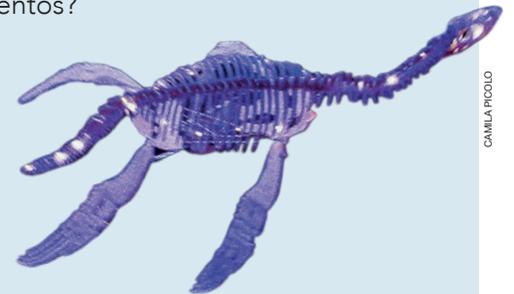
ZAZ

Vamos brincar de fundo do mar!

Você já imaginou como era o fundo do mar na época dos dinossauros?

Para brincar, todos precisam ficar em pé e se movimentar. Atenção ao professor, que baterá palmas para orientar a brincadeira.

- 1 Quando o professor bater palmas, imaginem que o ar será transformado em água!
- 2 Na primeira palma, imagine a água chegando, até as canelas!
- 3 Na segunda palma, a água estará chegando até os joelhos!
- 4 Na terceira palma, chegará até a cintura!
- 5 Na quarta palma, até o pescoço!
- 6 Depois, você estará completamente no fundo do mar! Imagine:
 - Como é andar no fundo do mar?
 - Como é falar no fundo do mar?
 - Que coisas você consegue observar?
- 7 Para terminar, você fará o contrário. A cada palma do professor imagine a água baixando. Primeiro até o pescoço, depois até a cintura, joelhos, canela, até tudo voltar ao normal.
- 8 Agora, converse com o professor e os colegas.
 - Como foi “estar no fundo do mar”?
 - A água modifica os movimentos?
 - Em que outros ambientes poderíamos brincar de transformar a sala de aula?



CAMILA PICCOLI

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 8.610 de 19 de fevereiro de 1998.

90

Avaliação: Converse com a turma sobre a realização da prática. Pergunte aos estudantes: Como foi estar no fundo do mar? Chame a atenção para o fato de que a água faz com que o corpo se mova mais lentamente, com mais dificuldade. Termine perguntando a eles: Além do fundo do mar, em que outros ambientes poderíamos brincar de transformar a sala de aula?



A Cia. Solas de Vento



Cena do espetáculo *Volta ao mundo em 80 dias*, da Cia. Solas de Vento, em São Paulo (SP). Fotografia de 2015.

A Companhia Solas de Vento faz espetáculos de teatro sobre viagens fantásticas. Além de *Viagem ao centro da Terra*, encenou também *Volta ao mundo em 80 dias*.

Na obra *Volta ao mundo em 80 dias*, o autor conta a história de personagens que dão a volta ao mundo em um balão.

Para encenar essa história, a Companhia Solas de Vento transformou os objetos comuns em diferentes coisas!

- Observe a fotografia do espetáculo. Quais objetos foram usados para representar o balão? *O grupo utiliza rodas de bicicleta e uma mesa virada ao contrário para criar o espaço de um balão.*



Vamos virar outras coisas?

- 1 Use a imaginação para pensar:
 - E se você fosse um avião? E se você fosse um barco? E se a sala de aula fosse uma nave espacial?
- 2 Do que você precisaria para fazer as transformações imaginadas?
 - Veja os objetos que estão a sua volta e como seriam usados em cada transformação.

91

ZAZ – Vamos virar outras coisas?

Habilidades: (EF15AR19), (EF15AR21)

Roteiro de aula

Objetivo: Experimentar, por meio de um exercício de imaginação e manipulação de objetos, a construção de figuras cênicas.

Duração: 15-20 min.

Materiais: Utensílios disponíveis na sala de aula, que serão usados para reconfigurar o espaço, tais como mesas, cadeiras, mochilas, livros etc.

Desenvolvimento: Com base nas discussões acerca da Cia. Solas de Vento e da utilização de objetos cotidianos para reconfigurar o espaço e o corpo de maneira teatral, convide a turma a fazer uma experiência com os materiais disponíveis na sala de aula. Deixe que explorem as diferentes maneiras de reconfigurar os gestos corporais: Como fazer as asas do avião com o auxílio das carteiras escolares? Como compor diferentes articulações de objetos e dos corpos, em um único exercício de imaginação? Permita que os estudantes “arrumem o espaço” antes de começarem a se transformar nos objetos solicitados.

Avaliação: Converse com a turma enfatizando as diferentes composições e possibilidades de uso da imaginação. Pergunte aos estudantes quais figuras foram as mais interessantes, e peça-lhes que, ao final, desenhem no caderno a figura mais interessante e deem um nome a ela.

ZUM! – A Cia. Solas de Vento

Habilidade: (EF15AR18)

A Cia. Solas de Vento (SP) trabalha em seus espetáculos com a reconfiguração do espaço com base na manipulação de objetos. Destacam-se, para o público infantil, as adaptações da obra de Júlio Verne, *Viagem ao centro da Terra* e

Volta ao mundo em 80 dias. Sugerimos expandir o tema da reconfiguração espacial por meio de objetos e fazer uma primeira abordagem da criação de personagens por meio da imaginação. Chame a atenção da turma para a imagem da página, em que o grupo usa rodas de bicicleta e uma mesa virada de cabeça para baixo para criar o espaço de um balão aéreo.

A arte faz pensar – O Monstro Rosa

Habilidade: (EF15AR19)

A seção traz um trabalho sobre a diversidade com base no livro *Monstro Rosa*, da autora espanhola Olga de Diós. O livro conta a história do Monstro Rosa, que se sente diferente em meio aos outros, todos brancos e pequenos. O Monstro Rosa resolve fugir e, ao fim de sua jornada, encontra uma variedade de monstros de todos os tamanhos e de todas as cores. Ao apresentar a história, sugerimos abordar as habilidades socioemocionais de acolhimento da turma. É preciso conversar sobre as diferenças (físicas, sociais, culturais) entre os estudantes, e como a turma pode encontrar maneiras de acolher a todos. O trabalho com o livro também visa à primeira abordagem do tema dos monstros da infância, que será aprofundado ao longo do Capítulo 8 desta unidade.

O que é essa imagem?

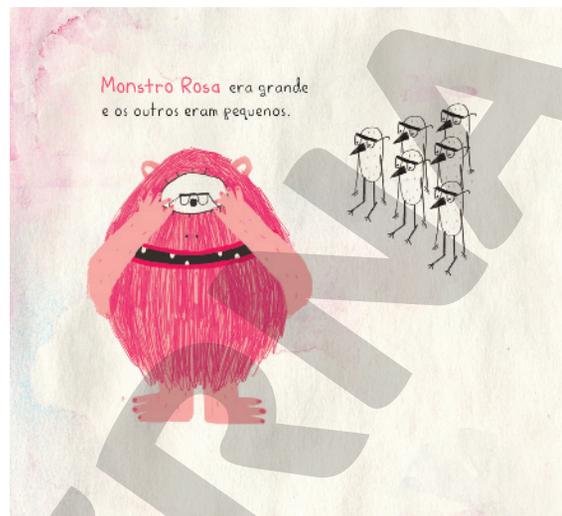
Orientações e comentários das atividades

2. É possível notar que o Monstro Rosa tem pelos e apenas um olho, enquanto os outros não têm pelos, têm dois olhos e usam óculos.
3. Espera-se que os estudantes refiram-se às sensações de desconforto e tristeza causadas pela não aceitação coletiva.
5. Professor, essa resposta inclui muitas alternativas, mas é uma excelente oportunidade para introduzir o tema do acolhimento às diversidades. Caso apareça a resposta sugerida, pergunte aos estudantes: Por que ele está com vergonha de ser diferente? E converse sobre maneiras possíveis de acolher as diferenças.

A arte faz pensar

O Monstro Rosa

Esta imagem é de uma página do livro *Monstro Rosa*.



Página do livro *Monstro Rosa*, de Olga de Diós. São Paulo: Boitempo, 2016.

O que é essa imagem?

1. Leia a frase na página do livro. Qual é a diferença entre o Monstro Rosa e as demais personagens? *A diferença é no tamanho e na cor.*
2. Que outras diferenças há entre eles? *Resposta pessoal.*
3. Como será que ele se sente por parecer diferente dos outros? *Resposta pessoal.*
4. O que o Monstro Rosa está fazendo na imagem? *Aparentemente, está se escondendo.*
5. De quem ele está se escondendo? Por quê? *Está se escondendo dos pequenos monstros brancos. Ele está com vergonha por ser diferente.*

O Monstro Rosa era diferente de todos os outros monstros. Ele era rosa, e todos os outros eram brancos.

Leia com o professor um trecho do livro:

Monstro Rosa era grande
E os outros eram pequenos
[...] Quando brincavam de esconde-esconde

Monstro Rosa sempre perdia
Quando subia nas árvores,
Monstro Rosa sempre caía.

Até que um dia ele criou coragem para procurar outro lugar: Monstro Rosa decidiu viajar.

Nesse lugar, ele conheceu muita gente diferente:
Bicho-Bolota, em vez de andar, rolava sem parar
Pássaro Amarelo, sabia voar e cantar

Monstro Azul: com seus braços compridos, abraçava melhor os queridos amigos.

Todos riam e brincavam o dia inteiro

Olga de Diós. *Monstro Rosa*. São Paulo: Boitempo, 2016.

 Agora, responda às questões.

1. Por que o Monstro Rosa fugiu?

Porque ele se sentia muito sozinho e diferente. Uma possibilidade de abordar a questão é perguntar, em seguida: “O que os outros poderiam ter feito para ele ficar?”.

2. Aonde ele chegou?

Chegou a um lugar onde havia uma grande diversidade de bichos e monstros, todos coloridos e diferentes uns dos outros.

3. Onde você acha que o Monstro Rosa ficou mais feliz?

Onde todos eram diferentes. Converse com a turma evidenciando que, mesmo na primeira parte da história, todos os monstros brancos são, também, diferentes entre si, e que às vezes as pessoas escondem essas diferenças. Contudo, na verdade, elas existem, e precisam ser respeitadas por todos.

Vamos experimentar – Viagem ao centro da Terra

Habilidades: (EF15AR20), (EF15AR21)

Esta seção retoma o trabalho de imaginação inspirado no espetáculo da Cia. Solas de Vento e no livro de Júlio Verne. Na obra, conhecemos a história de um acadêmico e seus assistentes que encontram uma passagem, em um vulcão abandonado da Islândia, para o centro da Terra.

Experimente em casa

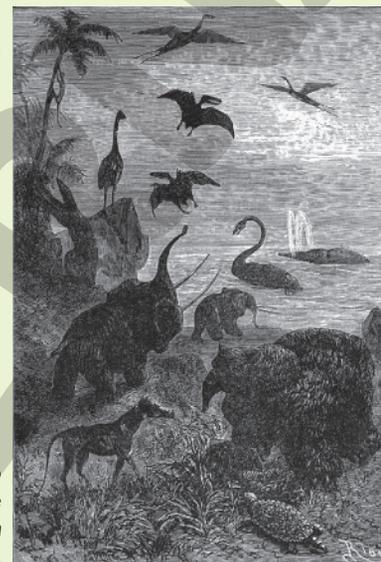
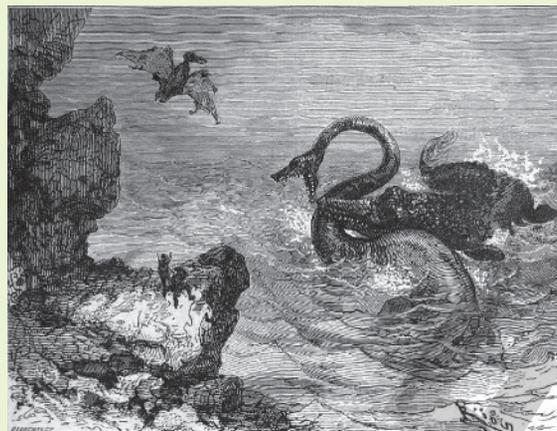
Peça à turma que realize em casa a atividade proposta. Organize uma pequena conversa inicial, explorando possíveis conexões entre a história do Monstro Rosa e o cotidiano dos estudantes, chamando a atenção para como a coletividade pode integrar as diferenças. Diga-lhes que anotem como puderem (escrevendo, desenhando etc.) as conversas com os familiares. Na aula seguinte, abra uma roda de conversa e peça-lhes que, com base em suas anotações, recontem as conversas sobre o tema realizadas em casa.

Vamos experimentar

Viagem ao centro da Terra

Em seu livro *Viagem ao centro da Terra*, o autor Júlio Verne imaginou como seria o centro do nosso planeta.

Veja estas ilustrações do livro.



Ilustrações da edição original, de 1864, de *Viagem ao centro da Terra*, de Júlio Verne.

Experimente em casa

Em casa, leia mais uma vez o trecho do livro *Monstro Rosa*.

1. Leia, agora, em voz alta para as pessoas que vivem em sua casa.
2. Converse com a sua família sobre a história do Monstro Rosa.
 - Você já se sentiu como o Monstro Rosa, no começo da história? E as pessoas que moram com você? Anote a conversa em seu caderno.
 - Você já se sentiu como o Monstro Rosa no final da história? E as pessoas que moram com você? Anote a conversa em seu caderno.
3. Depois, compartilhe suas anotações da conversa com os colegas e o professor!

Vamos brincar de fazer uma expedição!

- 1 Imagine que você e seus colegas são exploradores que viajarão ao centro da Terra.
- 2 Com a ajuda do professor, organizem um espaço para ser o centro da Terra. Pode ser a sala de aula com a arrumação das carteiras e outros objetos que representem o que pode ser encontrado nesse lugar.
- 3 O professor sairá da sala com a turma e, ao voltar, todos imaginarão que estão nessa expedição!
- 4 Não esqueça de levar um diário de bordo, para fazer os registros da expedição! Nesse caderno de anotações, você pode escrever sobre:
 - os bichos fantásticos que encontrou no caminho;
 - plantas que só existem no centro da Terra;
 - se nesse lugar havia montanhas, mares, lagos, rochas etc.
- 5 Depois voltem à superfície da Terra e conversem sobre a brincadeira.
 - Como foi fazer a expedição?
 - Quais foram os maiores perigos encontrados?
 - Em quais outros espaços a sala de aula pode ser transformada? Escreva suas ideias.

Respostas pessoais.

95

Vamos brincar de fazer uma expedição!

A prática retoma aspectos imaginativos do espetáculo *Viagem ao centro da Terra*, da Cia. Solas de Vento, combinando-os com as ilustrações feitas para a primeira edição do livro de Verne, que contém ambientes fantásticos. A ideia é construir com a turma uma expedição fantástica ao centro da Terra.

Roteiro de aula

Objetivo: Experimentar a reconfiguração da sala de aula em um espaço de jogo imaginativo ficcional e alguns elementos da construção de situações dramáticas.

Duração: 1 aula.

Materiais: Papel *kraft*, canetinhas hidrográficas e lápis de cor, cartolinas, caixas de papelão, carteiras escolares, cadeiras etc.

Observações: A prática está prevista para ser realizada em duas etapas, uma de preparação da sala e outra de “Expedição ao centro da Terra”.

Desenvolvimento: Retome com a turma as conversas anteriores sobre o centro da Terra e apresente aos estudantes as imagens do livro de Júlio Verne. Proponha a eles uma expedição fantástica para o centro da Terra. Para isso, reorganize o espaço da sala de aula. Você pode organizar a turma em duplas e propor-lhes que cada dupla fique responsável por reconfigurar uma parte da sala. Podem ser rearranjadas as carteiras, feitos cartazes em cartolinas etc. A ideia é que os objetos da sala de aula sejam arrumados de modo a imaginá-los como um cenário da expedição. Lembre com a turma os objetos necessários para a realização da expedição. Cada um, como bom explorador, deve levar um caderno de anotações e pesquisar a região durante a expedição.

Prepare a turma para a expedição. Para tornar a atividade mais interessante e envolvente, saia com os estudantes da sala de aula já reconfigurada e combine que, ao voltarem, imaginarão entrar no centro da Terra. Deixe que se movam livremente, anotem as observações em seus cadernos e que instalem brincadeiras no “centro da Terra” por meio dos dispositivos reconfigurados da sala de aula. Antes de “voltar à superfície”, faça uma roda de conversa.

Avaliação: Peça aos estudantes que conversem sobre as anotações feitas. O que viram? Que animais e seres fantásticos estavam presentes? Que acidentes geográficos foram considerados mais interessantes? Lembre-se de dialogar sobre as experiências emocionais dos estudantes: Como foi reconfigurar a sala? Que parte foi mais difícil? Qual foi mais fácil? Houve cooperação e entendimento entre os colegas na execução das tarefas propostas? Como foram solucionados os problemas?

Capítulo 8 - E se eu fosse?

Habilidades: (EF15AR18),
(EF15AR20), (EF15AR21),
(EF15AR22)

Neste capítulo retomaremos e aprofundaremos o jogo de imaginação em 1ª pessoa (faz de conta, E se eu fosse etc.). Propomos continuar a investigação com base em um tema levantado na unidade anterior, o dos medos da infância. Se lá demos uma “cara” e “roupas” para os nossos medos, aqui, aproveitando os recursos da linguagem do teatro, os transformaremos em monstros-personagens e brincaremos com eles. Para isso, sugerimos abordar o tema com base no espetáculo *Monstruário* (2019), da Fabulosa Cia. (SP). O espetáculo mostra os irmãos Lili e Tuco, que, entediados em uma tarde chuvosa, começam a receber visitas dos mais diversos monstros em seu quarto. Os atores revezam-se na manipulação dos monstros, mas percebemos o tempo todo que o jogo é construído com base nas brincadeiras de faz de conta infantis. Converse com a turma e, se possível, mostre aos estudantes trechos do espetáculo, contando a história da peça para começar a explorar o tema.

A Fabulosa Cia. é um grupo teatral dirigido pelo diretor, ator e pedagogo Eric Nowinski (1962-), que tem trazido à cena inovações para o teatro infantil. Além de propor dramaturgias interessantes para as diferentes faixas etárias que compõem a infância, o grupo traz a tecnologia digital como recurso para a narrativa de suas apresentações. Seu espetáculo de estreia, *A linha mágica* (2012), ganhou diversos prêmios. O espetáculo pode ser conferido na íntegra em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CFwyOV5E3sE>>. Acesso em: 11 maio 2021.

CAPÍTULO

8

E se eu fosse?

Veja esta cena do espetáculo *Monstruário*, da Fabulosa Companhia de Teatro.



Cena do espetáculo *Monstruário*, da Fabulosa Cia. Teatro do Sesc Pompeia, em São Paulo (SP). Fotografia de 2019.

O que é essa imagem?

Respostas pessoais.



1. Que pessoas você vê na imagem?
2. Onde elas estão?
3. Que roupas estão vestindo?
4. Você já encontrou monstros na sua casa? Quais?

96

O que é essa imagem?

Orientações e comentários das atividades

4. Converse com a turma sobre essa questão, dizendo que podem ser quaisquer monstros, assustadores ou não. Use a pergunta como um recurso para soltar a imaginação deles, deixando que discorram livremente sobre suas experiências.

 Leia o texto com o professor.

A peça *Monstruário* conta a história de Lili e Tuco.

Lili e Tuco são irmãos. Em um dia de muita chuva, os dois estão em casa e, de repente, chegam visitantes inesperados!

Aparecem o monstro do guarda-roupas, o fantasma de lençol, dinossauros famintos...

Mas, na verdade, Tuco e Lili estão brincando de ser os monstros!

 **1. Você já brincou de ser um monstro? Conte como foi. Depois, escreva sua resposta.**

Resposta pessoal. Tente abordar essa pergunta a partir da questão anterior, trazendo-a para o âmbito

da representação pessoal. Se antes falávamos de monstros que habitavam as casas, aqui falamos da

capacidade de apropriar-se desses monstros e representá-los.

2. Você gosta de brincar de faz de conta?

Resposta pessoal.

3. Você já brincou de ser alguém diferente? Quem?

Resposta pessoal. Lembre à turma que as brincadeiras de faz de conta também são brincadeiras de

“ser alguém diferente”.

Atividade complementar: Histórias de monstros

Habilidades: (EF15AR18), (EF15AR20)

Depois de conversar com a turma sobre o espetáculo *Monstruário*, pergunte aos estudantes se conhecem alguma história de monstro. Talvez alguns conheçam histórias de entidades típicas do Brasil (saci-pererê, mula sem cabeça etc.) ou de outras culturas. Convide os estudantes a fazerem um exercício de imaginação, criando a história “O dia em que encontrei o monstro...”. Distribua folhas de papel sulfite para criarem uma história ilustrada. Peça-lhes que escrevam, como puderem, os diferentes acontecimentos da história inventada. Para finalizar, realize uma roda de conversa em que a turma possa compartilhar e ler em voz alta as histórias inventadas, mostrando os desenhos aos colegas.

Orientações e comentários das atividades

- Explore com a turma duas regras básicas, que serão aprofundadas adiante. Para brincar de “E se eu fosse”, antes de mais nada, é preciso escolher “quem serei”. Em seguida, é preciso criar uma situação, algo que aconteça para a personagem poder agir, com a pergunta “O que estou fazendo?”, ou “O que acontece?”. Perceba que nas brincadeiras de faz de conta, assim como em uma situação teatral, as personagens sempre estão agindo, fazendo algo. Assim, um grupo de crianças que brinca de super-heróis pode dizer “Temos de salvar o mundo”, ou crianças brincando de casinha podem dizer “Estamos cuidando de nossos filhos”.

Conheça um pouco mais sobre a história de Lili e Tuco.

Cena do espetáculo *Monstruário*, da Fabulosa Cia. Teatro do Sesc Pompeia, em São Paulo (SP). Fotografia de 2019.



BETO AMORIM/FABULOSA CIA

Lili e Tuco têm medo de monstros. Mas resolvem enfrentar esse medo, fazendo uma brincadeira. Eles mesmos se transformam em monstros.

E nesse jogo percebem que nem todos os monstros são tão terríveis como imaginavam!

No teatro, essa brincadeira se chama “E se eu fosse?”.

E se eu fosse um monstro rosa?

E se eu fosse um bicho?

E se eu fosse uma planta?



Converse com os colegas e o professor. Depois, escreva suas respostas.



1. Você já brincou de “E se eu fosse?” Com quem fez a brincadeira?

Resposta pessoal. Pode-se, ainda, fazer uma lista coletiva das brincadeiras de “E se eu fosse” que

a turma gosta.

2. O que você precisa para a sua brincadeira de “E se eu fosse” preferida?

Resposta pessoal.

Que monstro sou eu?

O filme *Onde vivem os monstros* conta a história de Max e de seu amigo Carol, que é um monstro.

Veja esta cena do filme.

Cena do filme *Onde vivem os monstros*, direção de Spike Jonze, de 2009.



1. Se você fosse um monstro, qual seria? Dê um nome para ele.

Resposta pessoal. Pergunte o porquê de determinado nome e o que o nome diz sobre o monstro. Dê exemplos conhecidos: “bicho-papão”, “mula sem cabeça” que são nomes que dizem respeito às características do ser em questão.

2. Onde o seu monstro vive?

Resposta pessoal. Instigue os estudantes a imaginarem o ambiente onde vive o monstro, com a maior riqueza de detalhes possível. Pergunte, ainda, o porquê de ele viver em tal ou qual lugar.

3. O que ele gosta de comer?

Resposta pessoal. O que a comida preferida pode dizer sobre o monstro de cada um?

Como ele começou a gostar desse tipo de comida?

4. Faça agora um desenho colorido de seu monstro:



Sugestão de leitura

- SENDAK, Maurice. *Onde vivem os monstros*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. O livro conta a história da amizade do menino Max e o monstro Carol, que, em uma viagem fantástica, leva-o para conhecer a terra onde vivem os monstros. Ali, a amizade dos dois se desenvolve, e Max faz importantes reflexões sobre como lidar com seus medos e traumas cotidianos.

ZAZ – Que monstro sou eu?

Habilidades: (EF15AR19), (EF15AR22)

Roteiro de aula

Objetivo: Aprofundar a criação de personagens sugerida no trecho anterior do capítulo.

Duração: 30 min.

Materiais: Objetos disponíveis para desenho. Caso ache interessante e possível, pode-se realizar o desenho que finaliza a atividade em uma folha avulsa ou cartolina.

Desenvolvimento: Retome o tema dos monstros (que antes estavam “fora”, na casa, no guarda-roupa etc.). Agora os estudantes devem pensar em um monstro seu. Esse trabalho pode remeter ao que foi feito na unidade anterior, com base na obra da artista Rivane Neuenschwander, com os medos. No entanto, não é necessário que os monstros sejam ligados a algum medo; eles podem também representar outras elaborações da fantasia. O filme *Onde vivem os monstros* (2009) é um exemplo disso. Dirigido por Spike Jonze a partir da adaptação do livro de Maurice Sendak (1918-2012), o filme conta a história de Max, um menino que cria amigos monstros como forma de escapar de situações turbulentas em seu cotidiano. Solicite aos estudantes que cada um assista em casa ao filme *Onde vivem os monstros* e escolha algumas cenas para assistirem coletivamente, na aula. Em seguida, sugira que pensem em um monstro que gostariam de criar e aborde as questões propostas, para a elaboração das personagens.

Avaliação: Depois de desenhados os monstros, peça aos estudantes que mostrem e expliquem suas personagens uns para os outros. Converse com a turma sobre o trabalho realizado, mapeando diferentes possibilidades de transformar esses monstros em personagens teatrais (dinâmica que será proposta posteriormente).

Técnicas da arte – O mágico “se”

Habilidades: (EF15AR18),
(EF15AR20), (EF15AR21)

Apresentamos alguns conceitos e técnicas para ficcionar personagens e situações. A ideia é realizar uma pequena atividade que englobe a criação e a *performance* de uma personagem (aqui, ainda rudimentar) e uma situação onde essas mesmas personagens possam agir. O professor, ao entrar no papel de “mago”, torna-se de fato o condutor da brincadeira. É preciso perceber a composição física que os estudantes darão aos personagens. No entanto, é interessante olhar também para as relações desenvolvidas entre a turma “nas diferentes formas”. Para isso, é preciso dar um tempo a fim de que “cada bicho” se instaure e que os estudantes se relacionem em cada uma das novas formas.

Técnicas da arte

O mágico “se”



Há muitas brincadeiras de “E se eu fosse”.
E se eu fosse um super-herói?
E se eu fosse meu desenho animado preferido?
No teatro, quase sempre tem um “E se eu fosse”.
Mas como funciona essa brincadeira? Vamos experimentar!

E se eu fosse...

- 1 Imagine que toda a turma está em uma festa de aniversário brincando e se divertindo.

O professor é um grande mago que transformará todos em bichos.
Ele diz:

“Sim, sim, salabim,
Crianças da festa,
Virem [diz o nome do bicho] para mim!”

Depois dessas palavras mágicas, toda a turma se transforma no bicho escolhido.

- 2 Ao final, o mago diz:

“Sim, sim, salabau,
Voltem todos ao normal!”

E todos voltam ao normal!

- 3  Pense e responda às questões a seguir. Depois, converse com a turma sobre suas respostas:

1. Qual bicho foi o mais difícil de fazer? Por quê?

Resposta coletiva

2. Qual foi o mais fácil? Por quê?

Resposta coletiva

E se eu fosse...

Para a prática indicada, explique aos estudantes as regras do jogo antes de começar. Dê tempo para que a festa se instaure. Combine com a turma como será essa festa: É uma festa de aniversário? De quem? Como seria se estivéssemos nessa festa? Repita algumas vezes as instruções e as palavras mágicas, lembrando de dar algum tempo para que a turma se adapte às novas formas e comece a se relacionar com elas.

Depois de pedir aos estudantes que reflitam por escrito nos espaços de resposta, proponha a eles uma roda de conversa e deixe-os falar sobre qual bicho foi mais difícil de fazer, qual foi mais fácil e as razões das respostas às perguntas anteriores. Converse com a turma como foi “mudar de forma”. Pergunte aos estudantes, ainda, quais foram as diferenças da festa antes e depois de virarem bichos. É importante que a turma perceba coletivamente como as circunstâncias propostas por você podem atuar quase instantaneamente na imaginação.

Vamos experimentar – O desfile dos monstros

Habilidades: (EF15AR19),
(EF15AR22)

Sugerimos a construção da caracterização dos monstros pessoais criados anteriormente e a realização de um “desfile” desses monstros.

Roteiro de aula

Objetivo: Aprofundar dinâmicas de construção e caracterização de personagens.

Duração: 1 aula + apresentação.

Materiais: Papel *kraft*, estopa, TNT ou outro tecido de valor acessível; tesoura; cola, fita adesiva dupla face ou grampeador; pincéis largos achatados; tinta acrílica ou para tecido de cor variada.

Observações: A primeira aula dessa atividade assemelha-se ao *Processo de criação*, descrito na página 81 da Unidade 3. É possível, ainda, reutilizar e ressignificar elementos das fantasias criadas então.

Desenvolvimento:

Preparação. Reveja com a turma as ideias de criação de monstros levantadas na página 99. Pergunte se alguém deseja trocar de monstro e proponha aos estudantes a atividade. Eles realizarão um desfile dos monstros, em que cada um será o seu próprio monstro e criará as roupas e os acessórios dele. Utilize a aula para produzir com a turma as caracterizações e os figurinos necessários. Em seguida, faça uma “prova de figurino”. Cada um deve vestir o seu monstro e testar os seus atributos corporais: Como esse monstro fala? Que sons ele faz? Como anda? Como conversa com os outros monstros? Peça-lhes ainda que cada um escolha uma música para desfilarmos com o seu monstro.

Desfile. Se possível, combine com a direção da escola e com os outros professores um horário para realizar o desfile, tendo as outras turmas do Ensino Fundamental I como público. Prepare uma *playlist* com as músicas escolhidas pela turma e combine com

Vamos experimentar

O desfile dos monstros

Vamos fazer um desfile de moda dos monstros!

1. Volte à página 99 e leia o que você escreveu sobre o seu monstro. Lembre-se do monstro que você imaginou.
 - Agora pense como esse monstro gosta de se vestir e desenhe essas roupas, no espaço da página 103.
2. Crie as roupas do seu monstro!
 - Pode usar roupas, papel, cola, canetinha, tinta. Tudo o que a imaginação mandar!
3. Vista as roupas do monstro! Agora, está valendo a brincadeira do “E se eu fosse” o meu monstro!
4. O professor organizará um desfile de monstros para você e seus colegas fazerem uma apresentação bem divertida!
5. Depois da atividade, converse com o professor e a turma:
 - Como foi imaginar o seu monstro?
 - Como foi criar a roupa do seu monstro?
 - Como você se sentiu brincando de “E se eu fosse”?



ILUSTRAÇÕES: FABIO ODINZZA

102

elas a ordem das apresentações. Como mestre de cerimônias, realize o desfile, apresentando os monstros e suas principais características.

Avaliação. Depois de terminado o desfile, organize uma roda de conversa e pergunte a eles como foi a experiência. Houve nervosismo? O que o público achou do desfile? Todos conseguiram manter o monstro criado ou houve momentos em que a personagem “escapou”? Termine refletindo, depois desse percurso, como podemos lidar com nossos monstros do dia a dia.

MODERNA

Artes integradas – Cortejo de seres fantásticos

**Habilidades: (EF15AR18),
(EF15AR23)**

Para finalizar a unidade, propomos a criação de uma dinâmica integrada entre teatro, dança, música e artes visuais. A ideia é lembrar a dinâmica do cortejo (Unidade 2 deste livro) e realizar pela escola um cortejo de música e dança com seres fantásticos, caretas e monstros.

Para começar, sugerimos assistir ao filme *A viagem de Chihiro* (2002), dirigido por Hayao Miyazaki. No filme, a menina Chihiro tem seus pais sequestrados pela bruxa Yubaba e transformados em porcos. Em um mundo maravilhoso cheio de seres fantásticos – figuras tradicionais da mitologia japonesa –, ela deve resgatar seus pais com a ajuda desses novos amigos.

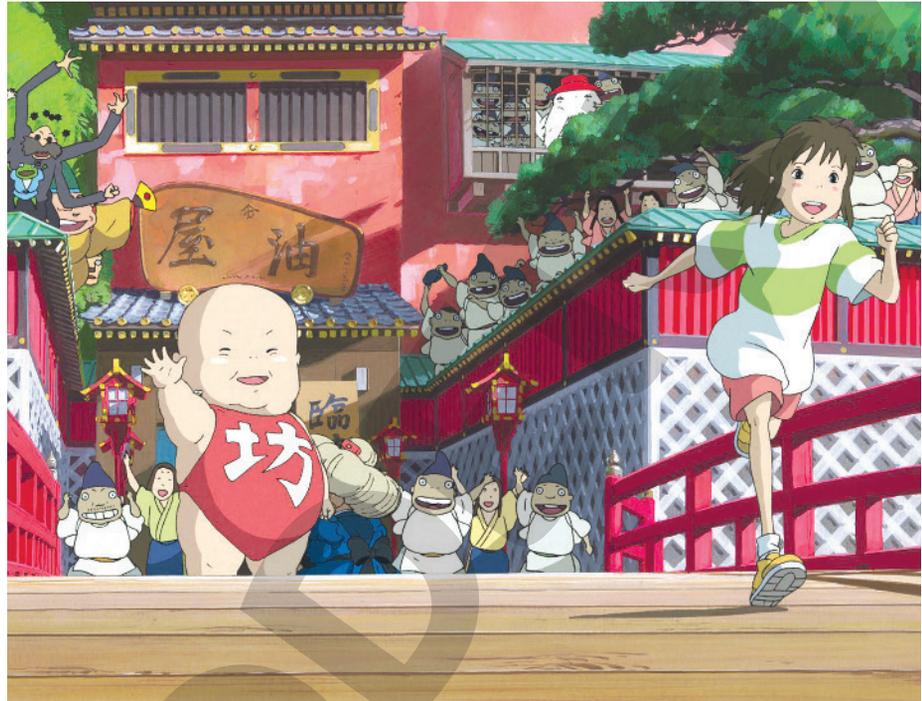
Depois de ver o filme com a turma (caso não seja possível, selecione alguns trechos para exibição, ou peça aos estudantes que assistam ao filme em casa), pergunte a eles quais seres fantásticos eles conhecem da mitologia brasileira. É possível que eles se lembrem de alguns, como o saci-pererê, a caipora, o curupira. Converse sobre a diferença entre os monstros criados até então e esses seres fantásticos mais tradicionais. Em seguida, proponha a realização do cortejo pela escola.

Retome com a turma a dinâmica do cortejo musical. Deixe os estudantes escolherem que tipo de seres fantásticos que gostariam de ser (ver a seguir *Processo de criação*), e reutilize ou produza com eles novos figurinos e experimentações para a realização do cortejo. Escolha com a turma uma cantiga para ser entoada, ensaie e, na hora combinada, saia com o cortejo pela escola. Ao final, realize uma roda de conversa sobre a prática.

Artes integradas

Cortejo de seres fantásticos

Esta é uma imagem do filme *A viagem de Chihiro*.
Chihiro é uma menina que entra em um mundo mágico.



Frame do filme *A viagem de Chihiro*, de 2001, dirigido por Hayao Miyazaki.

O que é essa imagem?



1. Que personagens podem ser vistas na cena? **Seres fantásticos, uma menina e um bebê gigante.**
2. Onde você acha que essas personagens estão? **Resposta pessoal.**
3. O que Chihiro, a menina, está fazendo? **Ela está correndo.**
4. O que os seres atrás dela estão fazendo? **Estão se despedindo dela.**

 Leia com o professor o texto a seguir.

O filme *A viagem de Chihiro* conta a história de Chihiro, uma menina que viaja até um mundo fantástico para salvar seus pais.

Seus pais foram transformados em porcos pela bruxa Yubaba.

Chegando a esse mundo, Chihiro tem ajuda de muitos seres fantásticos. E, no final, consegue salvar seus pais.

PROCESSO DE CRIAÇÃO

Vamos fazer um cortejo de seres fantásticos?

1 Escolha o ser fantástico que você quer ser! Até agora, você já viu:

- Seres fantásticos no centro da Terra.
- Seres fantásticos do fundo do mar.
- Monstros coloridos.
- Monstros de casa.
- Monstros pessoais.

2 Com a turma e o professor, vocês produzirão as fantasias do ser fantástico que cada um quer ser.

3 Lembre-se de como se faz um cortejo.

- Que instrumento seu ser fantástico tocaria em um cortejo?

Resposta pessoal.

4 Escolha, com a turma, cantigas que os seres fantásticos cantariam em um cortejo.

- Ensaie essas cantigas com o professor e a turma.

5 Na hora e no dia combinados, façam o cortejo dos seres fantásticos pela escola!

6 Depois da realização do cortejo, faça uma roda de conversa com a turma contando como foi a experiência. Qual foi o seu momento favorito no cortejo?

105

Processo de criação – Vamos fazer um cortejo de seres fantásticos?

Habilidades: (EF15AR21),
(EF15AR22), (EF15AR23)

Roteiro das aulas

Objetivo: Mobilizar práticas das diferentes linguagens artísticas para compor uma personagem.

Duração: 2 aulas + apresentação.

Materiais: Itens necessários para a confecção dos figurinos das personagens-monstros, como roupas, retalhos, cartolinas, pinturas faciais etc.

Observações: A atividade requer uma apresentação do trabalho, que deve ser combinada antes com a direção da escola e com os professores das turmas que assistirão ao “desfile”.

Desenvolvimento:

Aula 1. Depois de discutir o filme *A viagem de Chihiro* com a turma, lembre as dinâmicas de construção de fantasias para os monstros exploradas nas páginas 104 e 105 e as realizadas na Unidade 3 (páginas 75 e 76). Prepare com antecedência o material que será usado para construir os figurinos e auxilie a turma a fazê-los, sempre lembrando dos seres trabalhados durante a unidade. Teste os figurinos e peça aos estudantes que, ao vesti-los, também explorem possibilidades de movimentação e sonoridade de seus respectivos seres fantásticos.

Aula 2. Ajude a turma a vestir, mais uma vez, os figurinos criados. Relembre com os estudantes a dinâmica do cortejo explorada na Unidade 2, e ensaie coletivamente algumas das canções escolhidas. Se houver instrumentos, combine quem vai tocá-los. No horário combinado, saia em cortejo e realize o desfile das criaturas fantásticas pela escola.

Avaliação: Abra uma roda de conversa e instigue os estudantes a responderem às questões: Como foi o processo de criar um ser fantástico? Como foi o processo de vivenciá-lo?

Criar e Refletir

Avaliação de processo

Habilidade: (EF15AR18)

Criar

Esse momento de conversa e revisão do conteúdo trabalhado ao longo do volume é fundamental para que você realize a etapa pedagógica de avaliação de resultados. Por isso, esse momento pode ocupar o espaço de ao menos uma aula, onde você deve orientar a turma em relação a uma revisão tanto dos principais conteúdos abordados ao longo do volume (conceitos, técnicas, artistas e obras) como também das atividades práticas realizadas individual e coletivamente.

A primeira etapa da avaliação é a conversa, quando é importante que você verifique não somente se os estudantes compreendem as etapas do processo desenvolvido ao longo das aulas de Arte, mas se conseguem refletir a partir do conteúdo estudado, criando conexões entre os assuntos e sua experiência pessoal e coletiva na escola. Caso perceba alguma dificuldade ou defasagem de aprendizado, não hesite em retomar algum exemplo estudado ao longo do livro, relendo passagens e lembrando o processo pedagógico com a turma.



Criar

- Faça uma colagem que represente o que você descobriu sobre **seres** e **mundos fantásticos**.



Refletir

Nesta unidade, exploramos o teatro por meio da imaginação. Brincamos e criamos mundos e seres fantásticos com a ajuda da nossa criação.

1. Converse com os colegas e o professor sobre o trabalho que fizeram nesta unidade:

- Brincar de imaginar espaços fantásticos, como o centro da Terra.
- Criar uma expedição ao centro da Terra.
- Brincar de representar bichos diferentes.
- Descobrir vários tipos de monstros.
- Criar seu próprio monstro.
- Brincar de "E se fosse" com os monstros.
- Fazer um cortejo de seres fantásticos, com música e dança!



MARIANA CHAVIA



OLGA DE DIOSBIO/TEMPO EDITORIAL



CAMILA PICCOLI



AA FILM/ARCHIVE/ALAMY/FOTOREMA

2. Como foi imaginar lugares fantásticos? **Resposta coletiva.**
3. Como foi brincar de "E se eu fosse"? **Resposta coletiva.**

Refletir

A última etapa da avaliação de processo deve ser realizada pelo estudante por meio de uma atividade escrita com base nas perguntas elencadas. Aproveite a atividade para verificar os avanços e dificuldades do estudante em relação ao seu processo de alfabetização.

Comentários e orientações das atividades

Com base no que foi estudado na Unidade 1, instigue o estudante a lembrar todos os momentos de seu cotidiano em que faz atividades físicas, assim como dos momentos em que se alimenta e realiza seus hábitos de higiene.

Com base no estudo sobre qualidades do som e a orquestra desenvolvidos na Unidade 2, peça ao estudante que registre por escrito o nome de pelo menos três instrumentos que conheceu ao longo do trabalho didático com a obra.

Do mesmo modo como no exercício anterior, verifique se o estudante pode citar ao menos três materiais mobilizados ao longo das práticas de artes visuais.

Instigue o estudante a elaborar uma reflexão livre, desde que justificada. Oriente cada um a identificar o porquê de alguns momentos serem mais divertidos e prazerosos do que outros. Trata-se de criar coletivamente? São momentos em que a tarefa se aproxima mais do brincar? São momentos com música? Momentos de manipulação de objetos e materiais? Momentos de exploração do corpo e da imaginação?

Conclusão

O objetivo principal desta unidade foi apresentar diversas formas da manifestação teatral para a turma, assim como buscar incentivar o trabalho com a imaginação como princípio do trabalho com a linguagem do teatro. Esse aprofundamento da linguagem é importante, principalmente levando em conta que o percurso anterior, do 1º ano, esteve focado em um aspecto mais livremente lúdico da relação com esta linguagem artística. Assim, trabalhamos dois aspectos do processo de imaginação: sua relação com o espaço (imaginar outros espaços, mundos fantásticos etc.) e consigo mesmo. No Capítulo 7, a ligação da imaginação com o espaço estabelece as premissas necessárias para a criação do que chamamos de atmosfera teatral, ou atmosfera de jogo teatral, que estabelece regras ficcionais para o comportamento dos estudantes-atores. No Capítulo 8, a conexão entre imaginação e o estudantes acontece por meio de propostas de construção de personagens e termina em um trabalho interligado com as outras linguagens artísticas ao longo do livro. É fundamental, ao final da unidade, avaliar a apropriação coletiva da turma do trabalho com a imaginação teatral em relação com o trabalho com as habilidades específicas da BNCC. Essa avaliação (autoavaliação e avaliação do professor) é importante para começar o aprofundamento do trabalho com o teatro proposto a partir do 3º ano.

FICHAS DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM SUGERIDAS

FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO – ESTUDANTE

Todos os itens devem ser previamente combinados e, posteriormente, discutidos com cada estudante.

4º BIMESTRE – UNIDADE 4 FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

Nome: _____ Ano: _____ Bimestre: _____

1. Sou capaz de distinguir os elementos das artes que fazem parte de uma apresentação teatral.

Sempre Às vezes Nunca

2. Marque as alternativas que completam as frases a seguir.

• Aprendi que um teatro precisa ter público.

Sempre Às vezes Nunca

• Depois de assistir às aulas de teatro, eu desejo:

Participar de grupos de teatro. Assistir a mais aulas de teatro. Assistir a apresentações de teatro.

3. As práticas de teatro me ajudaram a expressar minhas emoções e sentimentos.

Sim Às vezes Não

4. Consegui participar e contribuí com as práticas de teatro durante as aulas.

Sempre Às vezes Não

5. O que eu aprendi tornou minhas brincadeiras com teatro mais divertidas.

Sim Um pouco Não

6. Minha participação na roda de conversa foi importante.

Sempre Às vezes Não

7. Compartilhei com meus familiares o que aprendi na escola.

Sim Às vezes Não

FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE APRENDIZAGEM

4º BIMESTRE – UNIDADE 4

O registro na ficha de acompanhamento poderá ser feito de acordo com a legenda a seguir.

A legenda indica o nível de aprendizagem em relação ao desenvolvimento das habilidades da BNCC para o ano escolar.

D – habilidade desenvolvida satisfatoriamente

PD – habilidade em processo de desenvolvimento

ND – habilidade não desenvolvida minimamente ficando apenas no nível de conhecimentos prévios

HABILIDADES

(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).

(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.

(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.

(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

ESTUDANTES	(EF15AR18)	(EF15AR19)	(EF15AR20)	(EF15AR21)	(EF15AR22)	(EF15AR23)
1.						
2.						
3.						
4.						
5.						
6.						
7.						
8.						
9.						
10.						
11.						
12.						
13.						
14.						
15.						
16.						
17.						
18.						
19.						
20.						

O que eu aprendi

Avaliação de resultado

Dança

Habilidade: (EF15AR09)

Interpretação da resposta: A alternativa correta é a B. A alternativa A não apresenta nenhuma observação correta, ao passo que a alternativa C indica respostas parcialmente corretas: a articulação dos joelhos está dobrada, a articulação dos cotovelos está estendida; entretanto, além do apoio das mãos, deve-se observar que o movimento, para ser assim realizado, implica também o apoio na ponta de ambos os pés, uma vez que a palma de uma das mãos e as pontas dos pés é que dão sustentação para a realização do movimento.

Reorientação de planejamento:

Caso o estudante opte pela alternativa A, revise com ele a seção *Técnicas da arte – Sentidos, articulações, peso e apoios*, da Unidade 1 deste volume. Experimente retomar esses conceitos na prática, convidando o estudante a identificar articulações e apoios em seu próprio corpo. Nesse sentido, você e o estudante podem verificar quais articulações estão dobradas ou estendidas, assim como quais partes do corpo são utilizadas como apoio para a realização de diferentes movimentos.

O que eu aprendi

Dança

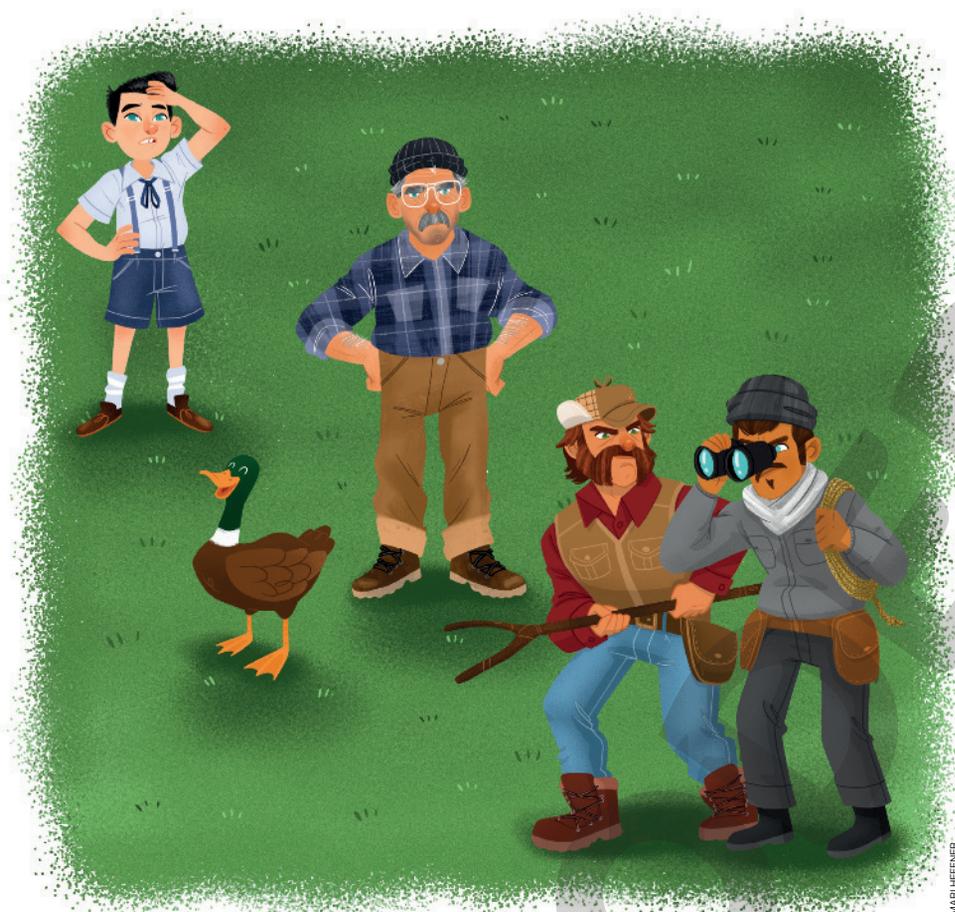
1. Observe a ilustração:



- Assinale a alternativa que melhor corresponde à descrição do movimento observado:
 - Articulações dos joelhos estendidas, articulações dos cotovelos dobradas, apoio na cabeça.
 - Articulações dos joelhos dobradas, articulações dos cotovelos estendidas, apoio da palma de uma das mãos e das pontas de ambos os pés.
 - Articulações dos joelhos dobradas, articulações dos cotovelos estendidas, apoio da palma de uma das mãos.

Música

1. Observe a ilustração das personagens da história *Pedro e o lobo*:



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

MARI HEFFNER

• Assinale a alternativa que descreve corretamente todos os sons que representam cada personagem:

- a. Pedro: lento; Pato: fraco; Avô: agudo; Caçadores: rápido.
- b. Pedro: agudo; Pato: forte; Avô: lento; Caçadores: forte.
- c. Pedro: agudo; Pato: lento; Avô: grave; Caçadores: forte.

Música

Habilidade: (EF15AR14)

Interpretação da resposta: A alternativa correta é a C. A alternativa A não apresenta nenhuma descrição correta. A alternativa B, por sua vez, apresenta descrições parcialmente corretas, com exceção de Pato: Forte e Avô: Lento. É esperado que os estudantes possam associar as características de cada personagem aos sons que os representam na história.

Reorientação de planejamento: Caso você avalie que a turma teve dificuldades em fazer as associações corretas entre as características dos personagens e os sons que os representam, retome a história da peça. Mostre os exemplos auditivos de cada personagem e convide os estudantes a descrever o som de cada um deles. Retome as propriedades do som para estabelecer as descrições: Qual a diferença entre um som grave e um agudo? E entre um forte e um fraco? Verifique, a partir desses levantamentos, se a turma consegue identificar e descrever os sons corretamente.

Artes visuais

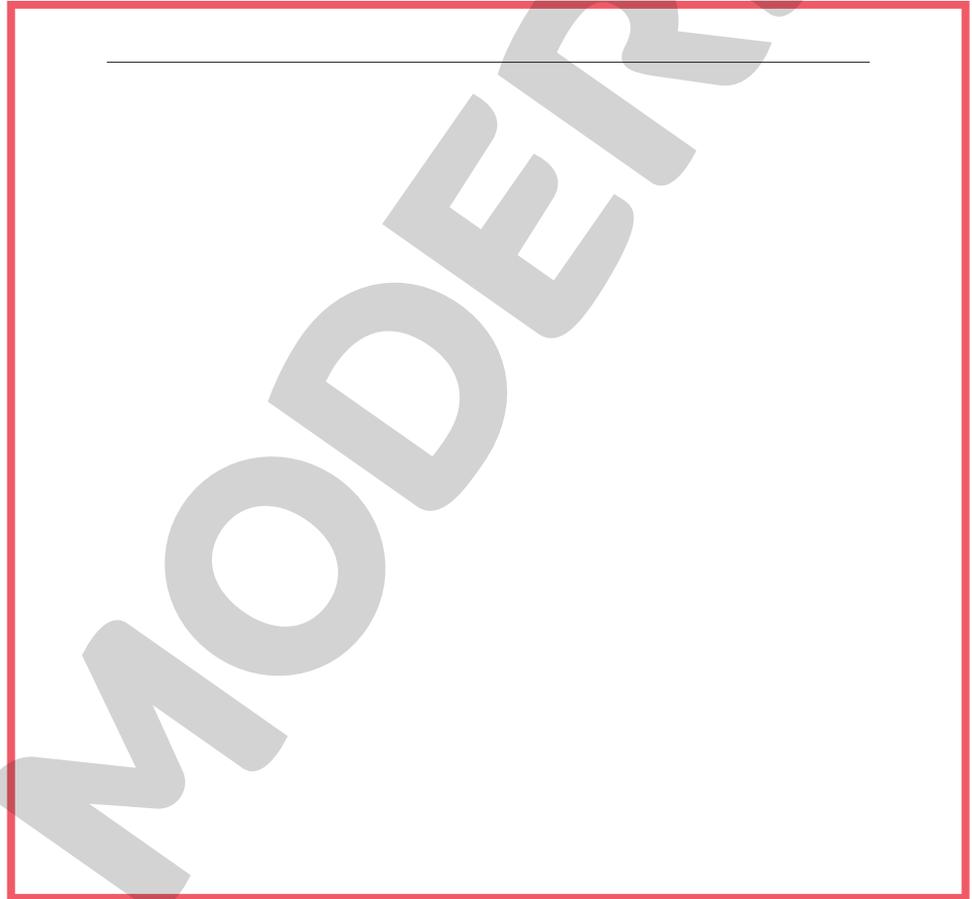
Habilidade: (EF15AR05)

Interpretação da resposta: A proposta alia, ao ato de desenhar, uma interação interpessoal, exigindo que os estudantes conversem sobre a atividade e que representem com suas faces as emoções para o outro desenhar. O professor deverá observar se eles tentaram efetivamente representar o outro e desenvolver aspectos subjetivos – a representação de emoções – por meio do desenho. Na atividade, o retrato deve ser entendido como uma forma de apresentar o outro e representar aspectos emocionais por meio da linguagem gráfica.

Reorientação de planejamento: Caso os estudantes não consigam trabalhar em conjunto, você poderá elaborar outras propostas que os ajudem a desenvolver essa habilidade, como a aplicação de brincadeiras que estimulem a interação e a colaboração. Fique atento ao fato de que a arte não apenas serve para representar as subjetividades, mas também para trabalhá-las, e, por isso, o desenho se converte, às vezes, em um espaço de introspecção para algumas crianças. Caso observe em algumas crianças a dificuldade de extrapolar ocasionalmente essa introspecção, explore outros formatos de desenho no espaço ou em tamanhos maiores de papel, permitindo aos estudantes maior ativação corporal e a composição de um desenho feito a várias mãos.

Artes visuais

1. Forme dupla com um colega e sente-se à frente dele.
 - a. Desenhe dois retratos de seu colega.
 - Para cada retrato que você fizer, o colega deverá expressar uma emoção diferente.
 - b. Depois de desenhar os retratos, escreva em cada um deles o nome que representa essa emoção.



Teatro

1. Escreva o nome de pelo menos três lugares onde peças de teatro podem acontecer.

Teatro

Habilidade: (EF15AR18)

Interpretação da resposta: Como vimos durante a Unidade 4, o teatro está presente em diferentes lugares, e não apenas nos espaços mais convencionais (as salas e anfiteatros). As respostas podem variar e devem ser consideradas válidas aquelas que relacionem um lugar à presença de público. Por exemplo: sala de teatro, sala de aula, rua, janela etc. Podem ser consideradas incorretas respostas como: fundo do mar, espaço sideral, Lua etc. As corretas possibilitam verificar se os estudantes compreendem o fenômeno teatral como parte do cotidiano e como entenderam, ao longo do trabalho na Unidade 4, a ampla possibilidade de definição desses espaços.

Reorientação de planejamento: Caso haja respostas que indiquem lugares onde não é possível fazer teatro, é preciso recorrer à imaginação dos estudantes para reorientá-las. Peça que, a partir das respostas, imaginem como seria uma apresentação de teatro nesse lugar. Em seguida, retome com a turma aspectos do trabalho com a imaginação, enfatizando que ela é fundamental para a realização do teatro, mas que este acontece em situações concretas e em lugares variados, porém, específicos.

Referências bibliográficas comentadas

Dança

ARROYO, Miguel G.; SILVA, Maurício Roberto da (orgs.). *Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança – por outras pedagogias dos corpos*. São Paulo: Vozes, 2012.

Coletânea de artigos sobre a relação entre corpo, infância e educação. Os autores recusam a separação entre corpo e mente e investem na abordagem de pedagogias corporais lúdicas e práticas para o pensamento do corpo da criança.

LEITE, Fernanda Hübner de Carvalho. *Contacto improvisação (contact improvisation): um diálogo em dança*. *Movimento*, ano 11, n. 2, p. 89-110, 2005.

O artigo apresenta uma revisão bibliográfica a respeito da formação histórica e dos princípios teórico-práticos que formalizam a técnica do contato-improvisação, desenvolvida pelo dançarino e pesquisador estadunidense Steve Paxton a partir da década de 1970.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Jogar, representar: práticas dramáticas e formação*. Trad. de Cássia Raquel da Silveira. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

Mesmo tendo sido escrito para um público-alvo de pedagogos teatrais, essa obra apresenta, de modo objetivo e reflexivo, uma série de questões e possibilidades para a condução de práticas lúdicas e improvisacionais em sala de aula. O livro não se constitui em um manual, mas em um diálogo filosófico com o pedagogo, em que os sentidos do jogo e do improviso em sala de aula são desdobrados.

VIANNA, Klaus. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.

O livro é uma autobiografia e contém um panorama das pesquisas de Klaus e Angel Vianna a respeito da consciência do movimento e da linguagem da dança pensada na direção de acolher a diversidade dos corpos.

Teatro

DIÓS, Olga de. *Monstro Rosa*. São Paulo: Boitatá, 2016.

Nesse livro direcionado ao público infantil, a autora espanhola Olga de Diós cria uma fábula sobre um monstro cor-de-rosa que tem dificuldade para se adequar a um mundo preto e branco. O livro lida com as diferenças entre as crianças de forma lúdica e imaginativa.

KNEBEL, Maria. *Análise-ação: práticas das ideias teatrais de Stanislávski*. São Paulo: Editora 34, 2016.

Nesse livro, a pedagoga e diretora russa Maria Knebel (1898-1985) expõe detalhadamente os procedimentos do Sistema de Stanislávski, com especial atenção à improvisação e à imaginação.

SENDACK, Maurice. *Onde vivem os monstros*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

O livro conta a história da amizade entre o menino Max e o monstro Carol, que, numa viagem fantástica, o leva para conhecer a terra onde vivem os monstros. Ali, a amizade dos dois se desenvolve, e Max faz importantes reflexões sobre como lidar com seus medos e traumas cotidianos.

VERNE, Júlio. *Viagem ao centro da Terra*. Porto Alegre: Martin Claret, 2018.

Livro clássico de Júlio Verne, considerado um dos pais do gênero ficção científica. Acompanhamos a história de uma expedição a um centro da Terra fantástico, cheio de criaturas fantásticas.

Música

ALLUCCI, Renata R. et al. (coords.). *A música na escola*. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012.

Material elaborado com o apoio do Ministério da Cultura e da mineradora Vale após a implementação da Lei no 11.769, que voltava a incluir a Música como disciplina na educação básica. O livro reúne diversas reflexões, rodas de conversa e propostas práticas pensando o ensino de música da Educação Infantil ao

Ensino Médio. Com recursos valiosos para o professor de Arte, está disponível para download gratuito no site <<https://musicanaescola.com.br/>>.

BRITO, Teca Alencar de. *De roda em roda – Brincando e cantando o Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2013.

Esse livro reúne brincadeiras musicais de diversos lugares do país e conta com gravações (disponíveis *on-line*) para uso na aplicação das brincadeiras. As brincadeiras variam entre cantigas de roda, cantos de trabalho e ritmos tradicionais brasileiros.

KINDERSLEY, Dorling. *Música para crianças*. Trad. de Eric Heneault e J.M. Couto. São Paulo: Publifolhinha, 2013.

Essa tradução do livro *Children's Book of Music*, da editora britânica Dorling Kindersley, traz um panorama da música em diversos lugares do mundo, desde a música antiga até a contemporânea. O livro é ilustrado e fala sobre diferentes estilos, compositores, culturas e instrumentos em uma linguagem apropriada ao público infantil.

PROKOFIEV, Sergei. *Pedro e o lobo*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

O livro traz o texto da peça composta por Prokofiev, que explora sonoridades dos instrumentos de uma orquestra a partir de uma história sobre Pedro, um menino que mora com seu avô perto de uma floresta onde vive um lobo feroz. Mesmo depois de ser advertido por seu avô sobre os perigos de explorar a floresta sozinho, Pedro decide ir à caça do lobo com um grupo de animais que são seus amigos.

Artes visuais

ARIES, Philippe. A descoberta da infância. In: PEDROSA, Adriano (org.). *Histórias da infância* [catálogo de exposição]. São Paulo: Masp, 2015.

Clássico da sociologia da infância, esse texto é parte dos estudos de Philippe Aries, que escreve a história de como se construiu a noção de infância, revelando que a arte não apenas representou esse processo, como também ajudou a forjá-lo por meio da imagem artística das crianças. Republicado no catálogo da exposição *Histórias da infância* do Masp, de 2015, o texto pode contribuir para que os professores reflitam sobre as transformações do tema ocorridas desde então, em especial no que tange à autorrepresentação e ao protagonismo das próprias crianças na representação de sua imagem e seu gosto nos dias de hoje.

DIEGUES, Isabel et al. *Arte brasileira para crianças*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.

O livro apresenta uma série de artistas brasileiros modernos e contemporâneos em linguagem acessível para crianças. Além de textos introdutórios, propõem-se atividades adaptadas para menores de 10 anos, com orientação ao uso de materiais acessíveis. As proposições dão a ver a gama de linguagens e materialidades que compõem a arte contemporânea e que a arte, há muito, não mais se limite a estrita representação figurada daquilo que vemos.

EMICIDA. *E foi assim que a escuridão e eu ficamos amigas*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

O livro para crianças do artista Emicida, que tem uma versão musicada e animada na internet, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QmWdk1G9_Gc>, apresenta uma poética abordagem sobre uma criança que conhece a si mesma à medida que aprende a se relacionar com o seu medo do escuro.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

Na introdução do livro, a professora e escritora bell hooks – assim mesmo, com letra minúscula – apresenta a estratégia que se repete em todos os textos reunidos na obra: por meio da sua história, levar-nos a refletir sobre a nossa própria história como estudantes e professores para, por meio delas, nos situarmos em relação a problemas contemporâneos da educação. Trata-se de um convite para pensar o tema da autorrepresentação e do autoconhecimento, trabalhados no livro pelo viés do retrato, por uma abordagem da pedagogia crítica, por meio da qual o professor pode visitar-se e reinventar-se ao trabalhar o tema na escola.



MODERNA



MODERNA

ISBN 978-65-5779-734-1



9 786557 797341